

PATRICK LOGAN



SACERDOTE RUIM

A COLEÇÃO COMPLETA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

PATRICK LOGAN



Table of contents

1. [Episódio 1: Liberdade](#)
2. [Episódio 2: Just Cigarettes](#)
3. [Episódio 3: Warm Piss](#)
4. [Episódio 4: Merzoth](#)
5. [Episódio 5: Eight Long Fucking Years Ago \(Oito longos anos atrás\)](#)
6. [Episódio 6: Blood Everywhere \(Sangue em toda parte\)](#)
7. [Episódio 7: Outro exorcismo fracassado](#)
8. [Episódio 8: Lies \(Mentiras\)](#)
9. [Episódio 9: Chantagem](#)
10. [Episódio 10: Anal Beads](#)
11. [Episódio 11: Radar](#)
12. [Episódio 12: Scratch](#)
13. [Episódio 13: Feeding Time \(Hora da Alimentação\)](#)
14. [Episódio 14: Evidência em vídeo](#)
15. [Episódio 15: Necrocanibalismo](#)
16. [Episódio 16: Brothers at Arms](#)
17. [Episódio 17: New Friends, Same Ol' Problems \(Novos amigos, os mesmos problemas de sempre\)](#)
18. [Episódio 18: Todos os becos da cidade de Nova York têm cheiro de xixi](#)
19. [Episódio 19: Episódio de preenchimento. Give Me a Break, Every Show Has One](#)
20. [Episódio 20: Esse plano é terrível. Simplesmente brutal. Será que esses idiotas vão aprender?](#)
21. [Episódio 21: Hot as Hell](#)
22. [Capítulo 22: Ainda não acabou](#)
23. [Epílogo: NGL, a maioria dos epílogos é apenas uma preparação para uma sequência. Esse não é diferente](#)
24. [Nota rápida](#)
25. [Outros livros de Patrick Logan](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Table of Contents](#)



Inscreva-se no meu boletim informativo *sem spam* para ficar por dentro dos novos lançamentos, participar de concursos especiais e receber descontos exclusivos.

Basta direcionar seu navegador para www.PTLBOOKS.com para começar!

Além disso, não deixe de conferir meu grupo no Facebook para discutir meus livros e qualquer coisa relacionada a terror ou suspense:
www.facebook.com/groups/LogansInsatiableReaders/

Bad Priest: A Coleção Completa

Nunca fui um grande padre. Talvez nem mesmo um bom padre. Mas foi só depois de oito anos - oito longos e *malditos* anos -, quando finalmente saí da prisão, que atingi todo o meu potencial como um padre *ruim*.

Exorcismos, esse é o meu negócio - pelo menos era antes de eu ser preso. O quê? Não acredita em possessão ou exorcismos? Eu também não. Mas isso não significa que eles não sejam reais. Não acredito em má sorte, mas isso não impede que coisas terríveis aconteçam comigo o tempo todo.

Acho que mereço, por ser um padre ruim e tudo mais.

O que eu não mereço é ser forçado a compartilhar meu corpo com um demônio.

Ninguém sabe.

Mas vamos fazer com que funcione, aprender a nos dar bem, caso contrário, serei cortado ao meio.

De dentro para fora.

E talvez, apenas talvez, esse padre mau possa fazer algo de bom antes de eu ser arrastado para o inferno com o demônio que possui minha alma.

Episódio 1: Liberdade

Episódio 2: Just Cigarettes

Episódio 3: Warm Piss

Episódio 4: Merzoth

Episódio 5: Eight Long Fucking Years Ago (Oito longos anos atrás)

Episódio 6: Blood Everywhere (Sangue em toda parte)

Episódio 7: Outro exorcismo fracassado

Episódio 8: Lies (Mentiras)

Episódio 9: Chantagem

Episódio 10: Anal Beads

Episódio 11: Radar

Episódio 12: Scratch

Episódio 13: Feeding Time (Hora da Alimentação)

Episódio 14: Evidência em vídeo

Episódio 15: Necrocanibalismo

Episódio 16: Brothers at Arms

Episódio 17: New Friends, Same Ol' Problems (Novos amigos, os mesmos problemas de sempre)

Episódio 18: Todos os becos da cidade de Nova York têm cheiro de xixi

Episódio 19: Episódio de preenchimento. Give Me a Break, Every Show Has One

Episódio 20: Esse plano é terrível. Simplesmente *brutal*. Será que esses idiotas vão aprender?

Episódio 21: Hot as Hell

Capítulo 22: Ainda não acabou

Epílogo: NGL, a maioria dos epílogos é apenas uma preparação para uma sequência. Esse não é diferente

Nota rápida

Outros livros de Patrick Logan

BAD PRIEST

Episódio 1: Liberdade

Eles mentem para você. Dizem que o sol é diferente do lado de fora.

Não é.

O sol é o mesmo globo grande e brilhante no céu, quer você tenha ficado preso por oito anos ou não.

Oito anos... oito longos anos, porra.

"Cole, você está se esquecendo de seus pertences."

O agente penitenciário Tyler Motte, um homem grande, com papada pesada e olhos fundos, está segurando um envelope de manila amarelo em uma mão carnuda. Ele é um dos bons e, aparentemente, isso também não muda do lado de fora.

Olho para o envelope. Parte de mim quer simplesmente dizer: "*Que se dane, eu não quero isso*" - *tudo isso ficou para trás.*

Parte de mim também acha que o pacote é pateticamente pequeno e fino. A totalidade dos pertences de um homem é embalada livremente em um envelope de oito e meia por onze polegadas.

No entanto, há algo de que preciso em meu interior.

"Obrigado."

Primeiro encontro meu isqueiro, depois meu maço de cigarros. O isqueiro foi um presente do meu avô, um zippo prateado com "Fuck Theocracy" gravado em um dos lados. Há rumores de que ele ganhou o isqueiro quando estava no Vietnã. É apenas um boato porque nunca conheci o homem.

Ele morreu no exterior e a única coisa que enviaram para meu pai foi esse isqueiro.

Apesar de não ser usado há quase uma década, ele se acende na primeira tentativa. Acendo um cigarro e inspiro profundamente, mas imediatamente começo a tossir.

A fumaça é nojenta - o isqueiro se mantém, mas o cigarro tem gosto de esterco de texugo seco e enrolado.

"Esses estão muito velhos, Cole. Aqui, pegue um dos meus".

Pego um novo cigarro de Tyler.

Muito melhor.

Muito melhor.

Fumo por um minuto, olhando para o deserto que circunda a Central New Mexico Correctional Facility, o lugar que chamei de lar por oito anos.

Todos os dias eu desejava estar do lado de fora. E agora que estou livre, seria de se esperar que eu quisesse sair daqui, deixar esse lugar

para trás e nunca mais olhar para trás.

E, no entanto, é como dizer adeus a um amigo. Um amigo que o sacaneou de todas as formas desde o domingo, mas, mesmo assim, um amigo.

"Tenho que ir, Cole. Tem alguém vindo buscá-lo?" Tyler pergunta.

Balancei a cabeça.

"Não, vou apenas caminhar."

O guarda me olha com estranheza, mas depois dá de ombros.

"Cuide de você, Cole."

"Você também."

Eu me viro e, atrás de mim, ouço o portão se fechar.

Sozinho, dou uma olhada no envelope de manila. Além do maço de cigarros velhos e do meu isqueiro, há também minha carteira, que retiro e coloco no bolso.

É então que eu o vejo - o último item, pressionado contra a lateral e pouco visível.

Meus lábios se curvam em uma careta e eu trago o cigarro com força.

Minha coleira de clérigo - também conhecida como coleira de cachorro. O pedaço de tecido branco, com uma polegada e meia de largura e quatro polegadas de comprimento, parece me encarar.

No envelope, é apenas um pedaço de tecido. No entanto, ao vesti-lo, tudo muda.

Olho por cima do ombro para o portão turquesa enferrujado.

Meu colarinho de clérigo não tinha poder suficiente para me manter fora de lá, mas, paradoxalmente, tinha influência suficiente para garantir que eu permanecesse vivo por dentro.

Termino minha fumaça e a apago com a sola da minha bota de caubói no momento em que o som de um motor cansado, transportado pelo ar pesado do deserto, chega aos meus ouvidos.

Não vejo o carro, mas com certeza vejo a poeira. O veículo deve estar fazendo um rabo de peixe, porque a nuvem de sujeira que ele levanta é como um dervixe rodopiante vindo em minha direção.

O carro para a poucos centímetros de minhas botas de cowboy, enviando um jato de cascalho em minha direção. Inclino-me para trás e protejo meu rosto com a dobra do cotovelo.

Uma porta se abre e um homem salta para fora.

"Padre Bannen, é muito bom vê-lo!"

Os braços me envolvem em um abraço.

Eu não retribuo.

"Você deveria ter ligado - eu nem sabia que você estava saindo. Se não fosse pelo fato de o policial Motte ter me dito, eu não saberia..."

"Agora é só Cole. Nada dessa merda de pai."

A expressão no rosto do homem diz tudo. Ele está magoado e eu

não o culpo. Depois da bagunça que deixei para o homem quando entrei, estou surpreso que ele tenha vindo.

Esse é o motivo pelo qual eu não havia entrado em contato.

Mas Diego é muito leal. Durante todo esse tempo, ele não disse uma única palavra. Eu sei disso porque, se ele tivesse dito, eu provavelmente teria sido um homem livre muito antes.

É complicado.

Mas não se preocupe, seu bastardo impaciente, você descobrirá a verdade em breve.

"Sinto muito, Diego... mas obrigado por ter vindo. Isso significa muito para mim."

Diego sorri. Ele tem uma mecha de cabelo preto escuro e um rosto redondo e agradável. Não parece que ele tenha mudado muito. Olho de relance para sua camiseta amarela desbotada. Talvez ele tenha engordado um pouco na altura do meio, mas ele podia se dar ao luxo de engordar - ele costumava ser uma coisa de trilhos.

"É muito bom ver você. Já faz *tanto* tempo".

"Muito tempo", admito.

Ainda me sinto ligeiramente desconfortável - sei que deveria abraçá-lo de volta, mas na prisão tocar outro homem tem consequências específicas e indesejáveis.

Talvez eu supere isso um dia, talvez não. Mas me dê um tempo - eu nem sequer fiquei fora tempo suficiente para terminar um cigarro.

Eu me contento com um aperto de mão.

Diego hesita em um primeiro momento, mas depois sorri e seu pequeno braço se move para cima e para baixo com entusiasmo.

"Vamos, entrem."

Diego ainda está dirigindo o mesmo carro de antes de eu ir para a cadeia: um Crown Victoria amarelo mostarda de baixa qualidade. Quando era mais novo, muito mais novo, provavelmente era um táxi orgulhoso da cidade de Nova York.

Não mais. Agora era o celular do motorista do padre Cole Bannen.

Não, não é o padre Cole Bannen, eu me repreendo. *Não quero mais isso. Agora é só Cole Bannen.*

Discutir com outros homens na prisão também tem consequências. Portanto, acostumei-me a discutir comigo mesmo.

Eu só gostaria de ganhar mais dessas disputas.

O Crown Vic tem um cheiro tão ruim quanto parece. Como suor velho com tons de mijo azedo.

O mesmo, o mesmo - mas não sou de reclamar. O cheiro é melhor do que o do meu celular. *Muito* melhor.

"Para onde, Fath - quero dizer, Cole."

Volto a olhar para o meu envelope e vejo a coleira do cachorro. Depois, olho para o maço de cigarros que nem percebi que ainda

estava segurando.

"Você quer comer alguma coisa? Talvez ir tomar um banho? Eu posso..."

"Fumaça - preciso de fumaça, Diego. Leve-me até a loja mais próxima." Amassei o pacote. Em seguida, pego o colarinho, meio esperando que ele chamusque as pontas dos meus dedos. "Pensando bem, me leve até a *Denise's*."

Quando Diego não coloca o carro em marcha, levanto os olhos para ver suas íris escuras no espelho retrovisor.

"Só para fumar, Diego. Só para fumar."

A mentira não é convincente, mas quem se importa? Agora sou apenas o Cole. Um ex-presidiário normal, cumpridor da lei. Posso mentir. *Todo mundo* mente. Não preciso me preocupar com o fato de que Deus Todo-Poderoso vai descer com seu dedo gigante e manicurado e tocar minha orelha como penitência.

Eu inclino minha cabeça.

Alguma vez me preocupei com isso? Não sei. Talvez não. *Provavelmente* não.

Ah, ótimo, outro argumento que não tenho chance de vencer.

Bem, uma coisa em que sou absolutamente unânime é que o Padre Bannen é coisa do passado - apenas uma ideia. Uma ideia que deixei na cela de 2,5 por 3 metros.

Ainda assim, quando Diego pressiona o acelerador e levanta outra nuvem de poeira, eu não encolho o colarinho como fiz com os cigarros.

Em vez disso, coloquei-o no bolso com meu isqueiro gravado com as palavras "Fuck Theocracy" (Foda-se a Teocracia).

Depois, abro a janela e inclino a cabeça para fora como um cachorrinho e respiro o ar fresco.

Ar livre.

O sol pode ser o mesmo, mas, droga, se o ar não parece melhor do lado de fora... mesmo que esteja contaminado por anos de estofamento encharcado de suor de Diego.

Denise não é uma pessoa. Quer dizer, ela é, mas *Denise's* se refere a um lugar, e não à mulher septuagenária com cabelos loiros descoloridos e seios tamanho E triplo, que é a proprietária/operadora homônima.

O *Denise's* também é um clube de striptease e, apesar de passar das dez da manhã, está aberto há horas. Pensando bem, acho que ele nunca fecha.

"Apenas cigarros, certo?"

Diego parece preocupado, e ele tem todo o direito de estar. Estou

ciente da existência de clubes de striptease de classe em Albuquerque e arredores, mas é aí que termina minha experiência com eles. Este é o *Denise's* e, situado no meio do deserto, com um estacionamento que sempre tem alguns carros, independentemente da hora do dia, você pode imaginar que tipo de casa é essa. Sua proximidade com a penitenciária central do Novo México também deve revelar algo sobre ela.

A *Denise* é um monte de coisas.

Não é elegante.

E isso não diz nada sobre nossa história pessoal e ilustre.

"Sim, apenas fuma."

Saio do carro mofado de Diego e corro para a loja de conveniência que fica anexa à boate. Em contraste com as luzes de neon cursivas do clube de striptease, a loja de conveniência tem uma placa simples desenhada à mão que diz: "Aberta 24 horas por dia, 7 dias por semana". Ela nem sequer tem um nome - não é necessário. Por mais isolado que seja o *Denise's*, faz sentido montar uma pequena loja onde as pessoas possam comprar sanduíches velhos, cachorros-quentes vencidos e um maço de cigarros ou uma garrafa de bebida antes ou depois de saírem do estimado estabelecimento.

Digo a mim mesmo que vim para cá porque preciso de minha dose de nicotina e este é o lugar mais próximo da caneta. Mas eu estaria mentindo se dissesse que estar aqui não me traz ondas de nostalgia.

Tive muitos bons momentos na *Denise's* e apenas uma experiência muito, *muito* ruim.

Abro a porta, fazendo soar uma pequena campainha acima dela. Ao contrário da *Denise's*, as luzes dentro da loja de conveniência são brilhantes e duras, e tenho de apertar os olhos, mesmo vindo de debaixo do sol quente.

A loja de conveniência também não mudou. Já ouvi histórias de pessoas que dizem que, depois de serem libertadas, não conseguem entender o novo mundo. Tudo é tão complicado que elas não conseguem lidar com isso, e o único recurso que têm é cometer outro crime para serem mandadas de volta para a prisão. No início, quando você está trancado e não pode sair da cela, exceto em determinadas horas, tem de comer de acordo com um cronograma rigoroso e, em última análise, tem pouco controle sobre sua vida, sua ansiedade vai às alturas. Mas, com o tempo, você se acostuma com a rotina, e a dura realidade de sair da prisão e não ter essa estrutura geralmente leva à reincidência.

Mas eu só estava atrás das grades há oito anos e, embora 2015 seja muito diferente de 2023, sem dúvida, o mundo ainda parece quase o mesmo.

Eles ainda têm clubes de striptease, pelo menos. E carros de merda.

Dirijo-me diretamente ao balcão, esperando ver Denise ocupando seu posto. Eu já tinha pensado várias vezes nessa interação e debatido se queria ou não que ela acontecesse.

Não tenho nenhuma animosidade contra a mulher, apesar do que aconteceu aqui. Mas, ainda assim, não tenho certeza se ela se sente da mesma forma.

Algumas coisas mudam, aparentemente, porque Denise não está atrás do balcão. Em vez disso, seu rosto bonito, mas cheio de rugas, foi substituído por um homem com lábios grossos e bochechas sardentas.

"Sim?"

Essa atitude é típica *de Denise* - *tanto* no clube de strip quanto na loja de conveniência. Ainda assim, há algo na maneira como o homem diz essa única palavra que me deixa nervoso.

"Luzes de Marlboro."

Enquanto o homem se vira e procura o maço de cigarros, meus olhos se voltam para a parede de bebidas atrás do balcão. Há as garrafas típicas, bem como alguns uísques mais sofisticados, mas meus olhos naturalmente gravitam em torno do *Johnny Walker Red Label*.

Eu lambo meus lábios.

Do lado de fora, o *Johnny Red* sempre foi minha bebida preferida. Do lado de dentro, a seleção é menos diversificada. Vinho da prisão, feito de pão mofado e fermentado em uma meia de ginástica suada, para todos.

O grande equalizador de classes.

Yum.

Demoro um pouco para perceber que o homem com sardas já colocou meus cigarros no balcão e está me encarando, aguardando o pagamento.

Pego minha carteira e coloco uma das duas notas de cinco dólares que tenho em meu nome no balcão.

O homem olha para o dinheiro, mas não faz nenhum movimento para pegá-lo.

"8.50."

8.50? Porra, o mundo realmente virou uma merda em oito anos.

Com relutância, entrego meus últimos cinco dólares e ele me dá o troco.

"Mais alguma coisa?"

O homem deve ter me pegado olhando para as garrafas de álcool.

Eu *quero* um drinque.

Caramba, como eu quero um drinque. Ah, você sabe, porque estamos no deserto, certo? Ar seco e tudo mais?

Meus lábios estão ressecados.

Sim, esse é o motivo.

Mas US\$ 1,50 não vai ser suficiente. Posso voltar ao carro e pedir dinheiro a Diego, mas isso não parece certo.

"Não, eu estou..."

"Acabado de sair?"

Agora, o Grumpy Pants não está mais falando sobre o dinheiro.

Aceno com a cabeça.

"Bem, temos um especial para aqueles que vêm da prisão. O primeiro drinque é por conta da casa."

Fico olhando para o homem como se ele tivesse três cabeças.

"O quê? Está falando sério?"

Algo nele sugere que a última vez que ele fez uma piada foi durante a Era Nixon.

O homem aponta para uma porta que eu nunca tinha visto antes. Ela fica ao lado, logo atrás do balcão, toda pintada de preto, e parece ter cerca de um metro e meio de altura.

Já entrei nessa loja de conveniência dezenas, se não centenas, de vezes antes, em vários estágios de embriaguez, mas juro que ela nunca esteve aqui.

As coisas estão ficando estranhas.

Primeiro um drinque gratuito e agora uma porta para strippers anãs?

"Sério. O primeiro drinque é por conta da casa."

Estou cético, até mesmo duvidoso, mas quando ele se aproxima e abre a porta e as lojas de conveniência são inundadas com o baixo rítmico característico de todos os clubes de striptease em que já entrei?

Estou sobrecarregado.

Que se dane a nostalgia - essa é uma resposta mais visceral que estou sentindo agora.

Meus testículos realmente tremem - de uma maneira boa.

Oh, isso o incomoda? Ok, aviso justo, é melhor você parar agora.

As coisas estão prestes a desandar.

Rápido.

"E aí? Você quer entrar?"

Dizem que há certas decisões em sua vida que funcionam como uma encruzilhada.

O primeiro foi o que aconteceu aqui na *casa da Denise* há pouco mais de oito anos. Foi uma encruzilhada, sem dúvida.

Enquanto olho para o interior do clube de striptease, tenho a forte sensação de que essa é mais uma dessas decisões. E é muito apropriado que ela aconteça aqui, fechando o círculo.

Lambo meus lábios novamente e dou um passo à frente.

Você pode me culpar? Não, não. É uma bebida grátis.

Grátis.

E estou com sede.

Além disso, para que fique registrado, eu não me importaria de olhar para uma bunda que não estivesse coberta por um centímetro de pelos, sabe?

Não, você não pode me culpar por nada disso.

Posso não ser mais um padre, mas, caramba, ainda sou um homem americano vivo, que respira e tem sangue vermelho.

E estamos em 2023 - se você acreditar nas notícias, o que é sempre verdade, não restam muitos de nós.

Somos praticamente uma espécie em extinção.

"Ah, sim, eu quero entrar."

Espero que, desta vez, eu não saia com as mãos atrás das costas e algemas mordendo meus pulsos.

Hope... certo, aquele irmão bastardo da fé. O que algum deles me fez de bom?

O quê?

Episódio 2: Just Cigarettes

Sexo, drogas e álcool.

É claro que você pode obter tudo isso na prisão, mas talvez não seja a variedade que você procura.

Mas na *casa da Denise*?

Bem, eles têm o melhor de todos os três.

O lugar está mais movimentado do que eu me lembro para esse horário, e vejo pelo menos uma dúzia de clientes. Metade deles está no bar, enquanto os outros estão na fila dos pervertidos - os assentos bem em frente ao palco.

Suspeito que haja pelo menos o dobro desse número nas salas dos fundos também.

No momento, o palco está vazio, mas conheço a principal regra de *Denise*: não importa a hora, não deve haver mais do que um intervalo de cinco minutos entre as apresentações.

O que significa

"De jeito nenhum!"

Reconheço a voz e me viro.

Davey Scump está de pé com as mãos nos quadris, com seus músculos avantajados aparecendo por baixo de uma camiseta preta justa. Há um pouco de grisalho nas têmporas de seu cabelo curto, mas a única mudança significativa que vejo no homem de oito anos atrás é que ele parece ter engordado um pouco.

E, a julgar pelas veias que descem em cascata por seus bíceps e pelas pernas que ele chama de antebraços, tudo é músculo.

"Padre Cole Bannen - em carne e osso?"

Coço a nuca, um pouco desconfortável com o encontro.

"Apenas Cole."

O homem se apressa e, felizmente, estende a mão em vez de tentar me abraçar. Só que, quando nossas mãos se encontram, ele me puxa para um abraço de irmão.

Que merda. Isso de novo.

Ao contrário de Diego, o aperto de Davey é firme, como ferro, e eu simplesmente o faço. Por fim, o segurança me solta.

"Espere, você acabou de..." Davey não precisa terminar a frase. Eu sei o que ele vai perguntar.

"Sim. Há cerca de meia hora." Tiro meus cigarros e os mostro a ele. "Só vim aqui para fumar um pouco."

Um som profundo e estrondoso sai da garganta de Davey. Uma risada, eu acho.

"Sim, cigarros, claro. Bem, acenda um, então."

Não preciso que me perguntem duas vezes. Assim que dei a primeira tragada, Davey levantou a mão e indicou que uma das

mulheres com pouca roupa se aproximasse.

"Você ainda bebe Johnny Red, certo?"

Antes que eu possa responder, ele já está falando com a garçonete do coquetel em meu nome.

"Johnny Red para meu amigo". O sorriso de Davey fica ainda mais largo. "Quer saber? Dê a ele o especial enquanto estiver fazendo isso".

Não tenho certeza do que é especial, mas fico cada vez mais desconfortável quando vejo a expressão da garota de lingerie rosa.

"Não, estou apenas..."

"Que se dane isso. Quanto tempo você conseguiu?"

Olho para baixo, subitamente interessado na ponta brilhante do meu cigarro.

"Oito anos."

"Oito anos?" A voz de Davey se embarga. "Por isso? Não, Cole, você vai ter o especial. E é por conta da casa. *Jesus*."

Sei que não devo discutir com o chefe. Enquanto a garçonete sai correndo, Davey me guia até uma mesa próxima aos fundos. Não é bem a sala de champanhe, mas está longe o suficiente das sombras para que, a menos que você esteja olhando especificamente em minha direção, não me note.

Do jeito que eu quero.

Eu me sento na parte de trás da cabine, e ele se senta à minha frente.

"Você estava na Central, certo?"

"Sim."

"Você já conheceu meu filho..."

Uma voz estrondosa irrompe repentinamente de um punhado de alto-falantes, cortando Davey no meio da frase.

"Senhoras e senhores, juntem as mãos e deixem seus paus duros para a Chastain!"

As luzes se apagam e a música muda. É uma mudança tão dramática que até Davey, que provavelmente já viu todos os shows já apresentados no *Denise's* pelo menos uma dúzia de vezes, se vira para olhar.

Eu mesmo conheço a maioria dos frequentadores daqui, mas os clubes de striptease tendem a ter uma rotatividade maior do que os funcionários do McDonald's.

Não reconheço Chastain, nem pelo nome nem pela aparência.

Mas não estou reclamando.

Ela é alta, com pernas que duram dias, cabelos loiros e um rosto bonito. Ela está usando uma roupa preta com espartilho, mas sei que não vai durar muito tempo.

Nós dois observamos quando ela começa a dançar.

Não sei se é porque estou na prisão há oito anos, mas, por algum

motivo, a maneira como ela se move parece quase hipnótica. Combina perfeitamente com a música, algo que também é estranho. Como eu disse antes, o *Denise's* não é um lugar de classe, e isso geralmente se reflete no talento. Isso não quer dizer que as strippers sejam viciadas em metanfetamina, pois Denise jamais permitiria isso, mas também não são garotas universitárias que estão tentando trabalhar para passar o tempo na escola.

Essa garota, essa Chastain, ela é demais...

"Seu especial chegou". Davey diz, quebrando o feitiço. "Vamos nos encontrar depois. Divirta-se, pai."

Quero corrigi-lo novamente e dizer que não me chamo mais de Padre Cole Bannen, ou Padre, ou padre, ou qualquer outra coisa que não seja apenas Cole, mas a garçonne de rosa rouba minha atenção.

O mesmo acontece com a bandeja que ela coloca na minha mesa quando se aproxima de mim. Nela há duas coisas: uma grande quantidade de um líquido marrom que presumo ser Johnny Red e um pequeno saco de pó branco que presumo ser cocaína.

Pego o primeiro e levo o copo aos meus lábios.

Minha primeira suposição se confirmou, e é delicioso pra caramba. Ele queima, mas é uma boa queimadura.

A totalidade dos três dedos de Johnny Walker Red é consumida em apenas alguns goles.

Em seguida, pego o saco de cocaína, sem saber o que fazer com ele.

Estou tentado a fazer uma fala aqui mesmo - ninguém se importaria se eu fizesse isso. Até o Davey espera que eu o faça, mas antes que eu possa me decidir, a garçonne do coquetel de repente se ajoelha.

Como a mulher no palco, é um movimento fluido e, antes que eu perceba, ela já está entre minhas pernas, forçando habilmente meus joelhos a se abrirem com os cotovelos.

"Não."

É uma recusa fraca e, quando ela abre o zíper da braguilha da minha calça jeans e a coloca para dentro, qualquer tipo de atitude cavalheiresca que eu possa ter tido vai por água abaixo.

Oito anos.

Oito longos anos.

Já estou completamente fora da calça jeans, totalmente duro, sem nem mesmo ouvir a música estrondosa ou me importar com o fato de que estou prestes a receber um boquete dentro de um clube de striptease, segurando um saco de cocaína em uma mão e um copo vazio na outra.

Ela me belisca, e eu penso: "Isso *vai ser* especial". Quando olho para ela, fico surpreso ao descobrir que a mulher está olhando para mim, sorrindo.

Então, algo acontece.

As luzes da boate piscam, ou talvez um estroboscópio se apague, e seus lindos olhos azuis mudam. É apenas uma ilusão, mas é assustador como o inferno.

Suas íris se tornam amarelo-esverdeadas e suas pupilas parecem se dilatar, tornando-se quase reptilianas por natureza.

"Você gosta disso, padre Bannen?" Sua voz... algo aconteceu com sua voz. Ela é grossa e profunda. Ressonante de alguma forma.

"Jesus Cristo!"

Eu a empurro para trás com meus joelhos, e ela cai de bunda no chão. Enquanto me esforço para puxar minhas calças, Davey se aproxima rapidamente.

"O que há de errado?"

Seus olhos se voltam acusadoramente para a garota no chão.

"Eu não sei. Eu estava lhe dando o especial, assim como..."

Balancei a cabeça. Sua voz está suave e doce agora.

"O *especial*? O que há de errado com seus olhos? E sua voz?"

A garota parece confusa e magoada.

"Meus... meus olhos?"

Davey está olhando para mim agora da mesma forma que estava olhando para ela.

Eu sei o que ele está pensando - o que ambos estão pensando: que eu enlouqueci na cadeia.

Eu não seria o primeiro preso a sair da prisão com uma dose pesada de TEPT.

Mas não é isso.

Eu a vi mudar... Eu vi seus olhos mudarem e sua voz...

"Que porra foi essa?" Eu pergunto.

Davey ajuda a garota a se levantar e sussurra algo em seu ouvido. Eu a observo se recompor, principalmente seu orgulho a essa altura, e então ela volta correndo para o lugar de onde veio.

"Essa cocaína é uma droga muito forte. Quase pura."

Balancei a cabeça e mostrei a Davey a bolsa fechada em minha mão direita.

"Eu nem sequer..."

E é aí que a merda bate no ventilador.

As portas da frente *do Denise's* se abrem, não a pequena que leva à loja de conveniência, mas as portas duplas que normalmente são guardadas por pelo menos um segurança. A luz do sol inunda o *Denise's*, cegando a maioria dos clientes. O fato de eu estar perto do fundo significa que sou felizmente poupado dos raios agressivos, mas não da confusão que se segue.

Um homem negro grande, com uma camiseta idêntica à de Davey, tropeça do lado de fora e cai de cara no chão.

Em seguida, a cavalaria entra em ação.

"Polícia de Albuquerque! Todos para baixo, *agora!*"

Eu tive oito anos para pensar sobre esse momento.

No entanto, em minha segunda tentativa, faço exatamente a mesma coisa que fiz na primeira vez.

Eu congelo.

"Todos, desçam!"

A música é cortada e as lanternas banem o pouco de escuridão que resta dentro da boate.

Agora, sei o que você está pensando: Não estou fazendo nada de errado. Então, provavelmente devo me ajoelhar e fazer exatamente o que os policiais dizem.

Mas como um padre praticante, aprendi o valor dos detalhes. Não vamos ignorar o fato de que eu literalmente acabei de sair da prisão há meia hora, minhas calças estão praticamente penduradas nos joelhos, meu pênis está esfriando e estou segurando um saquinho de cocaína em uma das mãos.

Minha única graça salvadora é que Davey me levou para os fundos do clube, o local mais distante das portas da frente. Embora várias lanternas já tenham me iluminado, elas não se demoram, e isso dá tempo suficiente para que minha mente e meu corpo se descongelem.

A primeira coisa que faço é colocar a cocaína no bolso. Uma ideia melhor teria sido jogá-la fora, é claro, mas tenho pouco tempo e preciso tirar algo da calça jeans de qualquer maneira.

Troco a coca-cola por outra coisa e, em seguida, pego minha garganta no momento em que o policial mais próximo se aproxima de mim e espirra em meu rosto uma luz ofuscante.

"Você! Deite-se no chão!" O policial é jovem, com uma mandíbula severa e olhos intensos. Ele tem uma pistola apontada para o meu peito.

Eu me atrapalho com minha coleira, tentando desesperadamente colocá-la no lugar.

"Eu disse, *deite-se no chão!*"

Desisto da sutileza e simplesmente prendo a coleira do meu cachorro de forma grosseira, momentos antes de parecer que o policial vai esmagar meu nariz com a coronha da arma.

"*Pecador!*"

Olha, sim, eu entendi, não é a frase mais inteligente já dita, mas estou tentando confundir tanto quanto estou me arrependendo. E, a julgar pela expressão estranha que cruza o rosto do jovem policial, pode ter funcionado.

Decido abusar um pouco da sorte e estendo as mãos para os lados em uma pose reverente.

"Pai?", disse o policial.

Aceno com a cabeça e aponto para o cliente mais próximo, que por

acaso é um homem hispânico com a cabeça raspada e tatuagens subindo pelo pescoço.

"Pecador! Vocês são todos pecadores!"

O policial confuso olha por cima do ombro.

"Temos um... um padre aqui...? Ei, Mando, o que eu... o que eu faço com um padre?"

Todos os outros policiais estão preocupados e "Mando", quem quer que seja, não responde. A arma do policial está mais ou menos apontada na minha direção, mas agora o cano está preguiçosamente apontado para o meu quadril e não para o meu peito. O policial, ainda intensamente perplexo, se afasta lentamente, tentando chamar a atenção de seu superior.

Esta é a minha chance, e agora, ao contrário de oito anos atrás, quando eu apenas enfiei o rabo do pênis *entre* as pernas na *bunda*, eu a aproveito.

Movendo-me rapidamente, mas certificando-me de manter as poucas sombras que restaram, deslizo pela parte de trás da cabine, tomando cuidado para evitar o olhar de todos.

Não abusei da sorte e fui para as portas da frente. Embora o ato do padre possa ter confundido um jovem policial, ele não funcionará com uma dúzia de veteranos experientes.

Sim, oficial, é isso mesmo - estou aqui fazendo uma pesquisa. Veja, para entender os caminhos do demônio, é preciso testemunhá-los em primeira mão. Mão... trabalho? Não, senhor, minhas calças estão abaixadas porque eu estava apenas verificando se permaneci casto.

Mas o problema é o seguinte: não preciso sair pela porta da frente porque conheço uma porta secreta de um metro e meio de altura que leva à loja de conveniência adjacente.

Talvez seja uma intervenção religiosa, ou talvez seja apenas pura sorte. Seja qual for o motivo, consigo chegar a essa porta e abri-la sem ser notado.

Quando estou na loja de conveniência, não hesito.

Eu me viro e corro, passando correndo pelo homem com sardas que ainda está atrás do balcão, de alguma forma alheio ao ataque à *Denise*.

"Onde você está indo? Ei! Ei!"

Eu o ignoro e corro para fora. *O estacionamento principal do Denise* está lotado de carros de polícia, e não vejo o veículo de Diego em lugar algum.

Por um breve momento, tenho certeza de que ele fugiu - e, mais uma vez, não o culpo.

Mas, como você já sabe, Diego é tão leal quanto parece. Avisto seu carro amarelo atrás de uma lixeira e, quando corro em direção a ele, Diego abre a porta traseira.

"Ligue o carro!" Eu grito, distintamente consciente de que agora

estou estrelando um remake de Tarantino de um comercial da IKEA.
"Ligue a *porra* do carro!"

Eu mal estava dentro do veículo quando Diego acelerou. Os pneus giram por um momento antes de ganharem tração no cascalho solto.

E avançamos em disparada, pulando o meio-fio e atravessando uma queimada gramada antes de aterrissar com força na estrada.

Dou meia-volta e fico olhando pela janela traseira, rezando para que os policiais não nos sigam.

"Apenas cigarros, certo, padre Cole?"

Levanto a mão e acaricio meu colarinho.

Dessa vez, não corrijo meu amigo.

Mas não é nele que estou pensando quando tomo a decisão de não remover imediatamente o tecido que envolve minha garganta.

É a garota. Aquela com os olhos fodidos e a voz ainda *mais* fodida.

"O senhor gosta disso, padre Bannen?"

Já ouvi falar de garotas sedentas antes, é claro, e quero dizer realmente *sedentas*. Mas algo me diz que a stripper na boate não estava interessada em uma injeção de carne quente, mas em algo mais... *primitivo*.

"Não", digo em voz alta, respondendo à pergunta da stripper em vez da do meu parceiro, que tem uma expressão estranha estampada no rosto. "Eu *não* gostei disso."

Talvez... talvez as coisas sejam um pouco mais diferentes em 2023 do que eu pensava. E talvez eu mantenha esse colarinho por mais algum tempo.

Por precaução.

Não pode machucar, certo?

Episódio 3: Warm Piss

Acho *que* o padre Cole Bannen está de volta.

Não tenho certeza se devo ficar chateado ou extasiado com isso.

Prometi a mim mesmo que as coisas seriam diferentes dessa vez. Prometi a mim mesmo que, quando saísse da prisão, deixaria de ser padre. Eu sei, eu sei; você deve encontrar Deus na prisão, não perdê-lo.

E embora eu tenha descoberto muitas coisas enquanto estava preso, nenhuma delas era o Senhor.

No entanto, conheci um homem chamado Tyrone que achava que era Deus. De fato, ele estava tão convencido disso que, de alguma forma, conseguiu se matar por meio de estigmas.

Mas isso foi o mais próximo que cheguei de Deus.

Mais uma vez, sinto a coleira em minha garganta. Está mais apertado? Não, não pode ser - isso é apenas minha imaginação.

Na verdade, não consigo acreditar que tenha funcionado. Não acredito que ver um padre em um clube de striptease era um conceito tão estranho para o jovem policial que ele se distraiu o suficiente para que eu escapasse.

Claramente, sua experiência com padres é muito diferente da minha.

"É bom tê-lo de volta, pai."

Se isso viesse de outra pessoa, eu pensaria que estavam zombando de mim.

Mas não Diego.

Eu o vejo levar a mão ao peito e massagear a cruz através da camiseta fina.

Isso também pode parecer um gesto de zombaria para um padre que é conhecido por ter perdido sua fé.

Mas esse é um hábito real de Diego.

"Sim, acho que estou de volta."

As palavras são como manteiga em minha língua. Manteiga que foi deixada no balcão por um mês.

Suspiro e fecho os olhos.

"E se eu estiver de volta..."

"Então você quer trabalhar."

Eu ia dizer 'faça a coca no meu bolso', mas Diego, como sempre, é a voz da razão.

"Sim, trabalho." Acendo outro cigarro e expiro pela janela. Estamos dirigindo há uns bons dez minutos desde que saímos da *casa da Denise*, mas não tenho ideia de para onde estamos indo. E isso não me interessa. "Por falar nisso, quais são as chances de você ter um emprego para mim?"

A ideia de trabalhar agora parece ridícula; estou com as bolas azuis, um pouco de zumbido, cocaína não usada queimando um buraco no meu bolso e sentimentos confusos sobre uma stripper potencialmente possuída.

Mas lembra-se do que eu disse sobre estrutura e rotina?

Não, eu também não.

Mas tenho certeza de que foi algo relacionado à necessidade.

Diego está com um grande sorriso no rosto, e isso me deixa confortável. Porque Diego, meu fiel amigo e assistente, está quase sempre sorrindo.

"Eu tenho um trabalho." Ele está radiante agora, mas não compartilho de sua natureza jovial nem de seu entusiasmo. Não é um princípio, apenas uma situação. "Há uma garota em Albuquerque, de 14 anos. Os pais entraram em contato com a igreja, mas como o pai não é crente, eles não querem ajudá-la."

Dou uma última tragada e jogo o cigarro pela janela.

"*Não quer ou não pode?*"

Diego dá de ombros.

"Deixe-me adivinhar, essa garota tem um histórico de uso de drogas?"

Diego dá de ombros novamente. Sua maneira de dizer *sim*, sem dizer *sim*.

Não sei ao certo quantos exorcismos já realizei. Mesmo com o hiato de oito anos e o fato de que eu só fui padre por cerca de metade desse tempo antes de ser preso, deve ter quase dois dígitos.

E o padrão é quase sempre o mesmo. Uma garota problemática com histórico de abuso e dependência de drogas, talvez até de prostituição. Os pais, desesperados para ajudar a filha, desesperados para evitar a verdade, procuram a igreja. Esta igreja, aquela igreja, não importa. Os homens do clero fazem a devida diligência, mas inevitavelmente deixam passar, alegando que não acreditam que a garota esteja realmente possuída.

Eu sei que é diferente.

Suas almas torturadas estão possuídas, é verdade. Mas não por um demônio ou uma entidade sobrenatural. Elas são possuídas pelo desejo de obter mais alegria artificial na forma de uma pílula ou agulha.

Diego é quem faz o trabalho braçal. Ele fala com os pais, diz a eles o que fazer e como se preparar. Não é tão complicado assim: sequestrar a garota, amarrá-la em uma cama por um dia, talvez até dois. Apenas não os deixe sair, não importa o que digam ou façam.

Isso serve a dois propósitos: primeiro, a retirada violenta da menina convence ainda mais os pais de sua possessão. Segundo, ele inicia o processo de cura.

E então o salvador Padre Cole Bannen aparece.

"Tenho que lhe dizer, pai, que este é um pouco diferente do que estamos acostumados."

Diego encostou no acostamento da estrada e eu dei uma olhada ao redor.

Estamos em um bairro de classe baixa, o que também se encaixa no padrão. A rua é branqueada pelo sol e está quase vazia.

O mesmo acontece com as casas.

"Sim? Como assim?"

Quando Diego não responde imediatamente, olho em sua direção e descubro que ele está me encarando do banco da frente.

E ele não está mais sorrindo.

"Este é muito violento. E muito... não sei."

Resisto à vontade de revirar os olhos.

"Posso lidar com uma garota violenta de 14 anos. Acabei de sair da prisão e o apelido do meu colega de cela era Barnacle Billy, lembra?" Abro a porta e saio do carro. "Minhas coisas ainda estão no porta-malas?"

"É claro. Não toquei em nada desde aquele dia."

Diego abre o porta-malas.

Está tudo lá, exatamente como ele disse que estaria.

Eu me aproximo e passo as pontas dos dedos sobre a Bíblia de couro desgastada. Foi um presente do padre McCutchen, meu mentor e pai substituto de fato.

O restante inclui uma cruz de madeira que fiz com madeira da Home Depot enquanto estava em uma farra de três dias, um jaleco preto, que não é o padrão, e um frasco transparente que *deveria* estar cheio de água benta.

"Desculpe, não tive a chance de preenchê-lo." Diego está olhando por cima do meu ombro. "Desculpe."

"Está tudo bem."

Pego o frasco.

Esse é um dos meus principais adereços, e não posso entrar em casa com ele vazio. Mas quando olho para cima e para baixo na rua desidratada, não há nenhuma fonte óbvia para preenchê-la. Nenhum oásis, nenhuma fonte de prosperidade.

Parece que não vai chover por muitos dias.

Meus olhos se voltam para a casa em frente à qual Diego estacionou, a que continha o adolescente de 14 anos supostamente possuído.

Posso entrar e enchê-lo lá, o lugar não é tão pobre que não tenha água corrente, contaminada por chumbo ou não, mas se os pais me virem, especialmente o pai, que Diego já me disse ser descrente, a farsa será arruinada.

E então não seremos pagos. Quer saber como se chama um trabalho

que você realiza e pelo qual não é pago?

Duas palavras: sexo na prisão.

"Olhe para o outro lado, Diego."

Viro as costas para a casa e não me orgulho do que faço em seguida. Mas há muitas coisas de que não me orgulho em minha vida.

Acredite em mim quando digo que isso não está nem entre os dez primeiros.

Abro o zíper da calça e mijo no frasco. Encho cerca de um terço do volume antes de esvaziar o resto da bexiga na estrada empoeirada.

Em seguida, levanto o copo para o sol. O Johnny Red ainda não passou pelo meu sistema, e o líquido está relativamente claro.

Os olhos de Diego estão arregalados enquanto ele inspeciona o frasco junto comigo.

Ele pode ser um crente, mas não é *tão* estúpido. O Senhor não chorou apenas lágrimas sagradas nesse copo. Ele sabe de onde veio o líquido.

"Não olhe para mim assim", digo em voz baixa. "Vamos lá, eu não vou colocar isso perto do rosto dela. E vamos ser honestos, ela provavelmente já está cheirando a mijo. Você sabe como são essas coisas."

Não sei ao certo quem estou tentando convencer, se eu ou meu parceiro.

"Talvez... talvez eu nem a use."

Nós dois sabemos que isso é uma mentira. Todo mundo, e eu quero dizer todo *mundo*, já viu *O Exorcista*. Eles esperam que o filme seja *espalhafatoso*, com água benta.

Caso contrário, não é real.

"Vá em frente", insisto, "prepare as coisas lá dentro, fale com a família. Eu só preciso vestir meu jaleco."

Quando Diego sai, coloco o pesado manto preto sobre minha camiseta. Depois de enfiar a Bíblia, o frasco e a cruz nos bolsos grandes, enfio a mão na calça jeans.

A coca ainda está lá dentro e eu tiro o saquinho.

Sei o que está pensando - eu sei - e vá se foder, está bem? Não é como se eu fosse ser explodido em meu crânio quando fizer esse exorcismo.

Apenas um pequeno solavanco.

Além disso, isso não é real. Eu nem sou mais um padre de verdade. É tudo uma charada, uma peça, e todos os atores recebem ajuda às vezes. Um pouco mais alto, um pouco mais baixo. *Viagra*, *Cialis*, o que você quiser.

Um pouco *de algo*.

Coloco um pouquinho do pó no dorso da mão, entre o polegar e o indicador. Em seguida, cheiro como uma estrela pornô que é um

pouco cética em relação à higiene urogenital de seu parceiro, mas não quer ofender.

Davey não estava mentindo.

Essa merda é *forte*.

Sinto uma adrenalina instantânea, e o sol acima de mim de repente parece brilhante demais.

"*Whoo.*"

Energizado pela cocaína que está passando pelo meu sistema, limpo meu nariz e corro atrás de Diego.

Ele tem razão.

Se eu voltar, vou trabalhar.

O que mais eu poderia fazer?

Os exorcismos também não mudam. É a mesma besteira da década de 1980, quando estavam todos na moda. Enquanto estava na cadeia, antes de decidir desistir de toda essa coisa de padre, pensei em mudar para exorcismos on-line - jogar "água benta" na webcam e coisas do gênero.

Talvez um dia.

Mas hoje, é um exorcismo na carne.

Diego me apresenta primeiro à mãe da menina, uma mulher tímida com cabelos escuros presos em um coque.

Parece que foi ela que foi amarrada em uma cama e não dorme há dias.

"A garota está no quarto", Diego sussurra em meu ouvido.

Agora estou no modo sacerdote completo e aceno solenemente com a cabeça. Sei o que a família quer e vou dar isso a eles. Se a cocaína não conseguir fazer de mim um ator metódico, então é melhor eu desistir agora.

"O pai está lá dentro?"

Aponto para a porta fechada do quarto.

"Sim."

"Ótimo. Então vamos começar."

A sala está sufocante e o suor imediatamente brota em minha testa e sob minha pesada capa preta.

Por alguma razão, vejo primeiro o pai da garota. Como sua esposa, ele também é pequeno, e o fato de estar sentado em uma cadeira com os ombros caídos faz com que ele pareça minúsculo.

O homem, que está encharcado de suor, nem sequer olha para cima quando eu entro.

Quando meus olhos se voltam para a menina que está amarrada à estrutura da cama, sinto Diego e a mãe da menina entrarem no quarto atrás de mim e fecharem a porta.

Para mim, nada nessa cena parece ser único.

Não me choca o fato de a menina de 14 anos ter sido despida ou de seus tornozelos estarem grosseiramente presos à cama com o que parecem ser cintos de couro. Suas mãos também estão presas à estrutura acima de sua cabeça.

Ao contrário de seu pai, a menina imediatamente me nota e seu rosto oleoso e coberto de espinhas se vira em minha direção. Longos fios de cabelo escuro e oleoso estão pendurados na frente de seus olhos, mas ela ainda consegue ver, e provavelmente sentir o cheiro, da minha piedade.

"Vá se foder." Sua voz está rouca e, por um instante, me pergunto se ela está amarrada à cama há mais de dois dias. Faço o possível para ignorar seus xingamentos e encontro uma pequena cômoda onde posso preparar meus materiais.

"Vá se foder, seu padre chupador de pênis."

Diego arruma minha cruz e minha Bíblia, enquanto eu lido com o frasco cheio de mijo. Fazemos isso de costas para a garota.

Ela está se contorcendo e se esmagando contra os cintos, o que produz um som crepitante bastante perturbador.

"Sou velha demais para o senhor, pai? É por isso que você não quer olhar para a minha buceta? Ou talvez seja porque eu não tenho um pênis para você olhar, sua bicha que adora crianças".

Já ouvi tudo isso antes. Isso fica velho rapidamente. Eu nem sequer me encolho.

Demoro um pouco mais do que o normal para abrir a Bíblia e encontrar a página correta - Marcos 16 -, *mas consigo*.

Segurando o bom livro em uma das mãos e o frasco de vidro na outra, viro-me e encaro a garota diretamente no rosto.

Quase me sinto como um ator de teatro se preparando para cantar seu monólogo de abertura.

Ouçam, ouçam...

"Aquele que crer e for batizado será salvo, mas aquele que *não* crer será condenado."

Eu borribo um pouquinho de "água benta" na parte inferior das pernas da menina... principalmente nos pés. Tenho que fazer isso - está na descrição do trabalho.

"E estes sinais seguirão aos que crerem: Em meu nome expulsarão demônios; falarão novas línguas."

Um rosnado originado em algum lugar no fundo de seu estômago vaza de seus lábios rachados e sua contorção se intensifica.

Isso também não é incomum. Perturbador, com certeza, mas tenho certeza de que posso ler Ovos Verdes e Presunto e molhá-la com Mountain Dew e obter o mesmo efeito.

São as drogas que estão saindo de seu sistema, não o Belzebu.

"Pegarão em serpentes; e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará dano algum; imporão as mãos sobre os enfermos, e eles ficarão curados."

Troco o frasco pela cruz e seguro a madeira perto de sua pele.

Não há sensação de queimadura, embora eu tenha pensado uma vez em construir um adereço que desse a impressão de que a pele da menina estava sendo escaldada.

Infelizmente, nunca consegui fazer isso.

A garota se debate com mais violência contra suas amarras.

"E eles se recuperarão." Diego se junta a mim no cântico agora, conforme nosso costume. "E eles devem se recuperar. *E eles vão se recuperar!"*

Foi depois dessa quarta fala que notei algo fora do comum.

Acho que é só o calor e a cocaína. Ou falta de prática.

Mas então me lembro da stripper de rosa e de como sua voz e seus olhos mudaram. Isso não foi assim - pelo que sei, a garota na cama ainda tem características faciais normais. Mas vejo um estranho movimento em sua barriga nua e brilhante.

Que porra é essa?

Parece que os dedos estão passando pela carne dela.

Mas por *dentro*.

Diego me cutuca. Eu me arrepio e volto a cantar.

"E eles se recuperarão! E eles vão se recuperar! E eles devem se recuperar!"

Novamente, minha voz vacila quando vejo mais movimento sob sua pele. Não apenas uma mão, mas dez apêndices ósseos, esticando sua pele ensinada até quase estourar.

O Diego fica com a folga.

"E eles se recuperarão."

Minha cabeça está girando agora - eu deveria ter ouvido vocês e não ter tomado a cocaína. Ou talvez eu devesse ter bebido um pouco de água.

Não estou me sentindo muito bem.

Mais uma vez, Diego me cutuca, mas não tenho forças para continuar.

No entanto, ele faz isso, e acho que talvez a mãe da menina esteja cantando junto com ele agora. É difícil dizer, porque o som está ecoando em minha cabeça.

O calor agora não é apenas sufocante, mas opressivo, e dou um passo para trás. Perdi o equilíbrio e me desequilibrei. Ao cair, meu cotovelo bate na cômoda, fazendo voar o frasco que eu havia colocado em cima dela. Ele se espatifa no chão e meu roupão preto grosso absorve com avidez o mijo quente. Enquanto isso, Diego e a mulher continuam gritando aquela frase detestável, repetidamente - *espere*.

Estou ouvindo outra coisa.

Um tipo de vento em redemoinho...?

O corpo da garota está arqueado de tal forma que não consigo ver sua barriga, o que agradeço. Mas então sua cabeça se vira e seus olhos se voltam para mim e vejo as mesmas íris reptilianas que eu tinha na *casa de Denise*.

"Porra!"

Há um ruído alto e ensurdecedor, e algo me atinge diretamente no rosto. Sou lançado para trás e, desta vez, quando bato na cômoda, ela tomba.

Em minha periferia, vejo a garota desabar sobre o colchão encharcado.

Em algum lugar distante, posso ouvir Diego gritando comigo.

Então, tudo fica em silêncio.

Não consigo ver nada.

Meu mundo é sombrio.

Não ouço o vento, não ouço Diego, nem a mulher, nem o viciado em abstinência rosnando na cama.

Eu não ouço, vejo e sinto nada.

Então, uma voz se materializa na escuridão. Não é a mesma da garota do clube de striptease, mas não está muito longe.

E isso é realmente aterrorizante.

"Olá, padre Bannen."

Episódio 4: Merzoth

Por algum milagre, consigo me levantar e sair cambaleando do quarto. Ouço Diego atrás de mim, chamando meu nome, mas eu o ignoro. E então, enquanto meu fiel parceiro tenta acalmar os pais da garota, agora desmaiada, eu tropeço na rua árida.

"Você não pode fugir de mim, pai." A voz é como uma lixa em meus ouvidos.

Sim, *dentro*, porque não está vindo de fora, mas de dentro.

Mas que porra é essa?

Ajoelho-me atrás do carro amarelo de merda de Diego e sinto a bile subir em minha garganta.

Não consigo parar.

O vômito por pouco não mancha ainda mais a minha capa preta, que ainda está úmida do frasco de mijo quebrado.

Eu vomito, vomito novamente e desabo contra o carro.

Você realmente colocou mijo no frasco? O senhor é um padre ruim, padre Bannen.

Ótimo, agora há um eco para essa voz demoníaca que ecoa de ambos os lados do interior do meu crânio.

"Isso... isso não é real."

Passei oito anos na prisão e, dada a natureza do meu crime e o fato de que eu usava um colarinho de clérigo, é de se esperar que eu tenha sido forçado a lidar com muitos abusos.

Você estaria errado.

Como você já deve ter adivinhado, não sou um padre comum. Consegui me manter relativamente limpo, mantendo a cabeça baixa e me cercado de pessoas boas.

Bem, pessoas fortes, pelo menos.

Mas agora, a menos de um dia de sair da prisão, minha mente finalmente se abre.

Uma ruptura esquizoide. É isso: minha mente se dividindo em duas para se proteger de... do quê?

Não tenho a menor ideia.

Uma jovem em abstinência?

Uau, tão aterrorizante. Estamos falando do nível de terror dos *Munsters* de Rob Zombie.

E igualmente absurdo.

Isso não faz sentido.

Nada disso faz sentido.

Mas um colapso mental é a única explicação para o que aconteceu naquele quarto suado e...

Você não está perdendo a cabeça.

Mas eu estou.

Perdi *completamente* a cabeça.

Há um velho ditado que diz que você não está louco se conversar consigo mesmo, mas está muito fodido se começar a responder às suas próprias perguntas. E é exatamente isso que estou fazendo: respondendo a essa versão demoníaca de mim mesmo.

Faça uma boa discussão e fale sobre os bons e velhos tempos.

Pirulitos, raios de sol e... Via-Sacra.

Por que está tão surpreso, padre Bannen?

"Me deixe em paz." Coloco as mãos sobre os ouvidos e fecho os olhos com força, como uma criança tentando bloquear os *Munsters*. Ainda não é assustador, mas é estranhamente terrível. "Apenas... apenas saia da minha cabeça!"

Quero dizer, se você não consegue viver consigo mesmo, então...

Se eu pudesse, confiaria em mim. Você acha que eu quero estar aqui? Você me chamou para dentro - você me forçou a entrar em sua cabeça, Padre Bannen.

"Eu não chamei você aqui. Eu nem sei que porra está acontecendo."

O que, em nome de Deus, havia naquela cocaína? Sais de banho? A porra do DMT? *O quê?*

Sim, você fez isso. Tudo isso e eles devem se recuperar me trouxe até aqui. Muito ruim. Melhor do que se arrepender, mas ainda assim ruim.

Aperto a mandíbula, desta vez conseguindo conter o vômito. Sabe quando você está sentado com a galera tomando umas cervejas e depois se levanta para mijar e tudo fica estranho? Tipo, você estava bem um segundo atrás, mas agora que está de pé é como se a Terra tivesse parado de girar e você não tivesse recebido o memorando?

Sim, *isso é assim*. Apenas adicione a voz de Satanás à mistura.

"Mas isso é apenas um ditado. Não significa nada. Não significa nada."

Ouçoo passos se aproximando e abro os olhos.

Quem diabos é esse agora? Deus?

A porra da Joan Osborne?

Mas não, não se trata de uma maravilha bizarra de um só sucesso e de compleição suave de meados dos anos 90, mas do meu parceiro Diego.

"O que não é real, pai?"

Eu apenas pisco para ele. Ele não pode estar falando sério. Ele não notou nada fora do comum? Como a porra de um vento e eu sendo jogado contra uma cômoda?

Desde quando isso faz parte de nossa farsa?

"E-eu-eu não sei."

Como você já deve ter adivinhado, eu entro em pânico nesse tipo de situação. Mas minha resposta gaguejante e sem compromisso parece funcionar. Por vários segundos, nenhum de nós diz nada - até

mesmo a voz em minha cabeça permanece em silêncio. Ficamos apenas olhando um para o outro. Então, sem que eu percebesse, Diego se abaixa e me ajuda a levantar antes de me colocar no banco do passageiro de seu carro.

Depois de colocar todos os meus *acessórios* no porta-malas, Diego se junta a mim dentro do veículo. Ele está radiante e me mostra um maço de dinheiro. Olho para o dinheiro, mas não o quero. Aceitar o dinheiro parece errado, como se eu estivesse sendo pago por algo. Como uma daquelas ações judiciais coletivas em que, se você aceitar os trinta e cinco centavos que a OmegaCorp está oferecendo por colocar arsênico no seu pão, não poderá processá-los quando suas entranhas ficarem azuis.

"Metade é sua", eu digo.

Eu balbucio minha língua. Falar é difícil - estou com *muita* sede. Mas, ao contrário do que acontecia no quarto, não é água que eu desejo.

É uma garrafa inteira de Johnny Red.

"*Esta é a metade*", diz ele em seu sotaque espanhol.

Ah, é por isso que Diego está sorrindo. A julgar pelo tamanho da pilha, acho que os pais da pobre garota conseguiram juntar cerca de quatro mil dólares.

Olho para o prédio de um andar em ruínas pelo para-brisa sujo.

Quatro mil dólares era muito dinheiro. Quatro mil dólares eram provavelmente seis meses de aluguel para essas pessoas.

Como eu disse, não tenho orgulho do que faço.

Mas, aparentemente, o que antes era uma farsa inofensiva, agora vem com danos colaterais.

Danos colaterais *significativos*.

Como, por exemplo, minha sanidade mental. E para isso é preciso pagar pelo perigo. Pego o dinheiro e o coloco em meu bolso.

"Diego... você notou algo diferente lá dentro?" Pergunto hesitante, incapaz de encontrar seus olhos.

"Quero dizer, você está um pouco fora de prática." Ele dá de ombros. "Mas isso é de se esperar, pai."

Tudo bem. Está *bem*. Era só o efeito da cocaína passando. Agora, com alguma separação, nem parece tão ruim assim. Quero dizer, Berkowitz ouvia vozes e era um amante de animais perfeitamente normal. Mas só para ter certeza...

"Não, não é isso. Quero dizer - havia algo diferente na garota? *Realmente* diferente?"

Diego mastiga a parte interna de seu lábio enquanto pondera sobre isso.

"Acho que, para ser honesto com você, ela pareceu se recuperar muito rapidamente depois que terminamos."

Eu franzo a testa.

Normalmente, são necessários alguns dias após a partida para que meu trabalho, entre aspas, tenha efeito, ou seja, para que os sintomas de abstinência passem. Mas mesmo quando eu estava deitado na cômoda quebrada em uma poça do meu próprio mijo, vi que a garota parecia ter se acalmado e relaxado quase que instantaneamente. Claro, ela poderia ter desmaiado de exaustão, mas a garota parecia quase... serena.

Isso é porque eu saí daquela boceta e entrei dentro de você, Padre Bannen. Não foi a primeira vez que gozei dentro de outro homem, mas você parece um pouco... mais apertado. O que você não está entendendo sobre isso? A voz demoníaca dentro da minha cabeça chilreia.

"Tudo isso". Eu suspiro. "Eu não entendo nada disso - de jeito nenhum."

"Com quem você está falando, pai?" Os olhos de Diego estão se movendo para frente e para trás.

Suspiro e me recosto em meu assento.

"Ninguém. Sinto muito, Diego. Estou exausta. Eu não perguntei antes, mas... meu apartamento ainda está...?"

O sorriso de Diego voltou.

"Jes! Eu guardei para você, paguei o aluguel enquanto você estava fora, como você pediu, padre Bannen."

Sinto uma pressão dentro de minha cabeça e reconheço que a coisa... minha metade escura ou o que quer que seja - graças a Stephen King - está prestes a falar. De alguma forma, eu o sufoco.

"Apenas cale a boca", resmungo.

"O quê?" Diego se retrai.

"Não, não, você não, Diego."

Diego está olhando para mim como se eu tivesse enlouquecido, o que não tem problema, porque provavelmente enlouqueci. Depois de alguns momentos dirigindo, ele diz: "Você quer que eu o leve até lá? Para seu apartamento?"

Tiro a mão do bolso para pegar a pilha de notas. Em seguida, aceno para meu parceiro.

"Sim, mas há um lugar onde quero parar primeiro."

Lambo meus lábios ressecados.

Vou saciar minha sede. Mas, ao contrário do que acontecia na *casa da Denise*, de jeito nenhum vou parar em apenas um drinque.

Ele se autodenomina Merzoth. *Ele... não* sei bem por que o considero um "ele", quero dizer, a voz é ambígua, na melhor das hipóteses. Como a Rosie O'Donnell depois de uma semana de bebedeira. Talvez seja apenas o meu chauvinismo sutil se

manifestando. Mas o que realmente me irrita é que eu deveria *saber*.

Eu deveria saber se o Merzoth é masculino ou feminino porque esse Merzoth é uma construção de meu próprio cérebro. Tem que ser.

O quê? Você está surpreso por eu não ser um verdadeiro crente em possessão ou exorcismos ou qualquer outro tipo de lixo? Mijar no frasco e agir como se fosse água benta não foi suficiente?

Você realmente acha que toda pessoa da cruz é um crente?

Sério?

Vou lhe contar um pequeno segredo: no clero, aqueles que parecem mais devotos geralmente são os que menos acreditam. Não obstante eu mesmo, é claro. Eles não usam sua fé para justificar seus pecados, eles a usam como cobertura para alguns dos crimes mais hediondos conhecidos pelo homem.

Sim, estou falando *daqueles* pecados. Você sabe quais são eles.

Aquelas que a garota na cama me acusou antes que o demônio que estava dentro de sua cabeça pulasse do barco e decidisse que meu cérebro era um pouco mais aconchegante do que o dela.

Mas isso realmente não aconteceu. Porque isso é impossível.

Eu perdi a cabeça.

Pego meu copo de Johnny Walker, mas meus movimentos são descoordenados e eu o derrubo no chão.

Ele se quebra, mas não faço nenhum movimento para limpar a bagunça.

Em vez disso, concentro-me nos dois itens restantes que coloquei sobre a mesa.

Primeiro, há o saquinho de cocaína. Já tomei duas linhas da droga poderosa, o que provavelmente não está ajudando no meu processo de tomada de decisão. Mas, se vou sair, não há chance de sair sóbrio.

Por falar em sair...

O segundo item é uma arma.

Era do meu pai, há muito tempo. É um revólver de merda, do tipo velho oeste selvagem, com seis cilindros. Não faço ideia de onde ele o comprou.

Nem sei se funciona.

Mas uma coisa de que tenho certeza é que está carregada. Porque eu mesmo coloquei uma única bala lá dentro.

Tiro o isqueiro do bolso e fico olhando para a escrita na lateral enquanto o ligo e desligo.

Essa arma também era do meu avô? Eles usavam essas armas antigas no Vietnã?

Você não tem coragem de ir em frente com isso.

Mas é aí que o bom e velho Merzoth está errado.

Eu *tenho* coragem. Ou pelo menos tenho coragem imbuída de um quinto de uísque e um grama de cocaína.

E isso é muito mais tangível do que testículos inchados.

Bufo uma linha e depois aperto o nariz enquanto meus olhos lacrimejam.

A maneira como vejo isso é a seguinte: há apenas duas explicações para o que está acontecendo comigo neste momento.

Primeiro, estou sonhando. Isso parece altamente improvável, mas já ouvi falar de pessoas que estão dentro da prisão e que praticam algo chamado sonho lúcido. Esses presos afirmam que conseguem se imaginar do outro lado das paredes de concreto. Que podem de fato existir lá, movimentar-se livremente. Constituir uma família. Viver de forma feliz e saudável.

Se eu acidentalmente me deparei com um código de trapaça para o sonho lúcido enquanto realizava um exorcismo malfeito, então o que estou planejando fazer em seguida não tem importância. Ao contrário da crença popular, se você morrer em seu sonho, não morrerá na vida real.

A segunda opção é que eu realmente enlouqueci e estou ouvindo vozes na minha cabeça.

Meu pai era esquizofrênico. Quando tomava seus remédios, ele era quase sempre normal. Mas, com o passar do tempo, ele desenvolveu uma tolerância e, um dia, os medicamentos simplesmente pararam de funcionar.

Sua queda na loucura foi abrupta e aterrorizante.

E isso não é para mim. De jeito nenhum, de jeito nenhum.

Você não vai fazer isso.

Não tenho certeza de qual é o objetivo do Merzoth aqui. Ele está *tentando* fazer com que eu me mate? Quero dizer, ele afirma ser um demônio. O que os demônios querem senão morte e destruição?

E o suicídio... é um pecado capital.

Sinto-me tentado a perguntar a Merzoth o que acontece se eu morrer com ele preso em minha cabeça, mas não sei se quero saber a resposta.

Além disso, como já discutimos *ad nauseam*, responder às minhas próprias perguntas é um sinal claro de que estou ficando louco.

Agora fechamos o círculo.

Pego a arma, sentindo o peso dela em minha mão.

Você não vai fazer isso.

Será que estou ouvindo a trepidação em sua voz?

Essa ideia quase me faz rir. Estou considerando Merzoth uma entidade completamente separada. Um demônio real preso na minha cabeça. Não há eufemismos aqui, nem subestimações, substituições ou minimizações.

Um demônio de verdade. Voz assustadora e tudo mais.

Eu engatilho o martelo.

Não faça isso.

Um sorriso cruza meu rosto enquanto levo a arma à boca. Tudo está acontecendo em um estado de sonho, filtrado pelas drogas e pelo álcool que dilatam meus vasos sanguíneos e pupilas, fazendo meu coração disparar.

Não faça isso, padre Bannon. Não faça isso, porra.

Passei frio duas vezes na *casa da Denise*, mas aqui, no conforto do meu apartamento de merda, não vou passar frio novamente.

"Ah, sim, eu vou fazer isso. Adeus, Merzoth. Vejo você do outro lado... mantenha um assento quente para mim no Inferno."

Em seguida, coloco a arma em minha boca e puxo o gatilho.

Episódio 5: Eight Long Fucking Years Ago (Oito longos anos atrás)

Percebi que algo estava errado quase que imediatamente. E eu sei o que você vai dizer quando eu lhe contar *por que* acho que algo está errado. Você vai dizer: "Mas padre Cole Bannen, o senhor não acredita em possessão ou exorcismos, mas acredita em algo tão clichê quanto um 'olhar'?"

Não sei o que lhe dizer, foi assim que aconteceu.

Mas estou me adiantando.

Essa história começa com o fato de eu ter acordado com uma ressaca horrível.

Estamos falando de cabeça latejando, corpo tão quente que estou à beira de uma combustão espontânea, "ressaca" de esmagar a alma e uma língua que parece que passei a maior parte da noite lambendo o traseiro de um porco-espinho.

"Talvez não devêssemos fazer isso hoje. Este - talvez não valha a pena?"

Ah, eu mencionei que o Diego está aqui? Bem, ele está, e estou tentado a concordar com ele. Na semana passada, pegamos uma baleia. Um rico empresário de Albuquerque, com vínculos com a igreja. Sua filha era viciada em metanfetamina, e isso estava lhe causando sofrimento e constrangimento em nível pessoal e profissional... sendo este último muito mais importante, é claro.

Normalmente, Diego é responsável pelo trabalho braçal e passa seu tempo vasculhando os fóruns e quadros de mensagens, ou mesmo os anúncios classificados, em busca de pessoas que precisam de salvação. E ele é bom no que faz. Há uma arte em transformar a salvação em um exorcismo de alto nível, e Diego é um *artista*.

Mas, nesse caso, foi o padre McCutchen quem entrou em contato com Diego. Isso, por si só, é incomum. O padre McCutchen sabe o que eu faço. Ele não aprova isso, é claro - quem aprovaria? Exorcismos não sancionados? *Tsk, tsk*.

Mas voltamos *muito* atrás, e tenho certeza de que essa baleia doa dinheiro para a igreja de McCutchen. Como um favor para a baleia, o padre entrou em contato com Diego que, por sua vez, passou essa informação para mim.

Ajudamos a baleia e sua filha metílica e, depois de uma das melhores atuações da minha carreira, se é que posso dizer isso - estamos falando de um método de atuação no nível de Pauly Shore Biodome - nossos bolsos ficaram cheios com quase oito mil dólares

cada um.

Oito mil dólares... e, para que fique registrado, não usei mijo - dessa vez foi água benta de verdade. Coisa legítima. Perrier of the Gods.

Toda essa história chata só para explicar a ressaca.

"Passe-me meus cigarros."

Diego, ao contrário de mim, não é muito de beber, mas com base no gemido que ele faz antes de me jogar o maço de Marlboro, ele deve ter exagerado também.

Acendo um cigarro com os olhos fechados.

"Você quer que eu cancele tudo?" Diego pergunta novamente.

Penso nisso enquanto fumo. Este caso é diferente do da baleia - não se trata de um pai envergonhado que entrou em contato ou de um amigo preocupado.

É a própria garota.

"Onde ela está localizada?"

"Logo na saída da Rodovia 85. Não é longe."

Fluxos duplos de fumaça saem das minhas narinas.

Com trânsito leve, podemos chegar à "saída da rodovia 85" em cerca de vinte minutos.

O fato é que, se outra pessoa tivesse ligado, eu teria recusado em um piscar de olhos. Depois de nossa grande aquisição, não precisamos do dinheiro. Não agora, pelo menos.

Mas a garota...

Seu nome é Amy, e ela disse que achava que estava possuía porque estava vendo coisas. Coisas demoníacas, coisas que a assustavam e que ela não conseguia explicar.

Lambo os lábios e procuro cegamente por um copo de água na mesa ao meu lado. Encontro um e tomo um gole.

Acontece que é bourbon e não água.

Melhor ainda.

Meu cigarro queimou tanto que começou a chamuscar meus dedos e eu finalmente abri os olhos e olhei ao redor. Meu apartamento está uma bagunça. Mais bagunçado do que o normal. Há uma caixa de pizza no chão e um monte de latas de cerveja vazias - as do Diego, porque eu só bebo as fortes - em cima da mesa.

O copo do qual eu tinha acabado de beber tinha uma bituca de cigarro flutuando nele, mas quem pede não pode escolher.

"Vamos fazer isso."

Eu acompanho essa afirmação com um engasgo na garganta e um arrependimento instantâneo.

Mas já tomei minha decisão e sou muito persistente. Mas, caramba, se essa não parece ser a pior decisão que já tomei desde que tomei ácido antes de fazer a comunhão.

A propósito, boca seca e bolachas de bunda seca são uma combinação quase letal.

"Meu nome é Diego e este é o padre Bannen."

O homem parado na porta tem cerca de 1,80 m de altura e pesa uns saudáveis 220 kg. Ele não é todo musculoso, mas está longe de ser uma banheira de maionese. Suas mãos fortes, de trabalhador, ficam quase na altura dos joelhos.

"Não precisamos de um padre."

É nesse momento que vejo "o olhar". Não sou poeta, portanto, tenha paciência enquanto tento explicá-lo: é quase como se a aparência do homem parecesse vacilar. Sabe aqueles verões sufocantes do Novo México em que, se você olhar para uma longa estrada de asfalto, tudo fica derretido? É assim. É como se eu estivesse vendo esse homem através de vapor ou ondas de calor.

"Sua filha pensa o contrário", rebato. Serei o primeiro a admitir que meus modos ao lado da cama precisam ser trabalhados. Mas lembre-se de que estou com uma tremenda ressaca.

"Minha filha está doente na cama."

O homem olha para nós através da porta entreaberta e eu tento continuamente abrir caminho.

Ele não me deixa.

"Sim, estou ciente de que ela está doente. Quanto a não precisar de um padre? Bem, todo mundo precisa de um padre em certos momentos de sua vida. Percebi que Amy não tem ido à igreja nas últimas semanas."

É uma aposta - não faço ideia se ela vai à igreja, muito menos qual - mas vale a pena. Os olhos do homem se estreitam enquanto ele me encara com desconfiança.

"Ela voltará quando estiver se sentindo melhor."

"Certo, mas como eu fiz a viagem até aqui, eu estava esperando apenas..."

Minhas palavras são interrompidas por um grito. O som assusta a todos, especialmente o homem na porta. Ele se inclina para trás e olha por cima do ombro, e eu aproveito a oportunidade.

"Amy!" Eu grito quando entro na casa. Não estou batendo a porta deliberadamente no pai da garota, mas acontece que é assim mesmo. E, ao me inclinar para trás, ele cambaleia.

Quando acordei esta manhã, meu apartamento estava uma bagunça. Esse lugar?

Esse lugar é absolutamente vil.

Há moscas tão inchadas que suas asas mal conseguem mantê-las no ar. Elas se esbarram embriagadas como um casal desajeitado e pesado

depois da meia-noite em um casamento open bar.

E o cheiro... Jesus, o cheiro é indescritível. Mas, por você, vou tentar mesmo assim.

O cheiro das massas não lavadas em um comício de Trump. Sim, eu disse isso, mas tudo bem. Por que não em um comício de Biden, você pergunta? Porque eles são um grupo sensível. Além disso, será que os fãs de Trump sabem ler?

Acho que estou bem seguro aqui. Mas, se isso o motivar, por favor, continue.

Você terá um verdadeiro prazer.

Quando me aproximo da escada - o grito definitivamente veio do andar de cima - meu estômago dá um solavanco e eu engasgo. A única coisa que me impede de vomitar é a percepção de que, se eu parar, o Sr. Apehands vai me agarrar e me expulsar de sua casa. Isso, e o fato de que uma dessas moscas mutantes pode aproveitar a oportunidade e zumbir direto na minha garganta.

Esse seria um destino pior do que a morte.

"Ei! Aonde você vai?" O homem grunhe.

"O padre Bannen só quer fazer uma oração pela Amy."

Estou começando a subir as escadas, desejando não ter comemorado tanto na noite anterior. Atrás de mim, sei que Diego está no caminho do homem, ganhando tempo. Mas Diego não é muito grande e definitivamente não é Houdini - ele não pode fazer milagres. A única coisa que Diego compartilha com o famoso artista de fuga é que, se você lhe der um soco no estômago, ele provavelmente morrerá também.

Coloco minha mão no bolso. Meus acessórios habituais estão lá, mas também há uma faca.

É apenas um canivete suíço, mas é melhor do que nada e eu o carrego por precaução.

Não há dúvida de qual porta é a de Amy: é a que tem o cadeado do lado de fora.

Isso nunca é um bom sinal. Você não precisa ser um padre ou um fanboy de Forensic Files ou qualquer outra coisa que não seja apenas de inteligência moderada a baixa para saber que uma fechadura do lado de fora da porta de um quarto não é normal.

Felizmente, a chave ainda está na fechadura e, ciente de que a discussão de Diego no andar de baixo ficou mais acalorada, eu giro a chave e abro a porta.

E então eu vomito.

É impossível não fazê-lo.

O quarto tem o cheiro de um penico fora de um canteiro de obras depois que o caminhão de taco esgotou as carnisas do dia.

Essa é a minha maneira elegante de dizer que cheira a merda.

Talvez eu seja um poeta, afinal de contas.

Com os olhos lacrimejantes, vejo um balde branco no canto do cômodo e, a julgar pela parede de moscas que zumbem ao redor dele, presumo que é de lá que vem o odor. Além do balde e da cama, o cômodo é desprovido de móveis.

E eu uso o termo "cama" de forma vaga.

É apenas um colchão, manchado de amarelo com suor e outros fluidos que não quero considerar, jogado ao acaso no centro do quarto.

E depois há a Amy. Ela está deitada no colchão. Ao contrário de alguns dos meus exorcismos - a maioria -, ela não está nua, mas usando uma camiseta grande demais que parece tão amarela quanto o colchão sobre o qual está deitada.

No entanto, ela está amarrada. Suas mãos e pulsos estão fixados com correias pesadas.

Amy me vê entrar e seus olhos azuis suaves olham diretamente para os meus.

Esse é mais um desses looks.

Sei imediatamente que essa garota não está possuída e que precisa desesperadamente da minha ajuda. Se essa fosse uma história de herói, esse seria o momento da redenção.

Mas não é.

Essa história é principalmente sobre um padre bêbado que faz exorcismos falsos para ganhar dinheiro porque foi expulso da igreja. Também há muito vômito por algum motivo.

Estou divagando.

Também entro correndo na sala e me aproximo de Amy.

"Eu sou o padre Bannon e vou tirá-lo daqui."

A garota continua a me encarar com aqueles olhos pastosos, e seu lábio inferior começa a tremer.

Não tenho ideia de como ela conseguiu entrar em contato com Diego em seu estado atual, mas eu sou claramente a única chance que ela tem.

"Fique fora daí!", grita o pai dela.

A garota geme e uma máscara de medo envolve suas feições.

"O padre Bannen está apenas..."

Ouve-se um baque forte e Diego fica em silêncio.

"Merda. Isso não pode ser bom."

Luto com as tiras, tentando soltá-las, mas meus dedos estão inchados por causa da ressaca. Depois de apenas alguns segundos, desisto e uso a faca. Quando começo a serrar as amarras da garota, ouço passos pesados na escada.

"Vamos lá, apresse-se."

Há uma doce sensação de alívio quando finalmente consigo cortar

uma das amarras. Mas essa sensação dura pouco porque o homem está quase no topo do patamar.

Trabalhando em velocidade de dobra, liberto Amy assim que seu pai chega à porta.

"Que porra você pensa que está fazendo?"

Ele está furioso. Seu rosto está vermelho e suas mãos estão fechadas em blocos de concreto.

Olhei para minha pequena faca. É minúscula, lamentavelmente ineficiente, como... ok, algumas piadas simplesmente não precisam ser feitas.

No entanto, muitas piadas sobre pênis estão por vir; isso é uma promessa.

E você pode confiar em mim. Eu sou um padre.

"Que porra você acha que *está* fazendo?"

Não é a mais criativa das respostas, e não é o momento ideal para falar sobre o pai de Amy. Mas é tudo o que tenho. Atrás de mim, ouço Amy se esforçando para forçar seus músculos enfraquecidos a ajudá-la a se levantar.

"Esse não é o meu pai."

Um calafrio percorre minha espinha.

Não me importo mais com o que esse Neandertal faz comigo, desde que Amy escape.

O homem sorri e seu rosto faz aquela coisa estranha de derreter novamente. Com uma velocidade incrível, ele estende a mão e agarra meu pulso, que felizmente não está preso à mão que segura a faca.

Seu aperto é incrivelmente forte, e meus ossos se contraem de forma audível.

"Saia do meu caminho."

Cortei seu antebraço com a lâmina pateticamente pequena, desenhando uma fina linha de sangue. Quando ele me solta e se afasta, percebo algo estranho na parte interna de seu antebraço. Três cicatrizes, cada uma com cerca de 2,5 cm de comprimento, correndo verticalmente, como números romanos vermelhos.

"Corra! Amy, corra!"

A garota passa por mim, e eu posiciono meu corpo entre elas, recuando em direção à porta, com a lâmina vermelha da faca à minha frente.

O pai de Amy - *Esse não é o meu pai* - olha para mim e então sua língua sai de entre seus lábios.

É uma língua serpentina, longa e bifurcada. Mas então ela brilha e a ilusão é quebrada.

"Vamos, padre Bannon! Precisamos ir, agora!"

Não precisa me perguntar duas vezes.

Saio da sala e imediatamente a tranco, uma fração de segundo

antes de um grande estrondo fazer a madeira se curvar e ameaçar estilhaçar a estrutura.

Então, saio correndo, seguindo Diego e Amy para o sol quente.

Levar a jovem, que parece ter cerca de 12 anos, a um clube de striptease não é minha primeira opção. Confie em mim, não sou esse tipo de padre.

Está vendo? Se você pode fazer uma piada sobre padre, então eu posso fazer uma piada sobre Trump.

Apenas um, prometo.

Maldito floco de neve.

De qualquer forma, o problema é que a mãe de Amy trabalha lá.

Ah, a *Denise's*.

Apesar de ser um cliente habitual, não conheço essa Mandy, mas achei que deveria dar uma olhada. Também fica no caminho para a delegacia de polícia, portanto, se a Mandy não estiver lá, ou se eu sentir uma vibração ruim da mulher, irei direto para a polícia.

Além de me dizer o nome de sua mãe e onde ela trabalha, Amy não falou muito.

Ela fica sentada em silêncio no banco de trás, olhando para as mãos.

"Vai ficar tudo bem."

Para um homem que faz exorcismos falsos para viver, você ficaria surpreso com o quanto eu odeio mentir.

E isso, por qualquer motivo, parece uma mentira.

Diego entra no estacionamento da *Denise*, e eu corro com a garota para a porta da frente.

Davey Scump está pulando hoje e, quando me vê, seu rosto se transforma em um pretzel.

"Pai? Ela não pode entrar..."

"Mandy. Este é o filho da Mandy."

O reconhecimento cruza o rosto de Davey e ele acena com a cabeça antes de nos levar para dentro.

"Vá para os fundos. Vou chamar a Mandy."

Envolvo Amy com meus braços de forma protetora, mantendo seu rosto junto ao meu peito, enquanto corro para os fundos da boate. Diego me segue de perto.

"Vamos dar um jeito em você. Vamos lhe dar uma refeição quente e um banho. Em uma hora, você se sentirá bem..."

Um tumulto atrás de nós atrai meu olhar. Um policial apareceu do nada e está falando com a proprietária, Denise. Começo a acenar para eles, mas depois paro.

Percebo que não é apenas um policial, mas dois. E o policial que

está puxando a retaguarda não é outro senão o Sr. Apehands, o pai de Amy.

Deixo minha mão cair, mas é tarde demais - eles já nos viram.

"Merda."

Eu disse que essa não é uma história de herói, mas esqueci de avisar que ela também não tem um final feliz.

Inclino-me e sussurro no ouvido de meu parceiro.

"Dê o fora daqui, Diego."

Ele olha para mim, confuso.

"Pai? O que você quer dizer com isso?"

Às vezes, Diego, você só precisa ouvir. Chega de perguntas.

"Quero dizer, você precisa sair daqui. Apenas dirija - você não me conhece nem à Amy. Apenas vá."

Eu cutuco meu amigo e ele finalmente percebe. Mas antes que ele vá embora, tenho mais uma coisa a lhe dizer.

"Vejo você em dez ou quinze minutos. Guarde meu apartamento para mim, está bem?"

Mas não tenho, é claro.

Não pego de dez a quinze anos por invasão de domicílio, agressão com arma letal e sequestro de menor.

Não sei bem por que - a referência brilhante do caráter do padre McCutchen definitivamente ajudou. O resto provavelmente foi intervenção divina.

Ha.

Essa foi outra piada.

De qualquer forma, não peguei de dez a quinze anos - peguei oito anos.

Oito longos anos só por tentar fazer a coisa certa. Se existe um deus, ele acabou de me foder na bunda. E não só não me pagou uma bebida antes, como também esqueceu seu frasco de lubrificante celestial feito de lágrimas de anjo.

Um idiota sem consideração.

Está vendo o que eu fiz?

Mas se você existir, Deus? Eu o trarei de volta um dia... isso é uma promessa.

Episódio 6: Blood Everywhere

(Sangue em toda parte)

Há uma terceira opção. Sempre há uma terceira opção, porra. Para refrescar seu cérebro de chimpanzé, já concluí que a voz em minha cabeça - Sr. Merzoth? Sra. Merzoth? Eles? Zim? Zer? Zem? Zip, Zap, Zoop? - ou é parte de um sonho ou eu enlouqueci.

Mas a terceira... a terceira opção é que eu esteja *realmente* possuído. Que a garota nua no colchão tinha um demônio na cabeça e eu, de alguma forma, o invoquei para dentro de mim.

Ok, tenho que admitir.

Há também uma quarta opção.

A quarta opção é que eu esteja morto.

Isso explicaria o sangue.

Está em toda parte.

Olho para baixo, para minhas mãos. Da ponta dos dedos até os cotovelos, estou coberto com a substância vermelha xaroposa. Também estou deitado no chão, o que corrobora a ideia de que posso estar realmente morto. Isso e o fato de que me lembro de ter colocado um revólver antigo na boca e puxado o gatilho.

Todos os sinais continuam apontando para a morte.

O mais estranho é que não consigo encontrar a origem do sangue. Meu melão e meus dentes parecem intactos. Não há nenhum buraco aberto na parte de trás do meu crânio. Por precaução, verifico minhas artérias principais também - meus pulsos, a parte interna da coxa, a garganta.

Também não há nada lá.

Não consigo encontrar nenhuma ferida.

Outro fato curioso é que minha ressaca desapareceu.

Estou me sentindo... surpreendentemente bem.

Talvez um pouco melhor do que bom, na verdade.

Energizado.

Não me entendam mal, não vou correr a maratona de Nova York tão cedo, mas também não sinto que ficaria completamente gaseado ao correr para o banheiro para cagar.

Meus olhos se voltam para meu copo de uísque, ou o que restou dele. Ele está em pedaços no chão, e me lembro brevemente de tê-lo caído antes de eu...

O revólver do meu pai está ao lado do vidro quebrado.

Só o fato de vê-lo me tira a energia e, de repente, não me sinto tão quente. Minha garganta está seca e meus lábios estão rachados.

Não quero olhar para a arma, mas tenho que fazê-lo. Com o coração acelerado no peito, pego a arma. Começo a abrir o cilindro,

movendo-me lentamente, sem entender realmente o que significaria encontrar a única bala em seu interior.

Batem na porta e eu dou um grito.

Que porra é essa?

Yelp.

Quem está *gritando*? Estou possuído por um pomerano agora?

"Padre Bannen? Está tudo bem?"

O fato de ser apenas Diego acalma meus nervos, mas só um pouco. Ainda estou coberto de sangue - sangue que estou começando a suspeitar que não é meu.

Especialmente porque o único cartucho ainda *está* na arma. Sim, essa bala. A que deveria estar alojada em meu cerebelo.

"Padre Bannen?"

Aperto a mandíbula e dou uma olhada na porta.

Ela está destravada. Não só isso, mas a maçaneta está começando a girar.

"Não é decente! *Não é decente!* Diego, me dê um segundo! Meu pau está fora!"

Não há resposta no corredor e a maçaneta não para de girar.

Com a arma ainda na mão, levanto-me e corro para o banheiro. Escondo o revólver atrás do vaso sanitário e começo a tomar banho no momento em que ouço a porta da frente se abrir.

"Pai? O senhor está..."

Presumo que esse seja o momento em que Diego vê o vidro quebrado no chão e o sangue que eu, sem dúvida, espalhei no parquet.

Tiro a roupa e entro no chuveiro.

Segundos depois, outra batida, dessa vez na porta do banheiro.

"Pai? Está tudo bem? Estou vendo..."

"Sim. Só estou tomando banho."

"Eu vejo vidro... e sangue."

"Eu sei, me cortei ao pegar o copo. Nada sério."

"Nada sério? Há *muito* sangue aqui fora".

"Estou bem." Mas, mesmo para mim, minha voz não soa nada bem. "Sente-se, sirva-se de uma bebida, sairei em um minuto."

Enquanto esfrego o sangue de meus braços, continuo a procurar a fonte de todo esse vermelho maldito.

Não há nenhum, o que é, no mínimo, preocupante.

Não me entenda mal, estou feliz por não estar morto. Especialmente porque Merzoth parece ter ido embora.

"Você está... aí? Uhh, você ainda está aí?"

Eu sei, você acha que isso é loucura. Não se preocupe, eu também acho.

Há uma resposta, mas não é Merzoth.

É o Diego.

"O quê? Estou aqui fora."

"Nada!" Eu grito. "Vou sair em um minuto!"

Enquanto a água fria cai em cascata sobre minha cabeça e meus ombros, pergunto novamente, desta vez dentro da minha cabeça.

Merzoth, onde diabos você foi parar?

Sem resposta.

Mais uma vez, como se eu não estivesse com a cabeça explodindo, sei intrinsecamente que isso é algo positivo.

Mas com essa revelação vem uma infinidade de perguntas.

Tais como, mas não limitadas a: para onde ele/ela foi? De onde ele/ela veio em primeiro lugar? Ele/ela realmente esteve aqui?

De quem é esse sangue?

Suspiro pesadamente e fecho a água. Como precaução final para ter certeza de que não há um corte gigante de orelha a orelha ou de têmpora a têmpora, observo relutantemente meu reflexo no espelho.

"Shiiiiit."

Posso ser muitas coisas, mas uma delas é que não sou médico. Entretanto, desde que fui libertado da prisão, só coloco cocaína, uísque e cigarros em meu corpo. Por mais que isso soe como o belo refrão de praticamente todas as canções de música country, sem o interesse amoroso, não é uma dieta saudável. E, no entanto, posso dizer com toda a franqueza que nunca tive uma aparência tão boa.

Minha pele está impecável, brilhante, elástica... droga, será que *sou* o interesse amoroso perdido?

E meu corpo... Passei *algum* tempo fazendo exercícios enquanto estava atrás dos bares - todo mundo faz isso. Até ganhei alguns músculos também. Não tanto quanto Davey Scump, mas tenho a suspeita de que ele recorreu à injeção de algo em sua bunda para obter seu físico.

Espere... você acabou de fazer uma piada sobre a prisão? Eu literalmente saí do chuveiro, então isso é ainda mais óbvio.

Cole, você deixou cair o sabonete? Sim, aposto que injetaram algo na sua bunda também. Mas com certeza não foram esteroides.

Você pelo menos pensou nisso, não foi?

Sim, você fez isso. Isso significa que acabei de ganhar uma segunda piada sobre Trump.

Não se preocupe, vou guardá-la para quando você menos esperar.

De qualquer forma, enquanto Davey está, no mínimo, em uma dose alta de TRT e, provavelmente, está fazendo um ciclo completo de roides, eu não fiz nada disso.

No entanto, ao me olhar no espelho agora, não sei se acredito em meus olhos. Minha barriga tanquinho, que ontem era, no máximo, uma barriga de dois, está muito mais definida. E, embora antes eu tivesse um indício de uma veia do bíceps em meu braço esquerdo,

agora, quando aperto o punho, consigo ver um vaso grosso e pulsante.

"Mas que diabos?"

Sacudo a cabeça, enrolo a toalha na cintura e saio para ver Diego.

Não sei se ele percebe a mudança em meu físico ou se está apenas curioso para saber de onde veio todo esse sangue, mas ele me olha de forma estranha.

"Você quer comer alguma coisa?" Pergunto, querendo quebrar o desconforto.

Diego move sua cabeça em um movimento circular.

"Talvez eu possa fazer um café."

Eu sorrio e faço uma saudação falsa para ele.

"Café, sim."

E talvez mais uísque e cigarros. Quero dizer, se eles me fizeram ficar tão bem, devem ser saudáveis, certo?

Espero estar com fome. Espero comer três ovos virados para cima, uma porção de bacon e talvez alguns pedaços de salsicha. Comida frita à parte.

Afinal de contas, não consumi nada de substância desde que saí ontem de manhã.

Mas, estranhamente, não estou com fome.

Portanto, assim como Diego, eu só peço um café na lanchonete gordurosa. Diego espera o máximo que pode antes de comentar sobre minha aparência. Minto e digo que me sinto e pareço bem por causa de todo o descanso que tive.

Depois disso, não falamos muito.

Para ser sincero, sinto-me desconfortável e não tenho certeza de como proceder. Ontem, estivemos bem, mas o dia de ontem foi emocionalmente carregado. Primeiro, minha libertação, depois a apreensão na *casa de Denise*, depois o "exorcismo".

Hoje há sangue, mas isso parece de alguma forma mais benigno, apesar do volume.

Sou como um alienígena ou robô tentando interagir com um ser humano normal.

O que devo dizer? Como posso conversar com um não preso? Barnacle Billy conhecia apenas sete palavras, seis das quais eram variações de "fuck".

Então, Diego, em que atividades semelhantes às humanas você tem participado nos últimos dois mil novecentos e vinte dias?

Optei por manter minha boca fechada e apenas aproveitar o silêncio. Uma das coisas que não dizem a você sobre a prisão é que raramente há silêncio. Sempre há alguém gritando, roncando, peidando ou brigando.

Como acontece com a maioria das coisas, você se acostuma, mas não há nada como o silêncio puro e inalterado.

Diego toma um grande gole de seu café.

Sssslurp.

Dou uma olhada pela janela e vejo o outro lado da rua. Fui eu quem escolheu essa lanchonete gordurosa, embora não tenha certeza do motivo. Fica em uma parte da cidade que eu raramente visitava antes de ser preso e nunca tinha ido a essa lanchonete específica antes, pelo menos não que eu me lembre. Simplesmente... veio à minha cabeça.

Noto um carro de polícia isolando um beco entre o que parece ser um prédio de apartamentos e uma lavanderia do outro lado da rua.

Diego inclina a cabeça para seguir meu olhar.

"O que está acontecendo?"

Dou de ombros.

"Eu não sei. Eu só..."

Uma dor intensa irrompe em minha têmpora esquerda, mas quando fecho os olhos instintivamente, não vejo escuridão.

Em vez disso, observo uma cena que está tingida de vermelho - é como assistir a um filme pela metade esquerda daqueles óculos 3D antigos de papel.

Embora meus olhos estejam firmemente fechados - disso, ao contrário da maioria das outras coisas, tenho certeza - vejo o beco, mas os policiais não estão mais lá.

Também é noite.

Isso... o que quer *que* seja... é tão hiper-realista que parece mais uma memória do que uma alucinação, e meus olhos se abrem.

"Eu não sei." Limpo minha garganta e repito essa afirmação de forma mais assertiva. Ao dizer essas três palavras, também me pego levantando e indo em direção à porta. Estou fazendo isso, é claro, estou no controle, mas não sei por quê.

É um beco. São alguns policiais. São alguns metros de fita amarela na cena do crime.

Mas sou obrigado a investigar.

"Pai?"

"Eu já volto. Espere aqui. "

A campainha acima da porta toca quando saio, impedindo qualquer protesto de Diego. Ao atravessar a rua, enfio a mão no bolso, pego a coleira do cachorro e a coloco em volta da garganta. Ontem de manhã, eu queria jogar essa maldita coisa fora.

Agora, parece que é uma parte de mim da qual não consigo me livrar.

Como o Merzoth?

Balancei a cabeça.

"Sinto muito, esta área é proibida para o público".

Aceno com a cabeça, respectivamente, e levanto o queixo para mostrar o colarinho ao policial.

"Há alguma necessidade de extrema-unção?"

Ao perceber que sou um padre, o tom e a postura do policial mudam imediatamente.

"Um pouco tarde para isso."

"Oh, sinto muito em ouvir isso."

O policial dá uma risadinha e eu olho por cima de seu ombro. Um técnico da cena do crime está começando a levantar um lençol encharcado de sangue de um corpo a menos de seis metros de onde estou.

"Além disso, não acho que a extrema-unção seria suficiente nesse caso, pai."

Minha testa se enrugando.

"Por que isso?"

"Bem, o que aconteceu com esse pobre coitado foi obra de pura maldade."

Como se fosse a deixa, o técnico puxa o lençol para trás e vejo o que sobrou de um corpo humano. O peito do homem foi dividido da barriga até a garganta, e a caixa torácica foi rasgada. Como eu disse anteriormente, não sou médico, mas sei que o torso humano não deveria estar completamente vazio. Tenho certeza de que os órgãos estão ali. Um coração, um fígado e um monte de outras coisas.

Mas esse corpo é...

Um grunhido escapa de meus lábios quando sinto aquela estranha pressão em minhas têmporas retornar.

E então minha visão fica vermelha e ouço meu coração acelerado entre os ouvidos. A primeira coisa que vejo é o corpo, o mesmo corpo, só que intacto. O homem deitado no chão está morto ou dormindo, mas seu peito não está rasgado.

Pelo menos, ainda não.

Vejo mãos se estenderem, mãos humanas, e elas começam a trabalhar no peito pálido. Em segundos, o sangue começa a escorrer de feridas recentes.

Tento bloquear a visão, mas não consigo - meus olhos já estão fechados... acho.

As mãos continuam a trabalhar, a rasgar, agarrar e puxar. Sinto-me enojado, mas também intrigado, do tipo "diminua a velocidade para um acidente de carro".

E essas mãos... são *minhas* mãos.

"Pai?"

Eu cambaleio e o policial me agarra antes que eu caia.

"Estou bem. Estou bem, desculpe."

Grunhi novamente e a visão desapareceu.

Diego obviamente não me ouviu quando eu disse para ele ficar na lanchonete, porque ele está ao meu lado agora.

"Tem certeza de que está bem?", pergunta o policial.

"Tudo bem."

Envolvo Diego com meu braço e ele me leva para longe da cena do crime antes que o policial rude fique ainda mais desconfiado.

Dou dois passos, três, e então meu amigo demônio retorna.

O que você acha de nosso trabalho manual, Padre Bannen?

Se Diego não estivesse me segurando quando aquela voz de cascalho na lata irrompeu em minha cabeça, eu certamente teria caído.

"Está tudo bem", diz Diego, lutando para aguentar meu peso. De alguma forma, voltamos para a lanchonete e eu caí na cabine.

Sem dizer nada, pego meu café, mas minha mão está tremendo tanto que mal consigo levá-lo à boca sem derramá-lo na frente da minha camisa.

"Diego", digo secamente, sem querer encarar seu olhar. "Quando eu estava lá dentro, você fez algum... você sabe, exorcismo?"

Quando Diego não responde, sou forçada a olhar para o meu amigo. Posso dizer, pelo leve rubor em suas bochechas, qual será sua resposta antes que ele abra a boca.

"Apenas uma vez. Não foi muito bom. Desculpe-me, pai, eu sei que..."

Eu o interrompi balançando a cabeça.

"Não, isso é bom."

"Isso é... bom?" Uma das sobrancelhas escuras de Diego se move no alto de sua testa. "Por que isso é bom?"

Tomo outro gole do meu café e, em algum lugar dentro da minha cabeça, ouço Merzoth começar a rir.

Um riso retumbante da linha de baixo.

"Porque isso significa que você tem alguma experiência". Limpo minha garganta. "Diego, vou precisar que você faça outro exorcismo".

A outra sobrancelha de Diego se junta à primeira.

"O quê?" Ele suspira. "Padre Bannen, eu realmente não... espere, em quem? Em quem eu tenho que fazer um exorcismo?"

Olho para minhas mãos, as mesmas mãos que estavam cobertas de sangue esta manhã. Sangue de origem desconhecida - até a estranha visão do outro lado da rua.

A risada de Merzoth aumenta até eu sentir meus molares começarem a vibrar.

"Em mim, Diego. Vou precisar que você faça um exorcismo em mim".

Episódio 7: Outro exorcismo fracassado

Eu me limito a tirar a roupa. Fora isso, a cena é praticamente a mesma de todos os outros exorcismos... com exceção de alguns detalhes muito pequenos.

Em primeiro lugar, não sou uma adolescente - sou um padre de 32 anos. Segundo, também não sou um viciado em recuperação; apenas um homem que foi libertado da prisão após oito anos.

Terceiro, estou realmente possuído.

"Não sei se consigo fazer isso."

Instintivamente, tento me sentar, mas não consigo - Diego usou um sistema de cintos e cordas para me amarrar na cama (agora você entende por que me recuso a me despir). Estou impressionado com a engenhosidade do meu parceiro e me pergunto se o homem recatado tem alguma mania que eu desconheço.

Seu traje certamente corrobora essa ideia: Diego parece uma criança que vai fazer doces ou travessuras como um Harry Potter mexicano. Ele está usando minha bata, que é muito grande, e ela se acumula em seus pés. Até mesmo minha cruz parece grande demais em suas mãos. O fato de ele estar apavorado só aumenta a ilusão de que ele é apenas uma criança brincando de se vestir. O que ele é, é claro.

Minha Bíblia, apoiada em uma cadeira, está aberta em Marcos 16. Há também o...

"Não, isso não. Eu também não vou fazer isso", digo, balançando a cabeça com veemência.

Diego dá uma olhada ao redor.

"Não fazer o quê?"

Levanto meu queixo para o frasco que está ao lado da Bíblia.

"Piss - você não vai me molhar com meu próprio mijo, Diego. Eu tenho limites."

Diego abre a boca para dizer algo, e vejo um brilho em seus olhos.

"Não diga isso."

"Ok, ok." Diego cede. "Nada de água benta."

Ele hesita, mas o homem parece menos receoso agora do que antes. A verdade é que eu nunca disse diretamente a Diego que não acredito em Deus. Quero dizer, ele não é estúpido e minha atitude em relação ao assunto é agnóstica, na melhor das hipóteses. Por outro lado, nunca lhe perguntei se ele acredita. Mas ver meu amigo massageando a cruz em seu pescoço é prova suficiente.

"E se... e se algo der errado?" Diego gagueja.

Ouçõ uma risada estrondosa entre minhas têmporas.

Sim, padre Cole Bannen, o que poderia dar errado?

Sim, a voz áspera do demônio está de volta... ou, mais precisamente, Merzoth nunca foi embora.

"Vá se foder."

Diego está lentamente se acostumando com a minha psicose e mal levanta uma sobrancelha para a maldição.

Balancei a cabeça.

O que poderia dar errado? Para ser sincero, antes do incidente com a garota em Albuquerque, eu não pensava muito nos riscos do que faço. Certa vez, durante um exorcismo de uma adolescente particularmente perturbada, a garota parou de respirar e entrou em parada cardíaca. Diego lhe deu RCP e NARCAN, e ela foi trazida de volta da beira do abismo. Agora, de modo geral, sou um exorcista do tipo "bam bam bam, obrigado, senhora", mas Diego ocasionalmente verifica alguns de nossos clientes anteriores.

De acordo com ele, a garota que sofreu a overdose mudou sua vida. Estar clinicamente morto por cerca de um minuto tende a fazer isso com uma pessoa.

A verdade é que não estou nem aí para o que pode dar errado. Só quero que o Merzoth saia da minha cabeça.

Por favor, este lugar já é assustador o suficiente sem que você esteja aqui comigo.

Merzoth está em silêncio agora e não tenho certeza de como interpretar isso. Ele está com medo? Animado? Nervoso?

"Apenas comece, Diego. Por favor."

Algo em minha voz ancora Diego e ele acena com a cabeça. Ele limpa a garganta e fala em um tom surpreendentemente autoritário.

"Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado."

Merzoth dá uma risadinha. Não, acho que ele não está nem um pouco assustado. Acho que ele está se divertindo.

Bem, ele que se dane.

Aquele que crer chupará meu pênis demoníaco. Aquele que crer lamberá minha fenda peluda.

Fecho os olhos, tentando bloquear a voz dentro da minha cabeça, enquanto Diego continua a ler Marcos 16.

Não me sinto diferente.

E se a risada cada vez mais intensa de Merzoth for uma indicação, ele também está se sentindo bem.

"Vamos lá, vamos lá", sussurro, incentivando Diego a acelerar o ritmo e a fazer com que o vodu comece a funcionar de fato.

Por que está tão desesperado para se livrar de mim, padre Bannen? Estávamos apenas começando a nos divertir.

Não sei se a visão que surge em minha mente é inspirada pelo

comentário do demônio ou se ele a conjurou de alguma forma.

De qualquer forma, é vil o suficiente para fazer meu estômago revirar.

Estou de volta ao beco, olhando para a pele pálida. Então mergulho de cabeça. Rasgando, rasgando, eviscerando o corpo.

Isso já é ruim o suficiente, mas não para.

Logo, estou segurando um coração ainda trêmulo em minhas mãos. Grossas gotas de sangue escorrem entre meus dedos e, lentamente, levo o músculo à minha boca.

A visão é tão realista que viro a cabeça para um lado e vomito uma fina corrente de bile.

Eu lhe disse que estávamos apenas começando a nos divertir, zomba Merzoth.

Cerro os dentes e sinto meu corpo inteiro começar a tremer. Não tenho certeza do que está acontecendo - será que a ressaca finalmente voltou? Será uma convulsão induzida pelo devaneio violento?

Ou esse Merzoth está sendo arrancado de minha alma?

"Pai... você está bem? Devo parar? *Pai?*" Diego parece estar procurando uma saída.

Eu não dou a ele.

"Continue. Apenas continue, porra."

Algo *está* acontecendo agora. Até mesmo Merzoth sabe disso.

Há um gemido, mas estou tendo dificuldade em discernir o que está acontecendo dentro da minha cabeça e não fora, e muito menos se sou eu ou Merzoth o responsável pelo som.

Meu mundo inteiro está tremendo agora, e ouço um vento agitado.

"E eles se recuperarão. E eles se recuperarão!"

Poucas pessoas transaram comigo enquanto estive na prisão. Por alguma razão, havia um cara, um ladrão de bancos condenado chamado Frank Richards, que tinha tesão por mim e por um punhado de outros presos. Eu não o atrapalhava, e ele se interessava por outra pessoa - alguém que ele achava ser um alvo mais fácil.

Isso acabou sendo uma má ideia.

Em uma hora de almoço, Frank se aproximou do outro condenado e tentou roubar algo de sua bandeja. O outro homem não hesitou e enfiou um espeto de metal na orelha de Frank.

Para a surpresa de todos, Frank não caiu imediatamente. Em vez disso, seu corpo... *entrou em convulsão*. Foi como se alguém tivesse tocado um fio elétrico em seu peito e Frank ficou impossivelmente rígido, sua postura não era natural e quase desafiava a gravidade.

É exatamente isso que acontece comigo agora.

"E eles se recuperarão!"

Todos os músculos do meu corpo se contraem ao mesmo tempo. Minhas pálpebras estão tão retraídas que tenho medo de que meus

olhos saíam da cabeça.

E não posso controlar nada disso.

Não... não, padre Bannen! Nãoooooo! O demônio não está rindo agora.

"E eles vão se recuperar!" Diego está gritando, mas sua voz é arrastada pelo vento bizarro e idiopático.

Depois de uma série de grunhidos e gemidos, ouve-se um som horripilante de rasgo e então eu o vejo.

Ou ele, ou ela.

Provavelmente é isso mesmo.

Merzoth.

Ele é enorme. Não conheço a física da possessão, mas Merzoth parece grande demais para caber dentro de meu corpo, recém-musculado ou não.

O demônio que se separa da minha cabeça é parcialmente translúcido - ainda consigo ver a forma vacilante de Diego *através* dele.

Os lábios de meu amigo estão se movendo, mas só consigo ouvir o grito de Merzoth.

O demônio tem chifres enormes, como os de um carneiro, mas sua pele não tem pelos e está coberta de pelos - não chega a ser uma escama, mas está perto disso. Seria de se esperar que a boca fosse a coisa mais aterrorizante do Merzoth - com sua língua bifurcada e centenas de dentes pontiagudos cobertos de saliva espessa - mas você estaria errado.

São os olhos de Merzoth. Ou, mais precisamente, a falta deles. Nos buracos ocos onde deveria haver globos oculares, havia apenas um vermelho rodopiante. Rios de carmesim profundo, correntes de marrom e redemoinhos escuros. Torcendo, girando...

Não consigo, *não consigo desviar o olhar.*

Por que fiquei preso com o maldito chefe final de Resident Evil? Por que eu não podia ser possuído por um Gremlin fofo e peludo?

Os redemoinhos são hipnóticos, e sinto meu corpo sendo sugado para dentro desses poços, mesmo quando a forma translúcida de Merzoth se separa ainda mais da minha.

"Não!" Eu grito, mas é tarde demais.

"E se... e se algo der errado?" Ouço a voz do meu parceiro, mas não consigo mais vê-lo.

Para ser justo, com minha sorte, eu tinha certeza de que *algo* daria errado.

Se eu tivesse que adivinhar, no entanto, eu teria escolhido algum tipo de função corporal incontrolável. Considerando que já vomitei, eu teria apostado em um peido.

Mas ser literalmente transportado para o inferno?

Não, isso nem passou pela minha cabeça.

Está quente - insuportavelmente quente. Não tenho certeza de onde vem todo esse calor, pois não vejo nenhum fogo. Não vejo nem mesmo um sol. O céu está tingido de vermelho - *tudo* está tingido de vermelho. É como se eu estivesse permanentemente vendo através dos olhos de Merzoth, como quando o revivi comendo o coração do homem.

Rios lentos do que poderia ser - provavelmente é - sangue, escorregam pelos meus tornozelos. Dou um passo à frente, só para ter certeza de que meus pés não estão presos. E não estão. De alguma forma, o chão é duro, apesar do líquido interminável que parece fluir para um ponto central.

Uma torre.

Um enorme pináculo negro à distância que se estende tão alto que seu pico se perde no céu avermelhado.

Em frente à torre há uma escultura de obsidiana de um símbolo que parece familiar, embora eu não tenha certeza de onde. Meu primeiro instinto é que se trata de um número romano gigante "III". Mas isso não está certo.

Aperto os olhos e inclino a cabeça.

É uma forquilha.

O motivo pelo qual não percebo isso em um primeiro momento é por causa dos corpos. Eles estão ensanguentados e mutilados, manchados de sujeira, o que faz com que se misturem ao fundo. Em algum momento, eles foram empalados nos dentes, sem dúvida. Mas agora não. O peso combinado de seus corpos - conto pelo menos dez deles, mas provavelmente há mais - fez com que eles afundassem até o ponto mais baixo, obscurecendo os "u" na parte inferior de cada espinho, fazendo com que pareça um número três em vez de uma forquilha. Eles estão aglomerados aqui, uma massa de braços, pernas e torsos imóveis. Vejo de relance uma boca aberta, com uma língua grossa e roxa pendurada.

"Putá que pariu", sussurro. A cena é quase horrível demais para ser registrada adequadamente.

De repente, um grito atravessa o ar denso, e eu estremeço.

O som não se parece com nada que eu já tenha ouvido antes. Um pássaro? Um dinossauro? Algo - bem, eu ia dizer algo possuído, mas estou cansado de me tornar muito metafísico.

No entanto, para ser honesto, apesar do horror dessa chamada, duvido que haja algo na Terra ou no Inferno que possa ser pior do que o forçado com os corpos.

Rapaz, eu estava errado.

Meus olhos se movem na direção do som, e o que vejo faz com que todos os pelos, até mesmo os minúsculos na parte inferior do meu saco bem aparado, fiquem em pé.

O Merzoth é enorme. Mas essa... *coisa*?

É do tamanho de uma casa.

Ele tem chifres como os de Merzoth, longos, enrolados e nodosos, mas é aí que as semelhanças terminam. Pelo que vi, Merzoth tem um tom rosado, enquanto essa abominação tem pele verde-escura. E, ao contrário de meu companheiro mental, não há dúvida de que essa *coisa* é uma fêmea. Ela tem seios enormes e flácidos, com mamilos grossos e pretos. Eles balançam para frente e para trás e a pele que os segura se dobra com a tensão quase a ponto de estourar. É como se fossem duas meias de moletom verdes lutando para conter bolas de boliche.

Quero dizer que o rosto se parece com um lagarto, jacaré ou dinossauro, pois isso tornaria a descrição muito mais fácil, mas na verdade não é assim. Suas feições são notavelmente planas, sem focinho, com apenas dois buracos irregulares para o nariz. Enquanto o Merzoth tem aqueles olhos vermelhos e espiralados, essa coisa tem apenas buracos pretos em sua enorme cabeça onde deveriam estar os olhos.

Assim como seus seios, seu estômago também é distendido, caindo sobre duas pernas bastante finas e ósseas.

O grito vem novamente.

Tapo meus ouvidos, mas isso mal abafa o som.

O eco do grito é perseguido por um ruído retumbante de rasgo. É preciso entender que estou de pé em uma espécie de pequena colina, com rios de sangue batendo em meus tornozelos. É difícil avaliar a distância no Inferno, já que a percepção de profundidade é distorcida pelo filtro vermelho constante e pela falta de um horizonte. Mas se eu tivesse que adivinhar, a torre com o forçado na frente... está a cerca de cinco quilômetros de distância. À direita, em uma clareira cercada por um círculo de pedras de granito, está a fera. Essa gracinha está a aproximadamente 800 metros de onde estou.

Mas esse som? É como se ela estivesse gritando diretamente em meu ouvido. É tão poderoso e tão... *enervante*.

O rasgo é seguido por um respingo de água. Por baixo do estômago protuberante, um bolus de líquido espesso preto e vermelho cai no chão de terra.

Faço a clássica cara de vômito: lábio inferior estendido, queixo para cima, garganta aberta.

A maldita coisa está dando à luz.

Outro grito, desta vez alto o suficiente para que meus olhos comecem a lacrimejar. Uma mão com garras aparece entre aquelas

pernas, e eu não quero nada além de desviar o olhar.

Mas é aquela história do acidente de carro de novo - não posso.

Uma mão com garras aparece, depois outra.

Então...

"E eles se recuperarão!"

Assustada com a voz de Diego, que não poderia estar mais deslocada no inferno, finalmente desviei os olhos da beleza do nascimento do demônio.

O céu mudou. Ainda está tingido de vermelho, mas consigo ver *através* dele. Demoro um pouco para me orientar, mas quando o faço, reconheço o que estou vendo.

É o meu apartamento.

Posso me ver na cama, com as costas ainda arqueadas e os músculos tensos. E consigo ver Diego. Ele está lendo o bom livro, a cruz em sua mão se contorcendo loucamente.

E ainda há o Merzoth.

Ele está quase completamente separado de mim - a única coisa que ainda está espectralmente presa são seus tornozelos e pés.

E ele está tentando alcançar Diego - a cabeça do meu amigo.

Mas meu parceiro parece não perceber. Meu primeiro pensamento é que o demônio vai esmagar o crânio de Diego com suas mãos enormes.

Mas quando me concentro em meu próprio mundo, percebo que isso não poderia estar mais errado.

Merzoth não está tentando matar Diego.

Ele está tentando possuí-lo.

"Não! Não!!!!!!"

De alguma forma, preso entre dois mundos, meu grito ainda consegue chegar a Merzoth.

E, em resposta, o demônio começa a rir.

Episódio 8: Lies (Mentiras)

Você sabia que é impossível acender um rastro de gasolina com um cigarro? Pois bem, é. O cigarro simplesmente não queima quente o suficiente. Você também sabia que não é possível eletrocutar alguém usando uma bateria de carro? Não, isso simplesmente não acontece - não há voltagem suficiente.

Os filmes - eles mentem para você.

Eles mentem o tempo todo.

Eles também mentem sobre os exorcismos. Claro, a coisa do vento é verdade, o redemoinho aleatório de ar frio que chega por volta do versículo dois do manual do exorcismo - "*E eles se recuperarão!*" -, mas o demônio não fica dando voltas, vomitando latim e depois desaparece.

Ele tem que ir para *algum lugar*. Agora, tenho certeza de que há uma maneira de enviar Merzoth de volta ao Inferno com sua mamãe de seios grandes, mas não tenho ideia de como fazer isso.

E Diego também não.

Gostamos de exorcismos *falsos*, não *reais*.

Para atualizá-lo, Diego chamou Merzoth, e agora o demônio não tem mais para onde ir a não ser para *ele*.

Enquanto olho para o meu parceiro através do céu vermelho efêmero, tento me impulsionar para cima. Mas os malditos nascimentos de demônios - nascimentos, devo dizer, já que pelo menos dez infernais caíram da cloaca aberta das bestas desde que nossos mundos começaram a se misturar - estão me distraindo.

"Diego!"

Ele não responde. E também não vê o Merzoth se estendendo do meu corpo e se inclinando em direção ao dele.

Eu me concentro totalmente no rosto de Diego e me desejo sair do inferno.

Funciona. Não sei como, mas funciona.

Há um som de sorvete quando meus pés são liberados do rio de sangue e sujeira, e então estou disparando para cima, voando em velocidade de dobra em direção à minha realidade.

Em meu mundo, meu corpo ainda estava arqueado e tenso enquanto Merzoth se soltava de mim. Mas quando minha alma é sugada de volta para o meu corpo, eu imediatamente caio na cama.

Pisco uma vez, duas vezes, e vejo Diego, não translúcido agora, mas em carne e osso, olhando para mim com olhos do tamanho e formato de Oreos gêmeos.

"Não, você não tem", sussurro com os dentes cerrados.

É difícil explicar o que acontece em seguida. Olho de Diego para a fera com chifres e, em seguida, tento alcançar com minha mente, tento

aspirar mentalmente Merzoth de volta para mim.

No início, sinto que ele está lutando contra mim, se esforçando, mas me recuso a desistir. Não há a menor chance de eu soltar esse demônio em Diego.

Como momentos atrás, quando voltei a entrar em meu corpo, ouço um som retumbante de sorvo quando Merzoth finalmente cede e se junta a mim dentro do meu melão. Essa sensação é tão física quanto mental, e a parte de trás do meu crânio é forçada com força contra o colchão.

No entanto, essa experiência é mais desconfortável do que dolorosa - como uma unha gigante com a qual você fica brincando, mas não quer remover por medo de sangrar até a morte.

Já está sentindo minha falta, padre Bannen? A voz de Merzoth me dá náuseas, mas não tenho mais nada para vomitar. Ela voa de um lado para o outro da minha cabeça aleatoriamente, impossibilitando que eu tenha uma compreensão firme de sua origem.

Ela parece existir dentro de minha cabeça, mais ou menos indistinta de meus próprios pensamentos - apesar da qualidade áspera da voz, que é como uma lixa sobre a carne.

"E eles se recuperarão!"

Limpo minha garganta.

"Está bem. Diego, está tudo bem."

Ele olha para mim, com uma sobrancelha levantada.

"E eles *se* recuperarão!"

Balancei a cabeça.

"Diego, está tudo bem. Por favor, apenas me solte o cinto de segurança. Me deixe ir."

Posso ver no rosto do meu parceiro que ele está desconfiado de que isso é um truque do demônio.

E de certa forma é.

"Diego, sou eu, é o Cole. Por favor, me desamarre."

Ainda assim, não há movimento, e minha frustração aumenta.

Está vendo como é ser odiado antes mesmo de conhecê-lo?

Maldito Merzoth.

Para uma fera como esse demônio, ele é apenas uma cadelinha de coração.

Delicioso, coração sangrento... mmm...

"Será que... funcionou? Pai?"

Olho fixamente nos olhos de Diego, sem saber como responder.

Devo mentir e dizer a ele que Merzoth se foi? Ou devo dizer a verdade? Devo dizer a ele que quase funcionou, mas eu o parei antes que o demônio pudesse saltar do meu corpo para o dele?

Devo contar a Diego que fui transportada para o inferno, vi uma mamãe demônio de peitos grandes dar à luz, vi homens sendo

espetados em um forcado do lado de fora da torre de Satanás e fiquei em um rio de sangue?

Não, acho que não. Se eu disser isso a ele, Diego, meu único amigo e, portanto, amigo de *fato* do ninho, provavelmente me deixará preso aqui até a chegada dos homens de jaleco branco.

"Não sei", minto. Eu sei muito bem. "Eu não sei, mas você tem que me desamarrear."

Puxo contra minhas amarras e os cintos de couro rangem.

Apesar de meu apelo, Diego ainda está em dúvida.

"Vamos, deixe-me levantar!" Eu grito. A veracidade de minhas palavras assusta até a mim, mas estou cansado e confuso demais para me importar. "O que está esperando? Quer que eu lhe diga a rua onde cresci ou o nome de solteira da minha mãe? Você tem um *Captcha* para eu completar? Apenas desfaça... esses... malditos... cintos!"

Diego finalmente se aproxima e se abaixa com cuidado. Posso dizer, por sua postura, que ele está pronto para me bater com a cruz de madeira caso o demônio que me possui apareça, mas Merzoth está surpreendentemente silencioso. Será que, como eu, ele está exausto? Ou será que está apenas irritado porque quase conseguiu entrar em Diego e foi puxado de volta no último momento?

Existe algo como bolas azuis de exorcismo? Um pouco de possessão, por assim dizer?

"Por favor."

A dor em minha voz finalmente convenceu Diego. Ele desamarra meu pulso direito e, assim que estou livre, pego minha outra mão. Diego, surpreso com a velocidade de minhas ações, dá um pulo para trás e cai de bunda no chão.

Rapidamente, solto meu pulso e depois meus tornozelos.

"O que aconteceu?" Diego está pálido quando se levanta e tira meu roupão.

Tento ficar de pé para me juntar ao meu amigo, mas me sinto tonto e caio para trás.

"Você pode... você pode me ajudar a levantar?"

Diego, ainda hesitante, passa o braço em volta da minha cintura. Como antes, eu me movo rapidamente, agarrando-o pelo pulso.

"Ei!"

Puxo Diego para o colchão e a cruz cai de sua mão.

Ele acha que isso é obra de Merzoth, mas não é.

Tudo isso sou eu.

Aproveitando o fato de que o homem é muito menor e extremamente assustado, coloco o pulso de Diego em uma das amarras - uma de tornozelo - e pressiono meu peso contra seu peito enquanto a prendo.

"Sinto muito, Diego."

Tomado pela confusão e pelo medo, Diego não luta contra mim. Consigo prender seus dois braços na cama com pouco esforço.

Não me incomodo com suas pernas.

De todas as coisas ruins que já fiz, essa parece ser a mais errada. E a expressão no rosto de Diego, de pura traição, me machuca profundamente. Assim como o fato de que ele nem sequer tenta se levantar - ele nem mesmo diz nada.

Mas tenho que fazer isso. Não tenho outra opção.

Essa bagunça é obra minha. Diego era um bom garoto antes de me conhecer, um bom garoto com alguns problemas, com certeza, mas qualquer pessoa que crescesse no lugar dele estava destinada a ter problemas. Mas fui eu quem o levou a um novo nível, que culminou com o fato de ele quase ter sido preso por toda a situação do sequestro de Amy.

Merzoth é a gota d'água. Eu simplesmente não sou bom para ele.

Não é bom para ninguém, de fato.

Este é o fim do caminho para mim e para o Diego.

Quando me afasto e me levanto, sinto o cheiro de álcool no hálito do homem. E, por alguma razão, isso reafirma minha decisão.

Diego não é muito de beber, mas o estresse a que o submeti o levou ao álcool.

Sim, não sou boa para ele.

"Sinto muito, amigo. Sinto muito mesmo."

Não, não mais, eu e Diego.

De agora em diante, seremos apenas eu e meu bom e velho amigo Merzoth.

Mesmo quando não há música tocando em uma igreja, ainda é possível ouvi-la. Todas as vogais respiratórias prolongadas e tons de orquestra.

Não gosto dele, Merzoth rosna.

Balancei a cabeça.

"Tenho a impressão de que você não se importa com muitas pessoas, já que é um demônio e seu principal objetivo é possuí-las."

Estou sentado em um banco bem no fundo da igreja do Padre McCutchen. O lugar está praticamente vazio, mas isso não é incomum para as igrejas em geral nos dias de hoje.

Ainda assim, é minha sorte que, às onze da manhã, alguém chegue antes de mim ao confessionário e eu tenha que esperar minha vez para confessar meus pecados.

Na verdade, não estou aqui para me confessar; estou aqui para obter conselhos sobre como realizar um exorcismo adequado. Mas eu conheço bem o padre McCutchen - sem uma confissão, ele não vai

compartilhar nada.

A viagem de carro até Albuquerque foi tranquila - graças a Deus - e só depois de entrar na igreja é que Merzoth decide falar. Uma pequena parte de mim esperava que o simples fato de entrar nesse local de adoração faria Merzoth ferver e vazar pelos meus ouvidos, ânus ou qualquer outro orifício e eu me livraria dele.

Infelizmente, esse não é o caso. É estranho como um demônio pode ser exorcizado simplesmente cantando algumas palavras de um livro sagrado e, ainda assim, Merzoth parece relativamente imperturbável com a perspectiva de se sentar em uma igreja.

Eu não gosto dele. Não gosto de seu cheiro.

Suspiro e massageio as têmporas.

"Certo... o cheiro dele?" Eu imagino a enorme fera dando à luz. Havia um cheiro no inferno? Provavelmente sim. Se havia, não era bom - posso lhe dizer isso.

Há algo errado com seu cheiro. Ele está...

As duas portas do confessionário se abrem e eu me levanto, silenciando o demônio dentro da minha cabeça.

"Pai!"

O padre McCutchen me vê, como evidenciado pela sugestão de uma carranca que aparece em seus lábios enrugados, e então ele se dirige à mulher que sai do confessionário. Ela está com lágrimas nos olhos, e o padre a consola gentilmente, colocando a mão em seu ombro e dizendo o que presumo serem palavras gentis.

Espero que os enlutados saiam e me aproximo do meu antigo mentor.

O padre McCutchen está na casa dos 80 anos e aparenta ter a idade que tem. A pele do homem é da cor da fumaça de cigarro e ele tem sulcos profundos que se cruzam em sua testa. Seu cabelo não passa de mechas grisalhas e ele tem o ar de um homem que foi deixado por uma criança pouco compassiva em uma casa de repouso e deixado para apodrecer.

Exceto por seus olhos.

O padre McCutchen tem olhos azuis gelados e um olhar que parece capaz de penetrar em objetos sólidos.

Estendo a mão para apertar a dele, mas o padre McCutchen mantém os braços firmemente enfiados em seu manto.

Abaixo meu braço.

"É bom vê-lo, pai. Já faz algum tempo."

E tem sido assim. A última vez que vi o Padre McCutchen foi quando ele me deu uma referência de caráter em meu julgamento. Ele parecia muito mais jovem na época, embora isso tenha acontecido há apenas oito anos.

"Cole." McCutchen acena com a cabeça em vez de apertar minha

mão. "O que posso fazer por você?" Ele tem um forte sotaque irlandês, que é totalmente deslocado em Albuquerque, Novo México.

Não gosto desse homem, padre Bannen. Ele não é...

"Cale a boca."

O padre recua e eu balanço a cabeça.

"N-não, não é você. Eu sinto muito. Não é você."

Ficamos nos olhando desconfortavelmente por alguns segundos antes de eu gesticular em direção ao confessorário.

"Tem um momento?"

O padre acena novamente com a cabeça antes de abrir caminho até a cabine.

"Abençoe-me, padre, porque pequei. Minha última confissão foi... oh, não sei, oito anos atrás?"

Isso é estúpido, reclama Merzoth.

Eu o ignoro.

"Vá em frente, meu filho."

Eu respiro fundo.

"Bem..."

Quando termino de me confessar, estou exausto. Minhas axilas e bolas estão encharcadas de suor. Mas, para dizer a verdade, estou me sentindo melhor.

E depois que o padre McCutchen me dá minha penitência na forma de um número quase infinito de Ave-Marias, que eu não tenho a menor intenção de fazer, eu rapidamente me manifesto novamente.

"Olha, eu sei que não concordamos muito com essa história de exorcismo, mas eu me coloquei em uma situação um pouco complicada."

Quando não há resposta após várias batidas do coração, olho através da grade que me separa do padre McCutchen.

"Pai?"

Para minha sorte, o idoso ficou tão perturbado com minha confissão que teve um ataque cardíaco e morreu.

"Sim, vá em frente."

Não, finalmente algo saiu do meu jeito. Isso é uma indicação de que a maré está mudando? Que terei boa sorte daqui para frente?

Claro que não.

"Bem... veja, vou direto ao ponto. Cague ou saia da panela, certo? Se eu chamar um demônio... e depois? Onde eu, *uhh*, onde eu o coloco? Hipoteticamente, é claro".

Eu me encolho diante da estranheza de minhas próprias palavras.

Isso é uma loucura.

Estou louco.

"Os exorcismos não foram sancionados pela..."

"Eu sei. Eu sei - eles não são sancionados pela igreja, eu entendo.

Mas padre... *por favor*. Estou hipoteticamente desesperado aqui".

"Cole, o que você está fazendo é perigoso. Se-"

Normalmente sou bastante educado, mas não tenho tempo para isso.

"Tenho que enviar o demônio para algum lugar, certo? Como faço isso? Posso mandá-lo de volta para o inferno?"

Em minha mente, imagino a espiral negra onde todo o sangue fluía.

O padre McCutchen solta um suspiro exasperado.

"Mandá-los de volta para o inferno é complicado." Sua voz está diferente agora, mais baixa. "Isso pode ser feito, mas... mas sua melhor aposta é prender o demônio em um objeto inanimado."

Uma de minhas sobranceiras se arrasta para cima em minha testa.

"Sério? Como faço isso?"

"O objeto precisa ser abençoado. Pode ser qualquer coisa, na verdade, desde que seja abençoado por um sacerdote. Depois de realizar o ritual, apresente o objeto. E você deve dizer o nome do demônio. Eles lutarão contra você, mas se você for forte o suficiente, poderá forçá-los a entrar no objeto."

Dentro de minha cabeça, Merzoth rosna. Não, não é um rosnado, na verdade. É mais como um ronronar.

"E isso funciona?"

"Funciona, Cole. Mas eu não concordo com isso, e não..."

Já estou de pé e abrindo a porta.

"Obrigado, pai. Muito obrigado por sua ajuda."

Estou sorrindo quando me viro e corro pelo corredor em direção às portas da frente.

"Lembre-se de suas Ave-Marias, Cole!"

Não me viro, apenas levanto a mão em sinal de reconhecimento.

Que se danem as Ave-Marias.

Saio e meus olhos imediatamente se voltam para o bar do outro lado da rua.

O *Denise's* fica próximo ao Central New Mexico Correctional Facility por algum motivo. Da mesma forma, embora eu nunca tenha notado isso até agora, parece haver muitos bares próximos a igrejas.

O que isso diz sobre eles?

"Nosso tempo juntos está contado, Merzoth. Assim que eu tomar um ou dois drinques, vou tirá-lo da minha cabeça."

Infelizmente, um ou dois drinques se transformam na maior parte de uma garrafa. E, enquanto me sento no balcão, ouço Merzoth rindo dentro do meu crânio.

Bem, se esse é o caso, então eu poderia muito bem me divertir enquanto ainda estou dentro de você. O que o senhor acha, padre Bannen?

Sinto uma pressão estranha no meu núcleo, como se estivesse flexionando com força meus abdominais recém-descobertos. Mas isso

não é obra minha. Talvez, se eu estivesse sóbrio, eu pudesse lutar contra Merzoth. Eu poderia lutar contra ele e impedi-lo de se levantar.

Mas não agora. Não enquanto estiver desperdiçado.

Minha visão fica embaçada e depois vermelha.

Não há nada que eu possa fazer, exceto esperar e rezar para que eu não acabe coberto pelo sangue de outra pessoa.

Novamente.

Episódio 9: Chantagem

Sem sangue desta vez. Isso é um ponto positivo. Grande ressaca - grande ponto negativo. Da última vez que acordei de um "sono" prolongado, eu me sentia e parecia ótimo.

Agora não - caramba, estou me sentindo péssimo. Meu nariz está tão duro que parece que eu cheirei cacos de vidro e não a cocaína que Davey Scump tão gentilmente me presenteou na *casa da Denise*.

Que diabos eu fiz dessa vez?

Faço a pergunta de forma retórica, mas ainda tenho esperança de que Merzoth responda. Infelizmente, como depois da última vez que ele assumiu o controle do meu corpo, o demônio está suspeitamente silencioso.

Olho em volta, sem ter certeza de onde estou. Não estou no chão do meu apartamento, mas em uma cama. Uma cama muito grande. O que é maior do que uma cama king size? Uma cama king dupla? Não sei, mas se isso existe, então é nela que estou deitado.

Definitivamente, não é a *minha* cama. Eu nunca a vi antes.

Algo me dá um tapa no peito e eu grito.

É um braço e, com essa constatação, vem outra: Não estou sozinho. Eu me levanto, quase tropeçando nos lençóis que estão enrolados em minha cintura. Quando eles se desfazem, vejo que estou completamente nu.

Portanto, se alguém estiver fazendo anotações, até o momento, não temos sangue.

Isso é um ponto positivo.

Mas estou de ressaca: menos. Também estou na cama de um estranho - menos - e alguém também está na cama - duplo menos.

Parece 100% arrependimento de dormitório, se você quer saber.

E está prestes a ficar muito pior.

O braço que me deu o tapa pertence a um homem de barba feita e rosto de bebê. Ele está vivo - mais - mas está olhando para mim com expectativa, de forma coquete, menos ainda. Perdi a noção do placar, mas não estou ganhando, isso é certo.

"Volte para a cama, querida."

Vejo a garota em seguida. Ela também está na cama de tamanho cômico, e seus cabelos loiros estão espalhados sobre o travesseiro. Ao contrário do homem, seus olhos estão bem fechados, mas ela está respirando suavemente.

Merzoth? O que você fez?

Como antes, sinto meu corpo em busca de qualquer tipo de ferimento, mas não encontro nada grave. Há um pouco de sangue seco em minha narina esquerda, mas nada dentro ou ao redor de minhas... *uhh...* partes sensíveis.

O homem na cama faz um gesto em minha direção, e eu dou um passo para trás para investigar o resto do quarto. Há garrafas de bebida por toda parte, desde um punhado de garrafas de cerveja vazias até tequila e, é claro, Johnny Red.

Ainda posso sentir o gosto em minha língua... junto com outra coisa na qual prefiro não pensar.

O que você fez?

Minhas roupas estão em uma bola no canto do quarto, e eu as pego rapidamente.

"Você não vai voltar para a cama?", pergunta o homem em um tom agudo.

Sem tirar os olhos dele, coloco minha roupa íntima e depois minha calça jeans. O único momento em que interrompo o contato visual é quando coloco o moletom.

Não me importo mais com o que fiz - só quero sair daqui. Só quero ir para casa. Quero ir para casa, abençoar o maldito assento do meu vaso sanitário e exorcizar o Merzoth nele.

"Tudo bem, então nos vemos em uma semana", disse o homem, fazendo beicinho com os lábios.

Uma semana? Não. Eu não vou voltar aqui. Não sei o que aconteceu, mas posso lhe garantir uma coisa. Isso não vai se repetir.

Balancei a cabeça.

"Sim... acho que não."

Eu me viro e tropeço em um corredor estreito, no final do qual encontro a porta da frente. Eu a atravesso e grito novamente.

É tão brilhante.

Com os olhos abertos apenas na largura de um papel e o antebraço protegendo o rosto, continuo andando, sentindo meus pés levantarem poeira e sujeira. Quando minhas pupilas preguiçosas se contraem, eu me viro e olho para trás, para o lugar de onde tinha acabado de sair.

Estou chocado. A parte interna do apartamento, incluindo a cama enorme, estava bagunçada, com certeza, mas também era chique e moderna. O exterior não poderia ser mais diferente. Na verdade, por uma fração de segundo, acho que Merzoth me transportou de volta ao inferno. O céu acima de mim é quente e o solo é quase pós-apocalíptico e seco. As casas, incluindo a que acabei de sair, estão quebradas e em ruínas.

Para onde você me levou, Merzoth?

A última coisa de que me lembro é de ter saído da igreja do padre McCutchen e ido para o bar do outro lado da rua.

E agora estou aqui, no meio do nada. E o carro do Diego?

Não tenho ideia de onde ele está.

Merda! Diego!

Na última vez em que Merzoth assumiu o controle do meu corpo -

sim, também estou tendo dificuldade para me acostumar com a ideia -, acordei na manhã seguinte.

Seria amanhã, hoje?

Não sei, sou novo nessa história de ser possuído.

Mas se for no dia seguinte, ou no dia seguinte?

Então, Diego vai se machucar muito.

"Onde está seu carro?"

Olho para cima e para baixo na rua, mas o único veículo que vejo não tem portas nem rodas. Isso não vai ajudar.

O suor já está se formando em minha testa, e posso sentir meu corpo começar a tremer à medida que a ressaca se instala.

Que merda é o carro do Diego?

Houve um grunhido e um suspiro - não foi obra minha.

Eu lhe direi onde está seu carro se você prometer não me exorcizar.

E lá está ele: Merzoth está de volta.

Penso nas palavras do demônio e depois penso em Diego. Não tenho ar-condicionado e meu quarto pode ficar tão quente quanto 100º com as janelas fechadas.

Foda-se.

Você provavelmente já ouviu falar sobre os perigos de fazer um acordo com o diabo, mas, às vezes, a alternativa é seu único amigo morrer de insolação enquanto está amarrado a uma cama. E você o colocou lá.

"Está bem, combinado", eu digo.

Mais uma vez, Merzoth se cala e eu começo a andar, não porque tenha alguma ideia de para onde estou indo, mas porque simplesmente não consigo mais ficar sob o sol escaldante.

"Você não pode mentir - você é um padre, lembra?"

Uma pitada de sorriso aparece em meus lábios.

Claro, assim como os policiais não podem mentir para os suspeitos.

"Não estou mentindo. Diga-me onde está o carro e prometo não exorcizá-lo."

Uma imagem aparece de repente em minha mente. É tão clara, tão real, que chega a me desorientar.

É muito parecido com o que aconteceu quando me aproximei do policial no beco e vi o corpo ensanguentado no chão. Isso é menos visceral e menos mórbido, mas tem a mesma qualidade assustadora, com uma leve vinheta e um tom avermelhado. Há também a presença do batimento cardíaco pulsante, meu ou de Merzoth - talvez ambos -, que exacerba minha ressaca.

Nessa visão, vejo claramente o carro amarelo de merda de Diego. As coisas avançam rapidamente e a visão termina no apartamento de onde acabei de sair.

Olho para cima, reconheço uma rua do sonho e sigo naquela

direção. Sigo a visão em sentido inverso e estou me aproximando da última curva quando a vejo.

Isso não pode ser uma coincidência, Merzoth tinha que ter armado tudo isso. A verdadeira questão não era *como*, embora o momento não pudesse ser mais perfeito, mas *por quê*.

Por que ele me trouxe de volta para vê-la?

A garota me nota, mas mantém a cabeça baixa e continua andando.

"Ei!"

Aceno com o braço, mas a garota aperta as mãos nas alças da mochila e não diminui a velocidade. Quando muito, ela acelera.

"Ei, sou eu, é o padre Bannen!"

Isso a faz parar e ela se vira lentamente para me olhar.

É a mesma garota. Ela está menos suada e sua pele está mais clara, mas é ela.

É difícil acreditar que há apenas alguns dias ela estava nua, deitada em um colchão.

"Sou velha demais para o senhor, pai? É por isso que você não quer olhar para a minha buceta?"

"Como... como você está?" Eu digo, depois me encolho.

Esse é o trabalho do Diego, o acompanhamento. Mas enquanto observo a garota que parece completamente normal, embora um pouco nervosa, não posso deixar de pensar que o que fiz - o que *fizemos* - foi uma coisa boa. E não importa o quanto eu odeie ter o Merzoth dentro da minha cabeça, estou feliz por termos salvado essa garota do demônio pervertido.

Quase me sinto vingado, como se um exorcismo bom e *verdadeiro* compensasse todos os falsos.

"É... está em você agora?" A voz da garota é um sussurro tímido, e ela se recusa a olhar para mim.

Como quando Diego me perguntou se o exorcismo que ele fez em mim tinha sido um sucesso, não tenho certeza de como responder. No entanto, essa garota parece tão pura e inocente que, pela primeira vez, inverte o roteiro e digo a verdade.

"Sim." Eu me endireito e aceno com a cabeça. "Sim, é."

"M-M-M-Merzoth?"

É estranho ouvir outra pessoa dizer esse nome, mas isso reafirma a noção de que não enlouqueci completamente.

Em parte, com certeza, mas não totalmente insano. Só estou seguindo essa linha.

"Sim", repito.

A garota faz uma inspiração dupla.

"Sinto muito."

Meu lábio superior se enrola.

"O quê? Não, você não tem nada do que se desculpar. Isso não é

culpa sua. Não é culpa de ninguém."

A garota acena com a cabeça, mas é um gesto difícil e posso sentir sua dor.

Se ser possuído por um demônio é confuso para mim, um homem supostamente do clero que passou oito anos atrás das grades, não consigo nem imaginar como deve ter sido para ela.

De repente, sinto o desejo de abraçar essa garota, de abraçá-la até que ela pare de tremer. É tão forte que chego a estender a mão, mas paro quando vejo seu pulso.

Há três linhas rosa desbotadas em sua pele, como cicatrizes cicatrizadas há muito tempo. Eu já as vi antes, mas agora tenho contexto.

Elas me lembram imediatamente a forquilha do lado de fora da torre negra no Inferno. Não são linhas, mas parte de um tridente, apenas as partes curvas estão desbotadas e pouco visíveis.

Minha hesitação assusta a garota - ela provavelmente pensa que Merzoth assumiu o controle das minhas faculdades. Seus olhos se arregalam e ela começa a correr.

"Espere! *Espere!*"

Mas ela não espera, e eu não a persigo.

Eu apenas a vejo partir.

Tenho muitas perguntas, mas tenho a suspeita de que elas nunca serão respondidas.

Terei que descobrir tudo sozinho.

"Eu sempre posso voltar para dentro dela, se você quiser", diz Merzoth com um assobio. "Ela é quente e..."

"Cale a boca."

Encontrei o carro alguns minutos depois. Ele ainda tem as portas e as rodas.

Quando giro a ignição e o motor engasga, penso na promessa que fiz a Merzoth.

Parece que esse demônio não é tão inteligente quanto pensa. Se fosse, ele saberia que os padres só ficam atrás dos advogados quando se trata de mentirosos profissionais. Assim que eu voltar para o meu apartamento e libertar o Diego, eu vou...

Uma dor lancinante surge entre minhas têmporas e tudo fica vermelho. Com uma trilha sonora de taquicardia, lentamente começo a vivenciar outra memória.

"Tem certeza de que quer que eu grave isso?", pergunta uma voz de soprano.

Há uma linha grossa de cocaína no espelho - uma lagarta albina totalmente ingurgitada - e eu sorrio.

"Tenho certeza. Grave tudo em vídeo."

Espero a luz vermelha da câmera acender e, em seguida, tomo um longo

gole da garrafa de Johnny Red. Ele queima da melhor maneira possível. Mas não é nem de longe tão bom quanto a linha de cocaína. Snifo tudo, fecho os olhos e me inclino para trás enquanto a droga começa a fazer seu trabalho.

Depois de um longo estremecimento de puro prazer, abro os olhos e olho para o homem. Ele está sem camisa e, depois que eu tiro minha própria blusa, ele para de gravar.

"Não, continue. Continue gravando. Quero que você documente tudo". Eu me aproximo e sussurro em seu ouvido. "Você vai ficar com esse vídeo. E se eu não voltar em uma semana e não disser a palavra de segurança sobre a qual falamos antes, quero que você o envie para o meu oficial de condicional."

Ouçoo um som horrível de sorvo e volto à realidade.

Você não pode mentir porque é um padre? Não sou assim tão estúpido, Padre Bannen. O que você acabou de ver é um pequeno seguro. Se o senhor ou qualquer outra pessoa tentar fazer qualquer tipo de exorcismo em mim, vai voltar para a cadeia. Merzoth ri. Porra, eu odeio esse som. Parece que vamos ficar presos juntos por mais algum tempo.

Nada em minha vida é fácil.

Giro as chaves de forma ainda mais agressiva e o motor finalmente liga. Quando isso acontece, dou uma olhada para baixo.

Sim, você já sabe o que eu vejo.

A garota tinha a marca da possessão em seu pulso - as três linhas que representam o tridente do lado de fora da torre de Satanás.

Espere - é um tridente ou uma forquilha? Existe alguma diferença? Não sei, mas acho que prefiro tridente. De qualquer forma, a marca da garota estava desbotada, quase desaparecida - muito mais clara hoje do que quando a vi pela primeira vez no colchão.

Mas as linhas em meu pulso? Elas são tão escuras que parecem estar cheias de sangue.

E eles estão pulsando.

Enquanto olho fixamente, quase hipnotizado por essas linhas, sou levado de volta a outra época, uma visão conjurada por mim, pelo menos uma vez, e não por Merzoth.

Estou na casa de Amy, forçando minha entrada e subindo as escadas. As moscas estão zumbindo ao meu redor quando entro no quarto.

Vejo brevemente a garota, seus olhos aterrorizados, e então estou cortando o pai dela com a faca.

Ele também tinha a marca do tridente. Eu vejo isso quando o corto. Talvez eu as tenha notado na época, talvez não. Mas eu não sabia o que elas significavam na época. Eu nem mesmo acreditava em possessão.

Mas agora eu sei, e eu sei.

Passo meus dedos sobre as marcas em minha pele. Elas são surpreendentemente macias, mas quando retiro a mão, fico horrorizada ao ver que elas estão se movendo. Contorcendo-se e ondulando, como vermes saciados, contorcendo-se para facilitar a digestão de uma refeição recente.

"Não pare, isso é *muito bom*", diz Merzoth com um gemido. Não sei se ele está brincando comigo ou não, mas, de qualquer forma, não quero tocar no tridente novamente.

Prometi que não exorcizaria Merzoth, mas nunca disse que pararia totalmente com os exorcismos.

Nunca mencionei nada sobre o pedaço de merda que trancou Amy em um quarto e a obrigou a se aliviar em um balde, que por acaso é policial e o homem que me mandou embora.

Se ver a garota do colchão na estrada, saudável, segura e, o mais importante, sem possessão, me fizesse sentir bem? Mandar o demônio dentro do pai da Amy que me colocou atrás das grades para o inferno vai ser orgástico.

Oooh, outro orgasmo, Padre Bannen? Tão cedo? Merzoth zomba. *Mal me recuperei da noite passada, mas conte comigo. Conte comigo, porra.*

Episódio 10: Anal Beads

"Diego? *Diego!*"

Subo as escadas correndo, subindo dois degraus de cada vez.

Quando abro a porta do meu quarto, temo o pior.

O ar quente ataca meu rosto e, por algum motivo, tento afastá-lo, como fiz com as moscas todos aqueles anos atrás.

Diego está deitado no colchão, com os olhos fechados e a camiseta encharcada de suor. Corro até meu amigo, ajoelho-me e dou-lhe um tapa no rosto.

"Acorde!" Eu lhe dou outro tapa, mais forte desta vez. O suor borrija em seu cabelo preto. "Acorde, Diego!"

Os lábios rachados do homem se separam e um pequeno gemido, quase inaudível, escapa dele.

"Oh, graças a Deus. Graças a Deus."

O aperto em meu peito diminui enquanto eu desamarro Diego freneticamente, que continua à beira da consciência.

"Fique aí, amigo, você vai ficar bem."

Levanto o homem menor sobre meu ombro e vou para o banheiro. Depois de apoiá-lo contra a pia, joguei água fria em seu rosto.

Ele está ardendo em febre, mas parece estar se recuperando um pouco. Seus gemidos têm mais substância.

Quando sinto que Diego está estável o suficiente para se sentar sozinho, me aproximo e começo a tomar banho. Quando retiro minha mão, algo atrás do vaso sanitário chama minha atenção.

Algo metálico.

É o revólver do meu pai - eu havia esquecido que o tinha guardado lá.

Eu também havia me esquecido de minha tentativa frustrada de suicídio. Parece impossível, eu sei, que colocar uma arma em minha boca e puxar o gatilho seria a coisa menos emocionante que aconteceu comigo esta semana.

"Sinto muito, Diego." Eu empurro as palmas das mãos em meus olhos. "*Porra*. Eu sinto muito."

O homem respira fundo e eu testo a temperatura da água com minha mão. Está mais fria do que gelada, mas acho que ele não pode esperar mais.

"Aqui, isso vai ajudar."

Eu coloco Diego na banheira.

Que droga, espero que isso ajude.

Diego é mais resistente do que as pessoas imaginam. Depois de

tomar um banho e vestir roupas novas - as minhas, que são um pouco grandes demais e muito desatualizadas - e beber um galão de água, ele não fica pior.

Nem uma vez ele me perguntou por que eu o amarrei. Nem uma vez ele ficou com raiva ou exigiu um pedido de desculpas.

Ele apenas olha para mim com expectativa, com olhos de cachorrinho.

Sabe aquela besteira que as pessoas costumavam dizer quando você era criança? Aquela história de que dói mais quando seus pais dizem que estão decepcionados com você do que se eles gritam e berram?

Bem, isso é mais ou menos assim. Só que de verdade. Eu *gostaria que* Diego estivesse irritado.

Respiro fundo.

Chega de mentiras. Estou cansado disso - doente e cansado de toda essa maldita mentira.

"Diego, o exorcismo não funcionou".

O homem ouve atentamente enquanto eu conto tudo o que aconteceu depois de exorcizar o demônio da garota no colchão, o trabalho pelo qual fomos muito bem pagos.

A qualquer momento, espero que Diego salte de sua cadeira e fuja. Mas ele não faz isso. Ele apenas espera que eu termine minha história, com apenas algumas pequenas edições, incluindo a omissão da maior parte do material de chantagem e a devoração do coração humano, então Diego toma um grande gole do copo de água na mesa à sua frente.

"Quero dirigir para você."

Essa não é a resposta que estou esperando. Estou esperando algo do tipo: "Padre Bannen, precisamos levá-lo a um centro psiquiátrico imediatamente. Precisamos avaliá-lo e colocá-lo sob medicação. *Muitos* medicamentos".

"O quê?" Eu grito.

"Quero dirigir para você, Cole. Eu estava lá quando você salvou a Amy. Lembra?"

Eu pisco os olhos, mas não digo nada.

"Sei que você não *acredita*, Cole - ou pelo menos não *acreditava* antes. Mas mesmo assim, você arriscou tudo para salvar Amy. Seja homem, demônio ou ambos... não importa. Você é alguém que eu quero ter por perto. Alguém ou algo que eu quero ajudar. E se você disser agora que vai pegar o pai da Amy e resgatá-la novamente? Então eu *vou* dirigir por você".

Diego raramente bate o pé em relação a qualquer coisa. Mas há algo em sua voz agora que sugere que isso não é negociável. Pelo menos é o que ele pensa. Mas eu sempre posso simplesmente roubar o carro dele de novo e sair por conta própria. Ele pode estar sendo

assertivo agora, mas, no fundo, nós dois sabemos que ele não levantaria a mão para me impedir.

Merzoth ri.

Mas o senhor não está sozinho, padre Bannen. Você nunca mais estará sozinho.

Os olhos de Diego se arregalam.

"Ele-ele-ele acabou de falar com você, não foi?"

"Não, eu..." Inclino minha cabeça. "Sim. Merzoth acabou de falar comigo."

Diego acena com a cabeça.

"Então está tudo resolvido. Vou dirigir para você até que esse Merzoth acabe."

A última coisa que quero é que Diego se envolva mais, que corra qualquer tipo de perigo - esse é o motivo pelo qual o amarrei em primeiro lugar. Para mantê-lo seguro.

E sã.

Mas não posso negar que há benefícios óbvios em ter um parceiro que vão além da conveniência de um motorista pessoal.

Como o quê, você pergunta?

Ah, não sei, ter certeza de que não matarei ninguém quando Merzoth assumir o controle, por exemplo.

Infelizmente, estou divagando.

E eu desisto.

"A primeira coisa que temos de fazer é voltar para a *casa da Denise*. Se quisermos encontrar Amy, a pessoa com quem devemos falar é Davey Scump. Duvido que Mandy ainda trabalhe lá, mas Davey é conhecido por manter o controle dos dançarinos mesmo depois que eles se mudam". Eu faço uma careta. "Na verdade, nem tenho certeza se Mandy é a mãe de Amy ou não. Pensando bem..."

"Ela é", interrompe Diego. Ao ver minha expressão, ele explica rapidamente. "Eu pesquisei sobre a Amy quando você estava na prisão. A mãe dela trabalhava na *Denise's*, mas depois do seu julgamento, elas sumiram. Todos os três. Eu procurei, mas..." Ele vira as mãos.

Diego é engenhoso, mas o fato de *ele não ter* encontrado nada não significa que Yadier, Mandy e Amy não possam ser encontrados.

Todos podem ser encontrados.

"Davey saberá", digo com confiança.

Diego começa a se levantar, e eu espero que ele se levante antes de fazer o mesmo. Em seguida, ajusto a arma que peguei no banheiro e coloquei no cós da calça jeans.

Se as coisas ficarem complicadas e Diego estiver em algum tipo de perigo, prometo a mim mesmo que vou usá-lo.

E desta vez?

Desta vez, o sangue que encharcará meus braços será o meu

próprio.

Isso é uma garantia.

Posso não ser capaz de exorcizar Merzoth, mas certamente posso arrastá-lo para o inferno comigo.

Davey Scump pode andar como se estivesse segurando latas de tinta em cada mão, mas, nesse caso, tudo o que ele tem é uma pequena bolsa branca.

"Ei, Cole, não esperava vê-lo de volta aqui depois de - bem, você sabe." O homem chega perigosamente perto de dar uma piscadela, e percebo que não gosto particularmente de Davey. "Você quer o especial de novo? Terminar o que você começou?"

"Não, estou bem." Pego meu copo de Johnny Red, agito-o e depois tomo um gole. "Só estou aqui por causa da bebida. O que você tem aí?"

Davey sorri e levanta a mão que está segurando a bolsa indefinida.

"Apenas alguns adereços. Algumas das meninas querem apimentar um pouco as coisas."

Aceno com a cabeça e acendo um cigarro. Não me importo e nem sei ao certo por que perguntei.

Achei que era a coisa mais humana a se fazer, eu acho. Ainda estou me acostumando a interagir com alguém que não seja o Barnacle Billy.

"Bem, divirta-se, Cole."

O homem se vira para sair e eu me levanto. O álcool está me afetando e eu bato na mesa com minha coxa.

"Espere um segundo, tenho uma pergunta para você."

Davey olha por cima do ombro. Percebo que, por algum motivo, ele quer que eu receba o especial. Ele é um voyeur? Ele se excita ao ver os outros se masturbando?

Desculpe-me por estourar sua bolha, Davey.

"Havia uma dançarina aqui, anos atrás. Seu nome era Mandy. Alguma ideia do que aconteceu com ela?"

Davey coloca a bolsa sobre a mesa e sua expressão muda. Aquele brilho de esperma em seus olhos de repente não está mais presente.

"Cole, você sabe que não posso falar sobre isso."

"Eu só quero saber o que aconteceu com ela, só isso. Não tem nada a ver com nada."

Não tem nada a ver com meu caso.

Davey coça a nuca e aperta um olho.

"Eu não sei para onde ela foi. Depois... bem, eu simplesmente não sei."

Ele está mentindo.

Não preciso da visão demoníaca de Merzoth - *sei que* Davey está mentindo.

O que eu preciso, no entanto, é da falta de graça social de Merzoth. Não tenho certeza se devo aproveitar isso - posso fazer isso? - ou apenas conjurar meu próprio idiota interior.

Todos nós temos um.

"Davey, Davey, Davey... se você sabe onde está a Mandy..." Eu chupo os dentes e agito o uísque. "Sabe de uma coisa? Que se dane. Não estou nem aí para uma stripper. Estou procurando a Amy. Se você sabe onde a Amy está, é do seu interesse me contar."

Os olhos de Davey se estreitam em resposta à minha hostilidade e ele se concentra na coleira em volta da minha garganta.

"Pai, acho que você bebeu um pouco demais."

Dou uma última tragada em meu cigarro e o apago.

"Davey, pare de brincar e me diga onde está a Amy."

Tento contornar a mesa redonda, mas bato nela novamente e tropeço. Davey estende a mão para me estabilizar e sinto a força de seus braços fortes.

"Vá para casa e durma", diz o homem com um sorriso condescendente.

Isso acontece rapidamente.

Quero dizer que "pedi" a Merzoth que se apresentasse, mas não tenho certeza se o fiz.

Simplesmente... *aconteceu*.

Sinto uma leve pressão entre minhas têmporas e, em seguida, minha visão se estreita e me torno um espectador de meu próprio corpo. Eu - não, eu não, *Merzoth* - *agarra* Davey pela garganta. E então ele levanta o segurança a uns três metros do chão... com uma mão só.

"Diga-me onde está Amy".

É a minha voz, mas, ao mesmo tempo, é diferente. Parece mais uma combinação da aspereza de Merzoth e de minha própria fala de barítono, com uma forte inclinação para a segunda.

Davey instintivamente agarra a mão que está em sua garganta com as duas mãos. Os músculos de seus antebraços e bíceps se contraem com o esforço, mas não faz diferença. Ele não consegue nem mesmo afastar um único de meus dedos.

"Diga-me onde ela está. Diga-me onde está a Amy!"

Davey está apavorado agora.

Absolutamente apavorado e não o culpo. Para ser justo, eu também estou com medo. Mas com medo por um motivo diferente: medo de que, quando isso acabar, eu não consiga recuperar o controle do meu próprio corpo.

"Eu sei... Eu sei onde ela está. Só... por favor, me coloque no chão!" As palavras de Davey são difíceis de entender.

"Diga-me *agora*!"

O homem finalmente cede e me diz para onde Amy e sua família foram depois que fui condenado.

Satisfeito, tento soltar Davey.

Eu realmente gosto.

Mas não posso e não quero.

O rosto do segurança está ficando profundamente vermelho e sua respiração, por mais infrequente que seja, está reduzida a estertores úmidos. Ele está a ponto de desmaiar. Tento empurrar Merzoth de volta para baixo, para me levantar e tomar o lugar dele, o *meu* lugar, mas nada acontece. Sinto-me como se estivesse preso debaixo d'água, mas posso ver a superfície - ela está bem ali, bem acima de mim. Só que ela está coberta por uma fina camada de gelo. Eu me imagino empurrando essa divisão imaginária com as duas mãos e depois usando meus pés também.

O divisor se flexiona e se curva, mas não se quebra.

"Por favor..." Davey se contorce.

Sabendo que estou a poucos instantes de matar esse homem, faço o máximo que posso.

O gelo se quebra e eu corro para a superfície. Imediatamente relaxo o aperto de mão e Davey cai de minhas mãos. Ele cai pesadamente no chão, massageando a garganta e tossindo violentamente.

"Sinto muito", sussurro enquanto olho para minha mão, virando-a, flexionando-a, tentando me livrar das pontadas e agulhadas que se espalham da ponta dos dedos até o antebraço.

"Jesus Cristo." Davey tosse novamente. "Que porra foi essa?"

"Eu já disse que sinto muito."

"Como você..."

Pelo canto do olho, vejo uma figura familiar se movendo em direção ao bar e uma ideia surge em minha cabeça. Uma ideia estúpida, sem dúvida, mas esse tem sido meu cartão de visitas ultimamente.

"Ei, Davey, você se lembra do especial?"

Ele ainda está de quatro e me encara com ameaça em seus olhos.

"O que...?"

"O especial... Davey, acho que vou aceitar sua oferta".

Davey faz uma careta e está prestes a dizer algo não muito conciliador, mas então eu viro minha mão. Ele dá uma olhada nela e muda abruptamente de ideia.

Ele está sem noção - não só está confuso com o que acabou de acontecer, mas também não está acostumado a ser manipulado. Aposto que eu poderia pedir ao Davy para me dar o especial e ele não hesitaria em cobrir os dentes com os lábios antes de ir para a cidade.

Mas isso era mais coisa do Merzoth do que minha.

Um arrepio me percorre.

Que porra você fez ontem à noite, Merzoth?

"Tudo bem, só - sim, claro. O que você quiser, Cole."

Enquanto Davey se levanta e começa a se afastar, ouço uma voz familiar em minha cabeça.

Você deveria ter me deixado matá-lo. Se quiser minha ajuda novamente, vamos fazer as coisas do meu jeito, padre Bannen.

Não sei se peguei a bolsa de adereços do Davey, se o Merzoth a pegou ou se o segurança, ainda atordoado, simplesmente a deixou na sala de champanhe depois de me levar até lá. Tudo o que sei é que está aqui e, enquanto espero que a garota de lingerie rosa entre e preste seus serviços, dou uma olhada lá dentro.

Há as onipresentes algemas de pelúcia, que eu retiro. Há também um frasco gigante de lubrificante industrial e um cordão de contas anais com oito bolas - pretas obidianas, cada uma um pouco maior que uma bola de pingue-pongue.

Só de olhar para eles, sinto um arrepio e as bochechas da minha bunda se contraem.

Oh, não seja um bebê. Você deveria ver o que fez ontem à noite na câmara.

Ignoro Merzoth, mas ainda estou segurando as contas anais em uma das mãos quando a porta se abre. A mesma garota de rosa de ontem - foi ontem? Ou foi no dia anterior? - entra e eu a reconheço imediatamente. Só que agora ela está vestindo uma roupa preta e minúscula. A roupa é tão apertada que transforma seus copos A em grandes Bs.

E é muito gostoso. Infelizmente, não estou aqui para isso.

"Você se lembra de mim?" Pergunto suavemente.

Ela chupa o lábio inferior, uma expressão praticada, mas altamente eficaz, e acena com a cabeça.

"Você voltou para o especial?"

A sala contém um pequeno sofá e uma mesa de vidro, sobre a qual está um único item: meu copo de uísque.

"Sim, o especial."

Espero que minha mentira seja convincente.

"Então, sente-se."

Parece que sim. Eu não deveria estar surpreso; afinal, sou um padre. Praticamente minto para viver.

Vou até o sofá e me abaixo sobre ele. É nesse momento que a garota percebe o que estou segurando em minhas mãos: as contas anais na esquerda e as algemas na direita.

Seu lábio inferior salta para fora da boca e ela me dá um sorriso

envergonhado.

Porra, ela é gostosa.

Se não fosse por alguns pequenos detalhes importantes...

O senhor gosta disso, padre Bannen?

"São para mim?", pergunta a stripper.

"Sim..."

Instintivamente, seguro as pérolas anais para ela e, quando ela dá um passo à frente, eu a golpeio com a outra mão. Antes que ela perceba que se trata de uma armadilha, já coloquei uma algema em um de seus pulsos.

"Ei!"

Puxo a garota com força e ela cai no chão. Eu me sinto meio mal com isso, mas, pensando bem, será que ela se sentiu mal por quase me fazer uma segunda circuncisão com aquelas presas de demônio?

Acho que não.

Enquanto a stripper tenta se levantar, eu prendo a outra algema na perna da mesa. Ela se esforça, mas o vidro é pesado demais para que sua pequena estrutura possa levantá-lo ou mesmo movê-lo.

"O que está fazendo? Pai? O que está fazendo?"

Ela parece tão inocente naquele momento - eu sei, é difícil de acreditar, considerando sua roupa e profissão, mas é verdade - que começo a duvidar de meu plano.

"Mostre-me seu pulso".

"Meu... meu quê?"

"Seu pulso! Mostre-me seu pulso", peço novamente.

"Davey! Davey!"

Normalmente, um grito de uma das moças levava Davey Scump para a sala de champanhe em poucos segundos.

Mas nada nesse dia é típico. Merzoth quase sufocou o segurança até a morte há poucos minutos. Se eu tivesse que adivinhar, ele provavelmente estava tentando curar seu orgulho ferido com uma dose dupla de coragem líquida.

Desculpe, querida, mas o Davey não vem.

Somos apenas nós dois, ou melhor, nós *três* na sala.

Quatro?

Sacudo a cabeça e pego o braço livre da garota. Ela consegue evitar minha primeira tentativa, mas não a segunda. Ainda assim, ela luta comigo e não consigo ter uma boa visão da parte inferior de seu pulso.

"Não faça isso", murmuro. "Apenas me mostre seu pulso."

"Pai, por favor, não estou entendendo. Eu vou lhe dar o especial. Farei com que seja muito bom para você. Prometo." Ela lambe os lábios sedutoramente e, bem, estou tentado.

Que mal isso pode causar?

A consulta de Merzoth, criada para aliviar minhas preocupações,

tem o efeito oposto.

Na verdade, acho que vou adotar uma nova estratégia daqui para frente. Seja qual for a vontade de Merzoth, farei exatamente o oposto.

Bom plano, pai. Eu NÃO quero ir para o pátio da escola mais próxima e brincar com as crianças.

Foda-se.

Vou ter que aprender a proteger melhor meus pensamentos.

Mas, por enquanto...

Outra chave de braço forte e finalmente consigo vislumbrar a parte interna do antebraço da stripper. E então me solto como se tivesse sido escaldado.

Está lá.

A marca da posse: um tridente vermelho escuro em sua pele impecável. Assim como o desbotado que a garota no colchão tem, o que o pai de Amy tem e o que está em meu próprio pulso.

A garota levanta a cabeça lentamente. Seu sorriso passou por uma rara transformação de coquete para incrivelmente sinistro. Seus lábios se afinaram e os cantos se estendem um pouco mais para cima em suas bochechas para serem completamente naturais.

E seus olhos se tornaram reptilianos.

"Vou chupar seu pau muito bem, padre Bannen."

"Ah, Jesus. Eu sabia disso, porra."

É a mesma voz de antes.

Eu realmente preciso descrevê-lo a essa altura? Ok, demoníaco - é demoníaco pra caramba.

É bom o suficiente?

Ainda estou segurando as contas anais em uma das mãos e olho para elas com aversão. Não por causa do que elas *são*, mas por causa do que elas *não são*.

Eu deveria estar segurando uma cruz.

Mais uma vez, estou lamentavelmente despreparado para qualquer coisa que não seja uma cerimônia de trote de uma fraternidade.

Vou descrever brevemente meu processo de pensamento: depois que Davey me disse onde encontrar Amy, lembrei-me de como seu pai policial era violento. Como o fato de cortá-lo com uma faca não tinha nem mesmo perturbado o grandalhão.

Apesar de eu, Merzoth, ter manipulado Davey, não tenho a mesma confiança quando se trata do pai de Amy. Então, pensei, que diabos, vou testar primeiro a sugestão do padre McCutchen de prender um demônio menor - uma stripper *no estilo From Dusk Till Dawn* - em um objeto inanimado.

Quão difícil pode ser?

É claro que eu trouxe minha água benta, cruz, Bíblia e objeto abençoado comigo... *certo?*

ERRADO.

Tudo o que tenho são essas grandes bolas pretas de prazer.

Sua presença inspira uma ideia.

Uma ideia ruim, mas quem se importa? Minhas ideias sempre se enquadram em algum ponto do espectro ruim.

Talvez eu tenha o objeto inanimado de que preciso comigo, afinal de contas... e, tecnicamente, sou um padre, então a bênção não é um grande problema. E o resto? O padre McCutchen não disse nada sobre a necessidade de outros *apetrechos*.

E, ei, o que é mais apropriado do que prender um demônio comedor de merda dentro de uma conta anal?

A serendipidade em sua melhor forma.

Justiça poética.

Mas primeiro... *a bênção*. Resisto à vontade de mostrar os dentes e apontar para os meus pintinhos, reencenando provavelmente o melhor momento da história do cinema: a cena do jantar do filme *National Lampoon's A Christmas Vacation*.

Limpo minha garganta.

"Para a honra e glória da Virgem Maria, Mãe de Deus, e em memória dos mistérios da vida, morte e ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo, que estes... uhh... *estes*..."

"Eu o deixei ir da última vez, padre Bannen. Você não terá tanta sorte desta vez". A garota demônio rosna e sacode as algemas.

Eu a ignoro e continuo.

"...estas, *uhh*, estas *contas de rosário* - *sim*, ok, sim, que estas contas de rosário gigantes sejam abençoadas e santificadas. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo".

O demônio puxa as algemas novamente e, dessa vez, a mesa se move um pouco.

"Você realmente acha que isso vai funcionar?"

O demônio joga a cabeça para trás e dá uma gargalhada.

"É melhor que funcione", resmungo.

Enquanto o demônio continua a se debater contra as algemas, começo meu refrão habitual. Já li Marcos 16 tantas vezes que não preciso da minha Bíblia. Isso é bom, pois, como mencionei anteriormente, não a tenho.

Isso passou rapidamente de uma simples missão de reconhecimento com Davey para um exorcismo total na sala de champanhe com um punhado de contas anais abençoadas.

Uau, que palavrão.

"E eles se recuperarão!"

As maldições do demônio se intensificam quando chego ao clímax da passagem.

"E eles se recuperarão!"

"E elas chuparão meu pau!"

A mesma boca suja, mas a voz é diferente; as palavras do demônio estão vacilando um pouco. Não tenho certeza, mas acho que o rosto da garota está se tornando ceroso e irregular.

Incentivado por essas mudanças, eu grito ainda mais alto.

"E eles se recuperarão!"

Há um som intenso de rasgo quando o demônio começa a se separar da stripper. Ao contrário do Merzoth, não se trata de uma fera enorme. Ele tem olhos escuros, orelhas pontudas e uma boca longa e fina cheia de centenas de fileiras de dentes minúsculos.

Assustador? Com certeza, mas depois do que vi no Inferno, essa parece ser uma criatura fofinha.

Poderia ser uma daquelas coisas que saíram da cloaca da mamãe?

Talvez.

Talvez não.

A cada grito do refrão, aproximo as contas do rosto cheio de espinhas do demônio. Ele já está quase totalmente apagado e o calor que está emitindo é intenso.

Está tão quente na sala de champanhe que eu cambaleio.

Não fique de pé! Fique de pé! Vamos, Cole, fique de pé, porra!

Mas o meu mundo está nadando, e o demônio está estendendo uma mão com garras em direção à minha cabeça, lembrando-me de quando vi Merzoth alcançando Diego.

Será que esqueci alguma coisa? O que diabos eu fiz de errado?

Aquele padre desgraçado mentiu para você.

Não quero concordar com Merzoth, mas se eu apertasse uma das abençoadas bolas pretas em minha mão, tenho quase certeza de que ela diria: *Todos os sinais apontam para o sim.*

Meu mentor *mentiu* para mim. Abençoado ou não, o demônio não vai ficar preso em um objeto. São os malditos filmes de novo - o cigarro acendendo a gasolina, o vilão sendo eletrocutado por uma bateria de carro.

É apenas uma mentira.

Foda-se.

Já tenho um demônio dentro da minha cabeça e não consigo me imaginar dividindo o espaço com um segundo.

"Merzoth?" Eu sussurro timidamente.

Quando não recebo resposta, estendo a mão para trás e pego a coronha da arma do meu pai.

"Merzoth?"

A mão do demônio stripper está coberta de verrugas e os dedos terminam em longas garras amarelas. No momento em que a primeira unha atinge minha bochecha, reúno as poucas forças que me restam.

Última chance. Se você não me ajudar agora, vou comer essa arma e,

desta vez, não vou errar.

"Merzoth! Eu preciso de ajuda! Preciso de sua maldita ajuda e preciso dela agora!"

Episódio 11: Radar

"Senhorita?" O homem leva um pedaço de linguiça redondo espetado em um garfo à boca e dá uma grande mordida. Ele mastiga com a boca aberta enquanto fala novamente. "Ei, senhorita?"

A garçonzete leva um tempo enorme para se aproximar, mas isso já era de se esperar: ela tem quadris e cintura grossos, o que faz com que ela ande. O homem torce o nariz quando ela se aproxima - o cheiro de cigarro velho chega até ele antes mesmo do cheiro do perfume enjoativo dela.

"Sim?"

O homem abaixa o garfo e lambe a gordura dos lábios. Ele saca o celular e o mostra para ela.

"Você já viu esse homem? Esse padre?"

A garçonzete nem sequer olha para a imagem.

"Eu vi muitas pessoas."

"Uh-huh, eu também. Eu também."

Agora, além do celular, o homem produz um objeto de tamanho semelhante que ele coloca sobre a mesa.

Isso, a garçonzete rechonchuda não pode ignorar.

"Oficial Frank Radar, Polícia de Albuquerque."

Dando um momento para entender, Frank usa os dedos para pegar um ovo cozido do prato e dá uma mordida.

Duas mastigadas e ele desce pela escotilha.

"Agora, vou lhe perguntar novamente: você viu esse padre?" Os olhos da garçonzete, com as pálpebras tão cobertas de sombra azul que apenas piscar parece trabalhoso, finalmente se concentram no celular. "Eu sei, eu sei, a foto não é da melhor qualidade. Mas ela foi tirada de..." Frank aponta o polegar gorduroso pela janela e para o beco do outro lado da rua, "...ali".

"Sim, eu o vi. Ontem, ele estava sentado na mesma cabine que você está agora."

Frank olha para o assento de vinil rachado de cada lado dele.

"Interessante. Você sabe o nome dele?"

A garçonzete balança a cabeça e Frank a encara. Depois de um olhar desconfortavelmente longo, ele acena com a cabeça.

Ela parece estar dizendo a verdade.

"Tudo bem, eu acredito em você." Frank tira um cartão de visita do bolso e o coloca na mesa ao lado de seu prato. "Mas se você o vir novamente, vai me ligar."

A garçonzete, que já se sentia desconfortável com essa troca, pega o cartão. Ela o aproxima até a metade do rosto para dar uma olhada mais de perto quando a mão de Frank sai e ele agarra o canto.

"Certo?"

A mulher engole com dificuldade.

"Sim, eu ligo para você."

Frank a provoca, puxando um pouco o cartão antes de soltá-lo. Um sorriso aparece em seus lábios.

"Sim, você vai. Obrigado pela refeição".

O policial se levanta e caminha até a porta, de cabeça erguida. A garçonete não menciona o cheque não pago que ele deixa para trás.

Não é assim que as coisas funcionam.

Não para o policial Frank Radar.

Ele tem uma reputação, e sua reputação lhe dá a liberdade de fazer o que quiser.

Do lado de fora, Frank estica as costas e olha para o outro lado da rua, onde o padre barbudo havia oferecido os últimos direitos ao pobre coitado cujo coração havia sido arrancado do peito.

Na época, Frank achou que o padre era apenas mais um lobo em pele de cordeiro. Todos eles são lobos, esses homens de túnica.

Lobos à espreita, procurando sua próxima vítima.

Mas então ele viu o vídeo. Os lobos que carregam cruzes costumam ser mais sutis em sua abordagem, em sua preparação e em seu banquete.

Quando Frank atravessa a rua, seus olhos se desviam para a câmera de vídeo montada na parede adjacente ao beco. Em seguida, ele saca o celular novamente, não para ver a foto do padre, mas para vê-lo em ação.

É granulado, mas a qualidade não é tão ruim que os detalhes sejam apagados.

A vítima é claramente visível no quadro, aparentemente dormindo ou desmaiada na beira do beco. É nesse momento que o padre chega. Durante a maior parte do vídeo, o homem está de costas para a câmera, o que dificulta a verificação exata do que está acontecendo.

O padre retira uma espécie de ferramenta - uma faca? Cortes cirúrgicos? - para abrir o homem, embora Frank não veja nada disso no filme. Ele apenas sabe, com base nos danos resultantes, que o padre usou *alguma coisa*.

Depois de apenas alguns segundos, o padre se vira e, quase como se soubesse que está sendo gravado, olha diretamente para a câmera. Há uma expressão calma, quase discreta, em seu rosto barbudo. E então ele volta ao trabalho.

O sangue começa a fluir quando o padre começa a comer.

"Malditos padres."

Frank lambe a graxa de seus lábios e desliga o vídeo.

Ele odeia padres. Odeia-os.

Quando ele tinha nove anos de idade, um bispo ruivo o atraiu para uma pequena sala atrás do púlpito de sua igreja local. O tarado

começou então a massagear seus ombros, dizendo que Frank estava muito tenso, que precisava se soltar.

O padre Meaghan logo percebeu que havia transado com o garoto errado. A única coisa que estava apertada demais era o cu do padre, porque Frank havia enfiado todos os oito centímetros de um castiçal de latão nele.

Em retrospecto, isso provavelmente tinha sido um erro tático - o maldito provavelmente tinha gostado.

Durante anos, Frank fez de tudo para ser contratado pelo departamento de crianças vítimas de abuso, mas sempre foi recusado. Os motivos de sua recusa eram sempre obtusos, mas ele conseguia ler nas entrelinhas.

Frank era muito cabeça quente para se aproximar de pessoas que abusavam de crianças.

Ele não via problema nisso, mas, claramente, os idiotas que fizeram a contratação tinham uma opinião diferente.

Ainda assim, Frank se mantém informado sobre tudo o que tem a ver com a igreja e, se souber de um padre que se tornou um pouco amigável demais com um menino do coro? Bem, então ele faz uma visita ao homem.

Fora de serviço, é claro.

Mas o que Frank viu nesse vídeo? Isso é uma nova e bizarra baixaria, mesmo para um padre.

Na maioria das vezes, os padres deixam suas vítimas vivas para que possam abusar delas repetidas vezes. Afinal de contas, eles investiram muitas horas de trabalho para preparar suas presas.

O padre capturado pela câmera de segurança parece jovem e "hipster", com barba cheia e cabelo penteado. E embora a garçonete não saiba o nome dele, alguém sabe. Um padre jovem e de boa aparência que come corações humanos no jantar? Sim, há pessoas por aí que sabem quem ele é. E tudo o que Frank precisa fazer é pressioná-las um pouco, em partes específicas de seus corpos, e elas gritarão como porcos no espeto.

E então, como se o próprio Deus quisesse que o Officer Radar encerrasse esse caso, o som característico dos sinos da igreja preenche o céu da tarde.

Frank segue as pistas auditivas até uma igreja a seis quadras de distância. Ele está suando muito, e odeia suar - a sensação da substância escorregadia na pele sempre o deixa de mau humor. Seria de se esperar que, depois de ter sido policial em Albuquerque por tanto tempo, Frank já estivesse acostumado ou se mudasse para outro lugar.

Mas ele é um pouco sádico. A igreja é, bem, parecida com uma igreja: velas, vitrais, altar, bancos, todas essas coisas.

Frank olha para cima enquanto limpa a garganta.

"Você está aí, Deus? Sou eu, Frank."

Ele ri para si mesmo.

Deus não responde, mas alguém responde: um padre idoso. O homem sai das sombras, vestindo um longo manto preto.

Provavelmente nu por baixo.

A primeira palavra que vem à mente de Frank é elogiosa: piedoso.

O segundo, menos ainda: pretensioso.

"Policial, você gostaria de confessar?"

"Claro que não. Mas tenho uma pergunta para o senhor, padre."

"McCutchen."

"Certo. De qualquer forma, estou procurando um padre. Ele não é como você - é jovem, tem barba, cabelo legal, esse tipo de coisa."

O padre McCutchen não diz nada - ele apenas fica olhando.

"Espere um pouco."

Assim como na lanchonete, Frank saca o celular. No entanto, em vez de mostrar ao padre uma imagem pausada do rosto do homem, ele acidentalmente mostra a parte do vídeo em que o padre hipster está se deliciando com carne de órgão.

Frank quase ri com a ideia de se deliciar com carne de órgão. Isso provavelmente significa algo muito diferente para esse padre McCutchen, que está definitivamente nu sob suas vestes.

Mas, para sua surpresa, embora o padre esteja alarmado com o que vê no vídeo, ele não parece estarrecido.

"Desculpe. Erro meu."

Frank rebobina o vídeo e o pausa no momento apropriado. Mais uma vez, ele pergunta ao padre se ele conhece o homem.

O padre McCutchen é difícil de ler, e isso não tem nada a ver com as rugas grossas em seu rosto.

O homem é... diferente de alguma forma.

"Desculpe-me, mas nunca o vi antes."

Ele está mentindo? Os padres podem mentir?

"Tem certeza disso?"

Um aceno brusco de cabeça.

"Muito bem, então." Frank puxa um cartão de visita e o entrega ao padre relutante. "Bem, se você o vir, eu agradeceria uma ligação."

Ao dizer isso, Frank lambe o polegar e o indicador e, em seguida, estende a mão e belisca o pavio aceso da vela mais próxima.

"Risco de incêndio".

Ele começa a se afastar e, em seguida, para e olha para trás por cima do ombro. O Padre McCutchen não estava esperando por isso e Frank fica chocado ao ver uma carranca horrível no rosto do homem.

Quando o padre levanta os olhos, a expressão desaparece.

"Ei, existe um banco de dados mestre de padres e coisas do gênero?"

Um grande e velho livro de fotos de padres? Quero dizer, além das fotos de quando vocês são presos", pergunta Frank.

"Nomes sim, mas não fotografias. Se você quiser..."

"Não, esqueça."

Frank sai para a rua. Embora tenham se passado apenas alguns minutos, o sol está ainda mais quente agora e o suor nas axilas e na parte interna das coxas de Frank secou. Agora, a cada passo, parece que uma lixa está sendo esfregada em sua carne.

Ele também está ressecado e desidratado.

A boa notícia é que nunca há um bar longe de - bem, de qualquer lugar em Albuquerque. A igreja não é exceção: há um estabelecimento desse tipo do outro lado da rua. Frank vai direto para lá, entra, senta-se e pede um litro de cerveja gelada.

Ela vem em tempo recorde, e ele toma um gole sedento.

É delicioso.

"Ei, amigo, algum padre já veio aqui?" pergunta Frank, de improviso.

O barman, um homem magro que coça constantemente a parte externa do antebraço esquerdo, olha para ele, mas não diz nada.

"Ei, você é retardado ou algo assim? Você me ouviu?"

O barman lambe os lábios.

"Você não pode dizer isso".

Frank suspira pesadamente e olha para sua cerveja espumosa.

"Não gosto de me repetir - quer saber por quê? Porque isso significa que a pessoa com quem estou falando só quer ganhar tempo para inventar uma mentira sem sentido. E isso não funciona comigo. Você entende?"

"Eu..."

Como quando ele pegou o cartão de visita da garçonete, o braço do policial Frank Radar se estende. Só que desta vez não é papel que ele agarra, mas tecido: a camisa do barman.

Frank arrasta o homem para perto de si sem esforço.

"Você já viu um padre aqui antes? Não vou perguntar de novo".

Os olhos do homem se movem para frente e para trás, e ele lambe os lábios nervosamente. Frank pensa em puxar o homem para perto de si para que suas testas se toquem, mas o hálito do barman é fétido e ele muda de ideia.

Em vez disso, ele empurra o homem para trás e ele bate em uma caixa registradora antiquada que toca e abre.

"Responda-me", exige Frank.

O barman esfrega a garganta no local onde a gola da camisa havia penetrado em sua pele.

"Sim, sim, um padre esteve aqui, há dois dias."

"E?"

"Ele amarrou um. Bebeu quase uma garrafa inteira de Johnny Red sozinho. No meio do dia."

Os olhos de Frank se estreitam e ele olha por cima do ombro para a porta.

Quais são as chances de um padre entrar aqui, que pode estar se sentindo um pouco culpado por um pecado capital em particular, e beber até ficar bêbado... e não ter *visitado* o padre McCutchen primeiro?

Não, conclui Frank, o padre do outro lado da rua está mentindo. Voltarei para lidar com você mais tarde, McCutchen. Confie em mim, seu velho, você vai se arrepender de ter mentido para Frank Radar.

"Qual era o nome do padre?"

"Seu..."

Frank aponta um dedo diretamente para o rosto do homem, desafiando-o a repetir a pergunta.

"Se você desperdiçar mais um pouco do meu tempo, vou quebrar a porra dos seus dentes."

O barman limpa a garganta.

"Ele não me disse seu nome."

"Mas?"

"Mas, mas, mas, ele saiu com alguém."

"Vá em frente."

O barman abaixa um pouco o tom de voz.

"Ele saiu com um cara magro, cara de bebê, *uhh*, Clint..." o homem estala os dedos várias vezes enquanto tenta lembrar o sobrenome.

"Clint..."

Frank sorri e ajuda o homem a sair.

"Clint Sachs."

O barman acena com a cabeça.

"Sim, é isso... você o conhece?"

Em vez de responder, o policial Radar termina sua cerveja.

Ele conhece Clint Sachs? Claro que conhece.

Todos os policiais de Albuquerque conhecem Clint Sachs.

"Obrigado pelo drinque."

Frank dá uma piscadela para o barman.

O melhor tipo de cerveja é sempre a cerveja grátis.

Enquanto se dirige à viatura da polícia, Frank contempla a estranheza desse caso.

Um sacerdote que rasga um homem e come seus órgãos é uma coisa. Uma coisa e *tanto*.

O mesmo padre que se embriagou e saiu com um traficante de drogas de baixo nível como Clint Sachs?

Isso é algo diferente.

Mas, ei, Frank não está tão surpreso assim. Afinal de contas,

estamos em Albuquerque, o mesmo lugar onde aqueles dois tarados transformaram um trailer na Toca *do Diabo*. A estranheza é praticamente a mesma coisa que acontece aqui.

Frank desliza para trás do volante e saca o celular novamente. Dessa vez, ele pausa o vídeo quando o padre está levando o que parece ser um coração humano aos lábios.

"Eu vou encontrá-lo", diz ele em uma voz cantada. "Eu vou encontrá-lo, Sr. Priest. E quando eu o encontrar, você vai se arrepender muito, muito mesmo."

Episódio 12: Scratch

Quando Merzoth estava se separando de mim e tentando possuir Diego, o demônio apareceu como uma gigantesca reforma aquosa, como uma aparição.

Como sou um novato, tomei isso como evidência de que o demônio só poderia me tocar no sentido de... uh... projeção astral. Mas logo percebi que, como a maioria das coisas em minha vida, eu estava completamente errado.

No início, o gremlin de merda que sai da stripper é como o Merzoth: uma figura medonha e semitransparente. Mas quando empurro as contas anais em direção ao demônio como uma oferenda sexual demente, algo acontece.

A criatura parece ganhar substância.

Começa com as garras amarelas, mas enquanto eu observo, completamente hipnotizado, ela se espalha para os dedos e depois para a mão, revelando uma textura semelhante a escamas de cobra.

"Merzoth? Pelo amor de Deus, Merzoth!"

A mão se estende e finalmente entra em contato com a minha pele. Espero sentir uma pressão entre minhas orelhas, algo semelhante a quando Merzoth violou meu cérebro, mas, novamente, estou enganado.

Seria de se esperar que, a essa altura da minha história, eu já estivesse acostumado a estar errado.

Não estou.

A garra do demônio roça a minha bochecha. A unha pode parecer amarela e crocante, mas é incrivelmente afiada. Tento puxar minha cabeça para trás, mas é quase como se o demônio, agora sólido, estivesse me atraindo para ele como se possuísse uma estranha gravidade.

"Porra... Merzoth... *me ajudeeeeeee!*"

O prego se cravou mais profundamente em minha carne e o sangue começou a escorrer pela minha bochecha.

Com minha mão livre, pego a arma de meu pai. Meu mundo inteiro está tremendo agora, como se eu tivesse acabado de tomar um ácido e decidido fazer o passeio mais épico em um daqueles parques de diversões absolutamente inseguros.

Eu grunho e me debato. É como se eu estivesse atravessando areia movediça enquanto luto para levar a arma até a cabeça da stripper - não a do demônio, porque ainda consigo ver através dessa parte, mas a da garota de lingerie preta.

Quando o prego se aprofunda ainda mais, sinto uma dor aguda e começo a apertar o gatilho.

"Merzoth... não me obrigue a fazer isso..."

Maldito padre, Merzoth rosna.

Ouçõ meus batimentos cardíacos nos ouvidos e minha visão se estreita quando Merzoth assume o controle. É uma sensação desorientadora e desconfortável, ver meu corpo se mover e reagir sem a minha participação.

A arma cai no chão e Merzoth agarra o pulso do demônio e o torce para trás.

O som que sai da boca da moça só pode ser descrito como profano, o que é dizer algo, considerando a profissão escolhida pela mulher.

Merzoth olha diretamente nos olhos da stripper e, por mais que ela tente, o demônio gremlin não consegue desviar o olhar.

E então eu digo algo - bem, a palavra sai de minha boca, mas nunca a ouvi antes. Nem mesmo tenho certeza se é inglês.

Para ser sincero, parece uma cor estranha. O problema é que sou homem, o que significa que meu conhecimento de cores se estende apenas àquelas do arco-íris e, mesmo assim, geralmente esqueço o índigo.

Cerúleo? Talvez. Só que não era realmente cerúleo, porque há alguns 'G's ali que são silenciosos, mas também audíveis de alguma forma.

Mais uma vez, a stripper geme, e Merzoth finalmente solta o pulso dela.

Seu braço cai frouxamente ao lado do corpo e, em seguida, Merzoth empurra as pérolas anais para frente.

A luta acabou.

E então eu me lembro.

O padre McCutchen me disse que eu precisava dizer o nome do demônio.

Foi isso que Merzoth acabou de dizer.

E funcionou.

Em um turbilhão de fumaça fria, o demônio se solta completamente da stripper, gira e depois é sugado para dentro da primeira das oito esferas anais com um ruído de estalo profundamente apropriado.

A conta, que era preta sólida, agora está viva. Há movimento no padrão esfumado e, a cada poucos segundos, um crânio sobe à superfície.

E então, para meu horror, levo essa conta à boca e passo minha língua pela superfície lisa.

Graças a Cristo, essas coisas são novas.

Desejando recuperar o controle, empurro para cima, como fiz anteriormente. Sinto a divisão gelada entre nossas duas consciências, mas ela não oferece muita resistência.

Merzoth está me deixando assumir o controle novamente.

"Droga." Tossi e engasguei. "Porra, isso foi uma merda."

Meus batimentos cardíacos foram substituídos por uma música desagradável de clube de striptease e estou tendo dificuldade em decidir o que é pior.

Com cuidado, apalpo minha bochecha, sentindo o ferimento, o sangue, enquanto olho para a stripper.

Ela está caída no chão, encostada na mesa, com os olhos fechados. Levo dois dedos da minha mão direita à sua garganta e sinto uma leve pulsação.

Eu lhe dou um tapa gentilmente.

"Ei, levante-se. Acorde."

Seus olhos permanecem fechados.

"O que há de errado com ela?"

É uma pergunta retórica, mas, aparentemente, eles não ensinam essas nuances no inferno.

O demônio está nela há muito tempo, responde Merzoth dentro da minha cabeça.

Voltei para a porta.

"Será que ela vai acordar algum dia?"

Merzoth rosna antes de responder.

Não sei. O demônio se alimentou da alma dela e se não sobrar nada... bem, não sobrá nada.

"Foda-se."

Por que não? Não vou contar, brinca Merzoth.

"Cale a boca - estou tentando pensar."

O pulso bom da garota ainda está preso à mesa com as algemas cor-de-rosa, mas o outro está definitivamente quebrado.

Eu sei que ajudei essa garota - eu *sei* que ajudei - mas também sei como isso parece.

Para que não nos esqueçamos, eu já esganei Davey Scump e estou em liberdade condicional por sequestrar uma garota e trazê-la para este mesmo lugar: *Denise's*. Ah, também estou bêbado, tenho cocaína em meu organismo e quase todo mundo que vem ao *Denise's* é um criminoso, com quem não devo me relacionar.

Examino o sangue em meus dedos.

Isso também não é bom.

Pensando rápido, solto a algaema, pego a mulher e a coloco no sofá. Agora ela está sentada com as pernas ligeiramente abertas, e um de seus seios misteriosamente saiu do sutiã.

Você poderia transar com ela.

Franzo a testa e seguro o cordão anal com o demônio preso dentro dele contra a luz.

"E eu poderia colocá-lo em um desses e emprestá-lo a um caminhoneiro de trezentos quilos para usar como quiser."

Merzoth está suspeitamente quieto. Até ele tem limites, ao que

parece.

Abro a porta da sala de champanhe e dou uma olhada para fora.

Se alguém ouviu o tumulto, ou está ignorando - lição geral de vida aqui, quase sempre é uma boa ideia cuidar da sua vida no clube do bumbum - ou está com muito medo de reagir.

E não vejo Davey Scump em lugar algum.

Essa é a minha chance.

Tento enfiar as contas anais no bolso, mas elas são muito grandes e ficam penduradas de forma estranha. Sei que devo estar parecendo uma pessoa louca - diabos, estou *me sentindo* uma pessoa louca -, mas também sei que tenho de sair daqui.

Voltar para a cadeia não fará bem algum à Amy. E estou determinado a salvá-la. É a minha *razão de ser* agora.

De cabeça baixa, vou até a porta da frente. Agora, as pessoas estão me encarando.

Continue se movimentando... continue se movimentando, Cole. Mantenha a naturalidade.

Não.

Começo a correr e, em seguida, irrompo no sol.

De acordo com nosso plano - ha *ha*, plano, bom - Diego está esperando com o carro parado na frente da *casa de Denise*. Sua janela está abaixada e ele me encara com olhos grandes como dólares de prata.

"O que aconteceu com seu rosto? Cole, está tudo bem?"

O olhar de Diego se volta para os grânulos anais que estão saindo do meu bolso. Se seus olhos pudessem ficar maiores, eles ficariam.

"Estou bem. Apenas dirija."

Ao sairmos do estacionamento, com um pouco menos de velocidade do que na saída anterior do clube, acendo um cigarro.

Depois de um tempo, Diego fala. Eu sei que ele quer perguntar o que aconteceu na *casa da Denise*, mas ele sabe que eu sei que ele quer perguntar e sabe que eu não vou responder.

Algumas coisas simplesmente não se compartilham, como contar à sua esposa sobre aquela vez na faculdade em que você ficou tão bêbado que...

"Para onde você... para onde você quer ir?" Diego pergunta, interrompendo meus pensamentos.

Exalo bem alto e fecho os olhos, tentando não pensar em Merzoth ou em demônios presos em sondas anais.

Concentro minha atenção no que Davey Scump me disse... quando Merzoth o estrangulou.

Ah, aqui está: mais pensamentos sobre demônios. Eles são como o pior tipo de farpa: uma vez que você sabe que está lá, é literalmente impossível ignorar.

"Cidade de Nova York. Davey disse que Amy está na cidade de Nova York, então é para lá que estamos indo, Diego. A Grande Maçã, aqui vamos nós."

Já estive na cidade de Nova York uma vez, quando era bem mais jovem. Era quente, fedorenta e as pessoas... bem, elas eram perversas e demoníacas. Mas o lugar em que me encontro agora?

Esse é o inferno literal.

Estou de volta - Satanás, por favor, certifique-se de que minhas milhas de passageiro frequente sejam atualizadas de acordo.

Estou olhando para o pináculo, para o tridente e para os corpos mutilados pendurados nele como tiras de presunto de churrasco. Estou até os tornozelos em um rio de sangue, e aquele maldito demônio está dando à luz aquelas... coisas... aos montes.

Uma dessas delícias recém-nascidas, uma fera horrenda com uma língua comprida e asas de couro, voa até mim.

Não consigo me mexer.

Quero correr, quero gritar, mas estou congelado de medo e preso em um plasma semicoagulado.

Uma das mãos do demônio, que é estranhamente fina e coberta com o que só posso supor ser vernix caseosa, toca meu ombro.

Agora, consigo dar um grito.

"Está tudo bem, sou só eu."

Pisco três vezes e minha visão clareia.

Diego está pairando sobre mim, com uma gaze ensanguentada na mão.

Empurro-me para trás, ainda respirando pesadamente, e olho ao redor.

"Onde estou? Onde *diabos* estou?"

"Está tudo bem, padre Bannen. Você está em minha casa. Eu não queria voltar para o seu apartamento porque pensei que talvez estivessem procurando por você lá."

Eles. Como na polícia.

Se a garota não acordasse e contasse a eles o que eu fiz - o que, honestamente, espero que ela tenha feito -, Davey Scump certamente o faria. Merzoth poderia ter transformado o macaco de suco em sua/nossa cadela, mas isso passaria. E quando isso acontecesse, Davey ficaria com raiva. Tão furioso que tentaria se defender de todas as formas possíveis.

Incluindo a desistência de mim.

Novamente.

"Precisamos ir para Nova York."

Diego acena com a cabeça, enfaixa a gaze e a joga na lixeira.

Bolas... bolas... bolas... bolas...

"Merda! Minhas contas!" Eu grito.

Eu tento me levantar, mas Diego me desencoraja.

"Eu os tenho... aqui".

Ele pega as pérolas anais da pia. Não perco tempo em tirá-las dele.

Em um primeiro momento, não noto nada de diferente - todos parecem iguais: escuros como breu.

Mas então noto um movimento. Na primeira conta, um crânio se materializa, vem à superfície e depois desaparece.

"Graças a Deus."

E esta é outra novidade para mim: agradecer ao Senhor por não ter perdido minhas contas anais possuídas.

"Você vai me dizer..."

"Minha arma!"

Esse Diego não pode produzir, porque não está aqui.

Deixei-o de volta na *casa da Denise*.

Oh, bem, eu acho, não é como se tivesse me feito bem, de qualquer forma. Merda, quase matei uma stripper com ela.

Eu grunho e me levanto. Não tenho certeza de como cheguei aqui, ou por que, mas precisamos ir embora. *Agora.*

"Temos que ir para Nova York - eles nos encontrarão aqui", digo a Diego.

"E quanto ao seu oficial de condicional?"

Dou de ombros.

"E quanto a ele?"

Lembra quando eu lhe disse que só peguei oito anos por "sequestrar" a Amy? Bem, isso não era cem por cento verdade. Na verdade, peguei de oito a quinze anos, mas recebi liberdade condicional logo na primeira tentativa. *Que bom.*

E minha liberdade condicional vem com várias condições: uma, não posso consumir álcool. *Ops.* Segundo, não posso me associar a criminosos conhecidos - obrigado, Davey Scump. *Ops duplo.* Três, não posso consumir drogas. *Ops x3.*

Também preciso manter um emprego estável. *Não.*

Não posso sair do estado... *ah, é esse mesmo.*

Eu ri alto. De todas as regras que quebrei, essa é a que mais preocupa Diego?

Que se dane a liberdade condicional. Que se dane tudo. Que se danem todos.

Este mundo está fodido.

Ooooh, eu gosto disso.

Aqui está ele.

E, pela primeira vez, fico feliz que Merzoth esteja de volta, pois tenho uma série de perguntas que precisam de respostas.

"Ei, Diego, você tem alguma coisa para beber? Por favor? Meu rosto está doendo."

Diego hesita, mas acaba me deixando sozinha no banheiro. Quando ele se vai, fico olhando para a conta anal. A caveira aparece e desaparece repetidamente.

"Cerulean", sussurro o nome estranho.

Tento me lembrar dos sons que Merzoth fez com a minha boca quando chamou o demônio.

"Cerugleen". Essa é melhor, mas não está totalmente correta.

Merzoth me esclarece.

Cerugleang.

A palavra aparece em minha mente.

"Que diabos isso significa?"

É o nome do demônio.

Eu me enrijeço e continuamos a conversa em minha cabeça.

Como você soube seu nome?

Merzoth leva um bom tempo antes de responder.

Eu o conhecia.

Isso me surpreende.

O quê?

Tantas perguntas passam pela minha cabeça que Merzoth não consegue acompanhar. Para seu crédito, ele faz o melhor que pode.

Cerugleang era um pedaço de merda no inferno. Ninguém gostava dele. Foi por isso que ele veio para cá.

Eu tento, e não consigo, entender o que o demônio está dizendo.

O que você quer dizer com isso?

Quero dizer, ninguém gostava do demônio.

Mas como você sabia que era ele?

Eu o vi, pelo amor de Deus. Cabeça de gremlin e dedos pontiagudos. Porra, você tem algumas perguntas idiotas, sabia?

Estou apenas tentando...

A porta do banheiro se abre de repente e Diego entra.

"Desculpe, não é Johnny Red, mas..."

Diego está segurando uma garrafa de vodca, uma marca que não reconheço, e ele prontamente a entrega.

Eu tomo um gole.

O álcool isopropílico que meu fiel parceiro usou para limpar meu rosto provavelmente tem um gosto melhor do que essa porcaria. Mas você conhece o velho ditado: quanto pior o gosto de uma coisa, melhor ela funciona.

O xarope para tosse *Buckley's* criou uma empresa inteira em torno dessa ideia.

"Você acha mesmo que Amy e o pai dela estão em Nova York?"

Imagino o medo no rosto de Davey quando Merzoth o estava

interrogando.

"Tenho certeza."

Tomo outro gole de vodca. É horrível, mas eu a tomo com força, mesmo assim.

E então eu paro.

Algo me ocorre. Algo em que eu não havia pensado antes.

Nas duas ocasiões em que Merzoth foi capaz de assumir o controle, realmente assumir o controle do meu corpo, eu estava bêbado. E quando Diego quase foi possuído, ele também estava bebendo.

Abaixo a garrafa. De repente, não sinto mais tanta sede quanto sentia momentos atrás.

"Ouça, se vamos ficar presos juntos, se vamos trabalhar juntos, precisamos ter uma pequena conversa, estabelecer algumas regras básicas."

"Pai?"

Não respondo a Diego, apenas balanço a cabeça sutilmente e fico olhando para o meu reflexo no espelho. Meus olhos piscam e vejo minhas íris marrons sendo substituídas por uma cor carmesim profunda. Elas me lembram de quando fiquei paralisado pelos buracos onde deveriam estar os olhos de Merzoth e fui prontamente transportado para o inferno.

Regras básicas, sim, mas primeiro, padre Bannen, preciso me alimentar. Porque se eu não me alimentar, as coisas vão ficar realmente bagunçadas.

"Alimentação?" Eu pergunto.

Em vez de palavras, Merzoth responde com uma imagem.

Uma imagem de minhas mãos segurando um coração humano e levando-o aos meus lábios.

"Sim, preciso me alimentar, pai. E preciso me alimentar *agora*".

Episódio 13: Feeding Time (Hora da Alimentação)

Trinta horas. Esse é o tempo necessário para dirigir de Albuquerque, Novo México, até a cidade de Nova York, Nova York.

O primeiro dia da caminhada é relativamente tranquilo. Diego e eu dividimos a direção, ficamos muito mais próximos do diabetes por causa das inúmeras paradas para comer fast-food e liberamos tanto metano no carro que, se você acendesse um fósforo, o fogo resultante seria igual ao da explosão da bomba atômica em *Oppenheimer*.

Não paramos nem para dormir - apenas dirigimos em linha reta.

Somente no segundo dia é que as coisas ficam um pouco complicadas.

Merzoth tem se tornado cada vez mais inquieto com o passar do tempo, e eu o sinto tentando se erguer - não, não exatamente tentando, mas mais como se estivesse *testando* meu controle.

Até agora, consegui mantê-lo afastado, principalmente porque também consegui permanecer sóbrio.

Talvez existam milagres, afinal de contas.

Padre Bannen, preciso comer...

Há desespero na voz chorosa do demônio, o que eu acho mais do que um pouco desconcertante. Mesmo assim, continuo firme em minhas armas.

"Você não está comendo ninguém."

Quer dizer, mais alguém?

Meus pensamentos se voltam imediatamente para a cena no beco, o sangue, o músculo cardíaco trêmulo.

Eu estremeço.

"Não."

Merzoth fica em silêncio, mas sei que isso é apenas um alívio temporário.

Até recentemente, eu era o que se poderia chamar de descrente. Mas isso não significa que eu não tenha moralidade. Os justos gostam de dizer que sem Deus em sua vida, sem a crença em um poder superior, você está destinado a ser um psicopata de merda amoral que sai por aí estuprando e saqueando tudo o que vê.

Bem, vamos por um minuto desconsiderar quem está fazendo a maior parte do *estupro* e pensar no seguinte: de uma perspectiva evolutiva, assassinar seus companheiros de clã ou de tribo a torto e a direito não é um bom presságio para o sucesso geral de você e de sua espécie. E, no entanto, aqui estamos nós, dezenas de iterações de divindades depois - Zeus, Poseidon, Rá, Ares, Kratos, Cristo, Maomé, você escolhe.

O que é isso que estou ouvindo? É... é você revirando os olhos? Está realmente surpreso que eu, padre Cole Bannen, acredite na evolução?

Bem, se serve de consolo, só um pouquinho. Apenas a ponta, como dizem. Quero dizer, concordo cem por cento com os estudiosos religiosos imparciais que afirmam que costumávamos andar em dinossauros com selas, certificando-nos de não ir muito longe em uma única direção por medo de cair desta terra plana.

Eu bocejo.

Minha mente está uma bagunça. Que se dane o LSD, basta se privar do sono por tempo suficiente e você ficará louco.

Olho de relance para Diego. Ele está dirigindo há horas e seus olhos estão vermelhos e vidrados. De vez em quando, ele se contorce, sua bochecha se move involuntariamente fora de sincronia com suas pálpebras que nunca param de tremer.

Os sete Redbulls que o homem consumiu e esmagou antes de jogar no banco de trás provavelmente contribuíram para esse comportamento estranho. Ou talvez Diego tenha sido possuído por um demônio enquanto eu cochilava.

Até o momento, tudo está no ar.

Mas, à medida que continuamos nosso caminho em direção à cidade de Nova York, começo a pensar no que Merzoth disse há cerca de três décadas.

Ou, mais especificamente, *como* ele disse isso.

Regras básicas, sim, mas primeiro, padre Bannen, preciso me alimentar. Porque se eu não me alimentar, as coisas vão ficar realmente bagunçadas.

À medida que o tempo passa e a paisagem monótona muda de deserto para prédios altos, começo a considerar as possíveis implicações de *não* alimentar Merzoth.

Penso na stripper e em como ela estava deitada no chão, algemada à mesa, uma casca de ser humano, um saco de carne respirando, mas não muito mais.

Ela também tinha belos seios falsos.

Tento ignorar Merzoth, mas percebo que preciso dele talvez tanto quanto ele precisa de mim. Merzoth havia dito que o demônio Cerugleang, ou seja lá como ele o chamava, havia consumido a alma da stripper.

Será que a mesma coisa acontecerá comigo?

Provavelmente.

De repente, imagens inundam minha mente, mas não são lembranças. Pelo menos, não são *minhas* lembranças.

Eles são do inferno, mas não de minha recente festa.

Pelos olhos de Merzoth, estou olhando para uma fera tão grande que só consigo ver sua mão. Devo estar me curvando diante desse ser,

pois não consigo erguer meus olhos mais. Provavelmente é melhor assim. A mão é grossa e cheia de nós, com a pele vermelha como sangue. Veias enormes e pulsantes saem do pulso e formam uma rede intrincada que termina logo antes das garras de obsidiana que se estendem de cada dedo. Enquanto observo, os dedos demoníacos começam a dedilhar meia dúzia de crânios humanos que foram amassados para formar o pomo de um apoio de braço.

Outro estremecimento e estou de volta à minha própria cabeça.

Certo, então é para lá que eu vou se perder minha alma... *TobyMac*, seu filho da puta mentiroso. Eu não ganho o mundo inteiro quando perco minha alma, eu me curvo diante de Satanás.

Para ser justo, ela não tem o mesmo toque melódico da versão de *TobyMac*. Mas a verdade raramente é rítmica por natureza.

"O que está acontecendo..."

Percebo que estou falando em voz alta e, quando um Diego que se contorce olha para mim, com a confusão estampada em suas feições privadas de sono, mudo para o monólogo interno. Ou *duplo*? É um diálogo *duplo* agora que estou falando com outra pessoa que está na minha cabeça?

Tantas perguntas, tão pouco tempo.

O que acontece se você não se alimentar, Merzoth? De verdade?

Há uma pequena pausa, após a qual ouço Merzoth começar a dizer algo, mas depois parar.

Tenho a impressão de que isso não é porque o demônio está tentando descobrir o que dizer para que eu concorde com seu desejo de sangue, mas mais porque ele realmente não tem certeza.

Uma das duas coisas, diz Merzoth, é que eu assumo o controle de seu corpo humano insignificante e faço o que quiser.

Possível - ele quase sufocou Davey Scump até a morte e também fez algo inominável com o homem no apartamento na última vez em que esteve no comando.

Ou?

Ou, em segundo lugar, eu consumo sua alma.

Merzoth parece menos confiante com essa resposta.

Certo, valentão, o que acontece se você consumir minha alma?

Não é uma pergunta que eu jamais imaginaria que viria à minha mente. Mas, por outro lado, nunca pensei que estaria girando contas anais como um fidget spinner, sendo que uma delas contém um demônio vivo com o nome de um tom de azul que eu não consigo, nem de longe, escolher em uma roda de cores.

Quando sua alma se for completamente, nós dois morreremos.

Uma ideia sóbria, que justifica o silêncio que se seguiu.

Ao considerar minhas opções muito limitadas e, francamente, pouco atraentes, lembro-me de um filme em que um vampiro mantém

sua sede sob controle não atacando os vivos, mas sugando o plasma de um banco de sangue. Um vampiro cortês, que provavelmente sofria de anemia e precisava de uma dose de ferro e não desejava prejudicar os humanos.

Está vendo? Afinal, você não precisa louvar um poder superior para ser bom.

Onde está localizada a alma, Merzoth?

Eu sei, eu sei, agora você está irritado comigo por não saber onde a alma humana reside dentro de nossos corpos. Como padre, eu deveria saber essas coisas, certo?

Bem, eu sou um padre *ruim*.

E só estou piorando.

Mas, certo, cara esperto, onde está? Ele está fluindo pelo seu sangue como os *midi-chlorians*? Você sabe, as pequenas criaturas que dão aos Jedis a capacidade de usar a Força? Ou está em seu cérebro? Sua alma está contida na carne elétrica que nos torna tão diferentes dos animais comuns?

Não?

Tudo bem... é o seu... pênis? O lançador de iogurte de cabeça roxa que lhe dá tanto prazer na vida e, ainda assim, é responsável por quase todos os problemas do homem? Não, não pode ser isso. As mulheres têm alma.

De qualquer forma, alguns o fazem.

Só consigo pensar em um outro lugar, o único que faz sentido. O humano.

-Coração. A alma está localizada no coração.

Bem, lá se vai minha ideia de Merzoth sugando a extremidade errada de uma máquina de diálise.

Mais uma vez, me pego pensando no pobre homem no beco. A repulsa ameaça me dominar, mas continuo com a visão.

O coração agarrado em minhas mãos parece estar se contorcendo, mas uma galinha pode andar por aí com a cabeça cortada.

Estava vivo quando o comi/comemos?

Merzoth, o que acontece com a alma depois que o corpo morre?

Merzoth gargalha descontroladamente.

Sério? Você, um padre, está fazendo essa pergunta a mim, um demônio?

Tudo bem, essa eu acho que deveria saber.

Permita-me reformular: Merzoth, quanto tempo depois da morte a alma permanece no coração humano?

Dessa vez, o demônio não ri.

Não tenho certeza.

Sério? Você, como um demônio, não tem certeza?

Touché.

Que tal me dar seu melhor palpite, Merzoth.

Alguns segundos se passaram.

Uma hora. Talvez duas.

Mordo a parte interna de meu lábio.

Por alguma razão, eu estava pensando que esse processo era instantâneo. Sabe, quando seu coração para de bater, o Senhor desce e suga sua alma como um aspirador de pó Dyson gigante.

Mas, para ser sincero, se Merzoth pensar de forma diferente...

"Diego, a que distância estamos da cidade de Nova York?"

O homem se sacode violentamente, a ponto de eu ficar preocupado que ele possa estar tendo uma convulsão.

"Três horas, talvez quatro, talvez três horas. Três ou quatro. Verifique o aplicativo."

Eu faço exatamente isso. Para seu crédito, o palpite de Deigo é bastante preciso. Estamos a cerca de duas horas e meia da grande maçã, atualmente chegando à Filadélfia.

Eu tenho uma teoria.

Um que preciso testar.

Usando o aplicativo, adiciono uma parada um pouco ao norte de nossa trajetória atual.

"Parece que você está precisando de um descanso. Que tal um pequeno pit stop, Diego?"

"Para conseguir mais Redbulls?" As palavras de Diego estão todas juntas.

"Não, para..."

Clico em GO no aplicativo e uma voz robótica termina a frase para mim.

"Você fará uma parada no necrotério do condado de Nicetown-Tioga, na Filadélfia, em aproximadamente vinte e três minutos."

"Olá, gentil senhor."

"Jeeezus!"

O homem de jaleco verde-claro que estava trancando uma grande porta de metal salta de seus sapatos. Então ele vê quem está se aproximando e imediatamente se desculpa.

"Maldito pai, você me assustou. Desculpe-me por xingar."

"Está tudo bem, meu filho. Vejo que você é um homem de fé."

Não estou vendo nada. Está escuro como breu, mas minha suposição é segura. Afinal de contas, Nicetown-Tioga County é o distrito mais perigoso de toda a Filadélfia. E se há uma coisa que leva as pessoas à religião mais do que qualquer outra?

É violência.

Ironicamente, em ambos os lados.

"É claro, é claro." O homem que tem orelhas grandes e olhos pequenos olha em volta do estacionamento escuro e vazio. Ele parece nervoso. "É um pouco tarde."

"O Senhor nunca dorme".

"Certo, sim, bem, padre, o que posso fazer pelo senhor?"

Eu coloco minhas mãos na minha frente.

"Uma família entrou em contato. Eles estão desesperados - gostariam que eu fizesse os ritos pós-morte."

Não existem direitos post-mortem. Existem os Últimos Direitos, mais recentemente conhecidos como os sacramentos da unção dos enfermos, mas eles precisam ser dados enquanto a pessoa ainda está viva.

Mas acho que um homem que grita "Jeeezus" quando está com medo não é um grande estudioso da religião, seja ele crente ou não.

"Sim, é claro. Presumo que esteja se referindo a Benoit?"

"Ele foi trazido há cerca de uma hora?"

É outra suposição esperançosa, mas bem fundamentada, dado o nível de violência no condado. As chances de alguém ter morrido recentemente, mesmo a essa hora, são altas.

O homem acena com a cabeça e posso sentir a excitação de Merzoth crescendo dentro de mim.

"Por favor, posso vê-lo agora? É importante que eu realize o ritual o mais rápido possível."

O homem balança as chaves em sua mão direita.

"Eu não sei. Já é muito tarde."

"Estou ciente de que isso é um inconveniente. Por que você não me diz onde o corpo está localizado e eu mesmo faço o serviço? Eu até mesmo trancarei o corpo para você depois que eu terminar. Posso deixar as chaves ali, embaixo das lascas de madeira ao redor da árvore."

Não sei se é o meu charme eterno que convence o homem a estender a mão com as chaves ou o fato de que toda essa interação deve ter sido muito confusa para ele. Seja qual for o motivo, ele começa a entregar as chaves, mas para no último segundo.

"Acho que meu chefe não vai ficar muito feliz com isso."

Sinto Merzoth empurrando, tentando se levantar, e sou levado a uma decisão.

Se eu deixar Merzoth assumir o controle agora, ele não vai parar até que tenha eviscerado esse homem e sugado coágulos de seu ventrículo esquerdo.

Mas não tenho muita escolha.

Se o demônio não comer... bem, sou eu ou esse cara.

Talvez eu possa deixá-lo se elevar um pouco sem dar a Merzoth o controle total de minhas faculdades.

Vale a pena tentar.

"Me dê as chaves."

Os olhos do homem se arregalam, sua mandíbula se abre e minha mão sai com uma velocidade incrível, comparável à de quando Merzoth agarrou Davey Scump pela garganta. Mas, em vez de atacar o indivíduo, arranco as chaves de seus dedos.

O homem permanece ali, congelado de medo, e então Merzoth começa a comandar minha outra mão.

Sabe aqueles momentos em que você realmente precisa dar um peido, mas sabe que uma cacada não está longe?

É assim que me sinto. Deixar Merzoth usar minha voz e pegar as chaves é o peido, e se eu não apertar minhas bochechas com toda a força possível, vou borrar as calças. Caso não esteja entendendo, borrar as calças nesse contexto é análogo ao Merzoth consumindo esse pobre auxiliar quase religioso enquanto ele ainda está vivo.

Eu sugo Merzoth de volta para dentro como uma cabeça de tartaruga saindo do meu ânus.

E então, quando eu assumo o controle, o auxiliar volta a si.

Ele corre.

Eu o vejo partir.

Quando o homem desaparece na escuridão, eu assobio e Diego sai das sombras.

"Pegue estas chaves e tranque a porta atrás de mim. Não a abra para ninguém além de mim. Nem Merzoth, nem o Papa, apenas eu".

Diego, que ainda está tremendo como um viciado em metanfetamina, pega as chaves depois de várias tentativas fracassadas e acena com a cabeça.

Posso sentir o Merzoth latejando dentro de mim, desesperado para avançar novamente.

Ainda não. Ainda não. Apenas espere.

Entro no necrotério, fecho a porta atrás de mim e espero até que Diego a tenha trancado.

"Tudo bem", digo a Merzoth. Engulo com força, mas o nó em minha garganta não desce. "Encontre esse tal de Benoit e vamos acabar com isso."

Merzoth rosna como um gato da selva no cio.

"É hora de comer!"

Episódio 14: Evidência em vídeo

O policial de Albuquerque, Frank Radar, espera até que Clint Sachs esteja completamente fora de sua casa antes de agarrar o homem pela nuca. Ao mesmo tempo, ele desliza a sola grossa de sua bota tamanho 13 na moldura da porta.

O homem grita quando Frank entra pela porta aberta e arrasta o homem com ele.

"Ei, Clint, como está sendo seu dia?"

Frank empurra o homem contra uma mesa de vidro.

"Você não pode... você não pode entrar aqui."

Clint se encolhe, tentando usar a mesa que bateu em suas canelas para se proteger.

"Não posso, porra." Frank olha para a sala, assobiando ao ver as garrafas vazias espalhadas por toda parte. "Além disso, eu já estou lá dentro."

Clint desliza para a direita, claramente com a intenção de bloquear a visão de Frank de alguma coisa.

Frank acena com a mão, indicando que o homem deve sair do caminho.

"O que você - o que você quer?" Clint implora. "O que você quer de mim?"

Frank levanta as duas sobrancelhas e indica uma segunda vez para que Clint se mova. Quando o magricela se recusa, Frank usa sua bota para empurrá-lo para o chão.

"Que diabos, cara? Você não pode fazer isso! Os policiais não podem fazer isso."

Frank ignora Clint - sua atenção está voltada para a mesa. Mais especificamente, o pequeno espelho que está coberto com um pó branco fino.

Ele dá um passo à frente e passa a ponta do polegar no espelho, depois o aproxima do rosto. Ele cheira o pó antes de esfregá-lo agressivamente em suas gengivas superiores.

"Essa é uma boa merda, Clint, meu rapaz."

"Não sei de onde ele veio. Tipo, não é meu."

Frank olha em volta de forma dramática, com os cantos dos lábios para baixo como os de um cão de caça.

"Esta é sua casa, não é?"

"Tecnicamente, é do meu pai".

Frank suspira.

"Tudo bem, Fuckstick. Chega de jogos. Isso pode acontecer de duas maneiras".

"Mas você não pode, tipo, você não pode..."

"Cale a boca."

A mandíbula de Clint se fecha com tanta violência que Frank ouve os dentes do homem rangerem.

"Bom. Primeira regra: ouça o que eu tenho a dizer. Segunda regra: calar a boca. Entendeu?"

"I-"

Frank estende a mão e dá um tapa no rosto do homem. Dessa vez, Clint não apenas tropeça, mas é arremessado contra a parede mais próxima com tanta força que seu ombro amassa a parede de gesso.

Quando o homem abre a boca novamente, Frank o adverte com um dedo.

Clint morde a língua.

"Bom - um aprendiz rápido. Eu gosto disso."

Frank começa a assobiar enquanto tira o celular do bolso e percorre as fotos.

"Você conhece esse homem?"

Ele mostra a Clint, que agora está segurando sua bochecha avermelhada, a imagem do padre do beco. O homem começa a balançar a cabeça, mas Frank levanta outro dedo de advertência.

"Antes de responder, puto, quero que você pense sobre isso. Eu entrei em sua casa aleatoriamente perguntando sobre esse padre? Isso é apenas uma coincidência de cem por cento? Pense, estúpido. *Pense.*"

Clint geme.

"EU..."

Um movimento atrás de Clint chama a atenção de Frank e ele se distrai momentaneamente.

"O que é isso?"

Uma cama - a maior cama que Frank já viu em toda a sua vida. E nessa cama está deitada uma mulher. Dessa vez, seu dedo levantado não é um aviso, mas ele o leva aos lábios no sinal universal de "*fique quieto*". Em seguida, Frank caminha lentamente até a cama e levanta o lençol.

Um sorriso malicioso se forma em seu rosto quando ele vê uma bunda roliça e redonda.

"Você vai me dizer o nome do padre?"

"Eu não o conheço. Eu não conheço esse cara. Eu juro", diz Clint, mas sua voz não é convincente.

"Está bem."

Frank coloca um pé na cama e depois se levanta. Quando está totalmente de pé sobre a mulher adormecida, ele abre lentamente o zíper da calça.

"Mas que diabos, cara? O que diabos você está fazendo?"

Frank retoma a melodia que estava assobiando antes, enquanto sacode o pênis para fora. E então ele libera sua bexiga da cerveja que havia consumido, o arco amarelo de mijo ricocheteando na bunda

esticada da mulher.

"Não! Por favor! Isso é loucura, cara!"

"Diga-me quem é o padre e eu paro."

Frank move seu jato da bunda da garota para a parte inferior das costas e depois o direciona lentamente para a cabeça dela. É uma mijada tremenda, mesmo para ele.

"Não! Pare!"

Frank continua assobiando e fazendo xixi.

Ah, os prazeres simples da vida.

"Ok!" Clint levanta as mãos. "Está bem, está bem! Merda! Cole! O padre disse que o nome dele era Cole!"

Frank dá uma olhada por cima do ombro. Clint está à beira das lágrimas.

"De qualquer forma, já terminei".

Ele estremece, depois coloca o pênis de volta na calça.

"Cole, o quê?"

Frank pula da cama e se aproxima agressivamente de Clint, que mais uma vez se afasta dele.

"Isso é tudo o que eu sei! Eu juro... você não pode fazer isso!"

Ele poderia ter acreditado em Clint se os olhos do garoto não tivessem se desviado para a mesa novamente. Só que, dessa vez, Frank tem certeza de que Clint estava olhando para uma câmera digital antiga e não para os restos de uma boa noite.

"O que é isso?"

Frank pega a câmera e a liga. Ele fica surpreso quando a câmera emite um sinal sonoro de saudação.

"Isso é propriedade privada. Você não pode..."

Mais uma vez, basta um único dígito levantado para silenciar Clint. E a atividade mais recente da câmera é tudo o que Frank precisa ver para saber que o homem está mentindo.

O vídeo começa de forma bastante inocente. O padre do beco sorrindo, bebendo Johnny, tomando doses de cocaína. Mas então as coisas ficam estranhas.

Estranho até mesmo para Albuquerque.

Frank assiste com os olhos arregalados e depois desliga o vídeo.

"Você só sabe o primeiro nome dele, não é? Clint, eu o avisei. Pensei que você fosse um cara íntegro. Achei que..."

O rádio no ombro de Frank está tocando.

"Oficial Radar, precisamos de ajuda. Algo está acontecendo na casa da Denise. Câmbio."

Denise's? *Eu adoro* o Denise's.

Frank pressiona o botão do rádio.

"O que está acontecendo? Câmbio." O rádio dele chia de novo e ele vê Clint se desviar um pouco para a sua esquerda. "Não se mexa,

porra."

"Uhh, um padre bateu em uma stripper, eu acho? Tipo, bateu muito nela. Não tenho certeza. Câmbio."

Agora, isso é interessante.

Quais são as chances de que o padre que conseguiu um emprego de borda de Clint Sachs depois de fazer um monte de golpes seja o mesmo que jogou paddy-cake com uma stripper no *Denise's*?

Um sorriso se forma nos lábios de Frank.

"Estarei lá em dez minutos. Câmbio."

Frank solta o rádio e o coloca no bolso junto com o celular.

"Você não pode levar isso, ooooooh." Clint lembra Frank de um garotinho com muitas camadas de roupa que precisa desesperadamente se aliviar. "Eu *preciso* disso. É o..."

Frank levanta a mão, mas não precisa balançá-la. Clint fica tão assustado que cai de volta na parede por conta própria, deixando o amassado ainda maior.

Frank ri e dá uma última olhada demorada na bunda da garota na cama, que será guardada em seu banco de palmadas, antes de voltar ao seu antigo local de trabalho: a *casa de Denise*.

Frank acena com a cabeça para o segurança na porta. Ele não reconhece o enorme homem negro de cabeça raspada e barbicha, mas na maioria das vezes ele fica fora de si quando passa pela porta. No entanto, ele tem certeza de que o segurança o reconhece.

Ao contrário do segurança, a próxima pessoa que Frank vê é alguém com quem ele está muito familiarizado: O sargento Peter Mando.

"Oficial Radar."

"Pete, o que temos aqui?"

Enquanto Pete explica a situação, Frank dá uma olhada na boate. As luzes estão acesas, o que é incomum para essa hora do dia. De fato, é incomum para qualquer hora do dia na *Denise's*. Todo mundo sabe que o lugar fica aberto muito tempo depois que a lei exige o fechamento. Eles simplesmente não se importam, especialmente porque metade de seus clientes são a lei.

Ele vê Davey Scump em seguida. O homem musculoso está sentado massageando a garganta, com um olhar distante em seus olhos escuros.

"Desculpe, o que aconteceu?" pergunta Frank. Ele não estava prestando atenção e Mando está claramente irritado por ter que se repetir.

"Davey disse que havia um padre que entrou no quarto dos fundos e, sei lá, fez algo com uma das meninas."

"Fez *alguma coisa*?"

Enquanto diz isso, Frank usa os dois primeiros dedos da mão direita para entrar em um túnel que ele fez com a esquerda.

"Não, não é assim. Você deveria conversar com Marcus. Ele tem algumas coisas interessantes a dizer."

Frank acena com a cabeça.

"Onde está a garota agora?"

"Albuquerque General."

"Isso é ruim, não é?"

"Isso é ruim. Mas antes que você saia correndo", diz Mando, "fale com Marcus".

Frank avista Marcus nos fundos do clube de striptease. Ele é muito mais jovem do que ele e o sargento Mando. Tem vinte e poucos anos e é tão verde quanto eles. E se há uma coisa que Frank odeia mais do que policiais bonitões, e quase tanto quanto padres, são policiais jovens e verdes. Eles são sempre os garotos de programa do chefe, sempre obtêm privilégios especiais, como serem convidados para uma operação da equipe da SWAT.

"Marcus."

O homem olha para ele e seus olhos se endurecem. Marcus tem um maxilar quadrado, olhos claros e cabelos escuros que ele penteia para um lado.

Ele não é tão grande ou musculoso quanto Davey Scump, mas é um pouco maior que Frank. Eles provavelmente têm o mesmo peso, mas, com o passar dos anos, Frank ficou um pouco mole. Houve um tempo em que ele passava suas horas de folga malhando, achando que isso ajudaria em sua carreira. Mas isso foi antes de ele aprender a regra fundamental da luta. A única regra que garante a vitória, não importa o tamanho do adversário: esteja disposto a fazer o que ele não está fazendo.

Ou ser um policial com uma arma.

No caso do policial Frank Radar, o "ou" era na verdade um "e". E isso o torna imparável.

"Oficial Radar."

Marcus pode não gostar de Frank, mas ele o respeita. Ou, se não o respeita, sabe que Frank pode tornar sua vida miserável se assim o desejar. Outra coisa que Frank aprendeu ao longo dos anos é que medo e respeito são sinônimos.

"Então, o que diabos aconteceu?"

"Há *alguns* dias, havia um padre aqui - um homem de cabelo curto e barba grande? De qualquer forma, ele me pegou de surpresa durante a invasão e saiu pelos fundos. Acho que é o mesmo cara".

Frank franze a testa.

"Nome?"

"Não sei. Mas o problema é o seguinte: aquela garota? A dançarina... ele fez algo com ela."

"Jesus, foi isso que o Mando disse. Fez o quê? Anal sem nem mesmo uma cuspidinha de cortesia?"

Várias imagens passam na mente de Frank, algumas das quais são da câmera de Clint, enquanto outras são do padre, com o rosto coberto de sangue enquanto ele paira sobre o cadáver do viciado no beco.

"Honestamente? Eu não sei. O pulso dela estava um pouco torto, mas não acho que esteja quebrado, apenas torcido."

"É só isso?"

"Não, *ela-uhh...*"

Frank está ficando cansado disso.

"Apenas venha e diga. Não tenho tempo para essa merda".

Marcus, que, segundo rumores, passou um tempo nos fuzileiros navais antes de mudar para a polícia, se endireita.

Às vezes, mesmo que você não tenha autoridade sobre as pessoas, basta fingir que tem, e elas reagirão da mesma forma.

"Acho que talvez ele a tenha drogado. Ela tinha pulso, mas estava fraco. Os paramédicos lhe deram uma injeção de Narcan, mas ela ainda não acordava. Eles não souberam me dizer o que havia de errado com ela. Estou sentindo más vibrações com isso, Frank. Tipo, muito ruins. Não consigo explicar. Você já... já viu um padre em um lugar como esse antes? Como um clube de striptease?"

A expressão de choque no rosto do jovem policial faz Frank dar uma risada.

"Se você ficar nesse trabalho por tempo suficiente, garoto, verá todo tipo de coisa fodida. Um padre em um clube de striptease não entra nem na lista dos dez mais."

Frank dá um tapa no ombro de Marcus com força suficiente para fazer o homem recuar e, em seguida, caminha até Davey Scump. O segurança parece derrotado, o que não é nada típico dele.

Que porra o padre fez com você? pergunta-se Frank.

Ao se aproximar de Davey, o homem o reconhece com um aceno de cabeça. Em seguida, ele estende a mão. Frank hesita, mas apenas por um segundo.

Ele a sacode, sem se surpreender ao sentir que a palma da mão de Davey não está vazia. Frank guarda o item no bolso sem olhar para ele, acena com a cabeça em sinal de compreensão - *Encontre esse maldito padre e faça-o pagar -* e depois volta para o Sargento Mando.

"Vou entrar em contato com meus contatos para ver se podemos tirar esse padre da cruz em que ele está pendurado", diz Frank.

E essa é a verdadeira razão pela qual ele foi trazido para cá. Não porque tenha algo a ver com seu ódio por padres, mas porque Mando,

por mais que finja ignorância, sabe que Frank é frequentador assíduo desse e da maioria dos outros clubes de striptease da região. Ele está familiarizado com a clientela e também com o talento, e se esse padre malvado aparecer em outro bar de peitos do outro lado da cidade ou até mesmo em três estados, Frank ficará sabendo.

"O mais rápido possível, Frank. Mantenha isso em segredo."

"Entendi."

Com isso, Frank sai da *casa de Denise* e volta para seu carro.

Em seguida, ele descobre o que Davey Scump lhe passou clandestinamente. Ele fica surpreso com o fato de que não se trata de um item, mas de dois.

O primeiro é um pedaço de papel.

"Padre Cole Bannen", ele lê em voz alta.

Abaixo disso, há um endereço na cidade de Nova York, entre todos os lugares.

Frank memoriza esses detalhes antes de enrolar o papel e jogá-lo pela janela.

O segundo item é de igual interesse.

Um saquinho de cocaína.

"Parece que vamos fazer uma pequena viagem de carro, querida. Uma missão de caça. Estou indo atrás de você, padre Cole Bannen. E quando eu o encontrar, você será um homem muito, muito arrependido."

Frank nem sequer olha em volta antes de colocar uma enorme quantidade de cocaína nas costas da mão. Ele a engole de uma só vez e seus olhos começam a lacrimejar imediatamente.

"Sim, você vai se arrepender de ter se metido com o policial Frank Radar." Ele olha para o saco, encolhe os ombros e, em seguida, bufa outra pilha. "Estou indo atrás de você, *padre*."

Episódio 15: Necrocanibalismo

Estou enjoado - realmente estou. Mas, no fundo, sinto que deveria estar *mais* enjoado com o que acabei de fazer. Depois que Diego verificou três vezes se a porta do necrotério estava trancada, eu me afasto e deixo Merzoth tomar as rédeas.

E ele agarra as rédeas. Sendo esta a terceira ou quarta vez que o demônio está no banco do motorista, começo a notar coisas que não notava antes.

Por exemplo, quando Merzoth está no controle, eu me movo de forma diferente. Sou mais coordenado, mais rápido e extremamente violento.

Meus sentidos também estão aguçados. Posso sentir o cheiro de coisas novas - coisas sutis.

Como o cheiro de uma alma humana.

E, *por favor*, como é o cheiro de uma alma?

Picante. Como pimentas picantes cozidas em óleo vegetal - faz seu nariz se contorcer um pouco. Não tão acre, talvez, mas semelhante.

Merzoth saliva com o cheiro e seus movimentos pelos corredores quase escuros como breu do necrotério tornam-se cada vez mais frenéticos. Ele está animado.

Ele está *com fome*.

E ele usa seu faro para encontrar o corpo do pobre Benoit. O resto é, bem, praticamente o mesmo que no beco. Só que naquela época eu estava completamente bêbado.

Agora estou totalmente sóbrio.

E eu vejo coisas... enquanto Merzoth rasga o cadáver, vejo vislumbres do que presumo ser a vida de Benoit. Você já ouviu falar que sua vida passa diante de seus olhos antes de você morrer, bem, isso é como isso. Só que eu não estou morrendo, e Benoit já está morto. Então, acho que não é bem assim.

Mas me dê um tempo, está bem? Estou fazendo o meu melhor aqui.

Ampliar.

Vejo uma versão mais jovem do cadáver, de Benoit, como um menino de sete ou oito anos. Ele está sentado no guidão de uma bicicleta - talvez a de seu irmão? - quando um carro desvia na esquina e o motorista freia. Os pneus traseiros derrapam na terra solta e Benoit é jogado de seu poleiro. Ele cai no chão de cara no chão, quebrando os dois dentes da frente.

Reduzir o zoom.

Ampliar.

Em seguida, eu o vejo ajudando uma senhora idosa com rugas grossas e óculos enormes a soprar as velas.

Sinto uma tristeza avassaladora.

Reduzir o zoom.

Não sei por que estou triste. Eu nem sabia que *poderia* ficar triste com Merzoth no controle.

Mas eu estou.

Não se incomode, Merzoth rosna. *Benoit não era um homem bom.*

Estou tentado a argumentar, mas então...

Ampliar.

Benoit está grunhindo, suando, com a palma da mão cobrindo o nariz e a boca de uma mulher que está deitada sob ele. Como eu, seus olhos estão arregalados e úmidos.

Eu vejo mais do que você, diz Merzoth em minha cabeça.

Reduzir o zoom.

Minhas mãos finalmente envolvem o coração frio de Benoit no fundo de seu peito e começo a retirá-lo da cavidade do corpo. A aorta é como um verme grosso, que se estica, mas não se rompe. Puxo com força e ela finalmente se rompe.

Ao levar o coração à boca, fecho os olhos.

Mais ou menos.

É mais como se eu fechasse minha mente para o que Merzoth está fazendo. Tenho a impressão de que ele permite que eu me desligue.

O que é muito apropriado, pois agora somos uma equipe, certo?

Depois de terminar de devorar a alma picante de Benoit (e também o músculo fibroso do coração), o demônio lambe meus dedos e vira o lençol de volta sobre o cadáver devastado.

Estou me sentindo muito cheio agora, embora tenha certeza de que consumi apenas meio litro de sangue e menos de meio quilo de carne. É mais uma sensação de inchaço do que qualquer outra coisa, o que você pode sentir algumas horas antes de um ataque de gastrite realmente o atingir.

Mas não importa como *eu me* sinta, o Merzoth ainda não terminou.

Percebo sua falta de satisfação, uma sensação generalizada de vazio.

Talvez eu possa assumir o controle novamente se me sentir inclinado a isso.

Mas eu não.

Não importa o quanto eu esteja enojado com o necrocanibalismo de Merzoth ou como você queira chamá-lo, é melhor do que a alternativa: comer um pobre coitado em um beco.

Pelo menos Benoit já estava morto.

Merzoth se dirige ao armário de cadáveres adjacente, cheirando fundo ao abri-lo.

Nenhum odor doce e picante, apenas o cheiro cáustico da formalina.

Esse homem está morto há muito tempo.

Sua alma se foi.

"O que... o que vai acontecer com ele?" Pergunto em minha mente enquanto o Merzoth avança na fila de armários refrigerados.

Para quem?

Merzoth abre outro armário, cheira e depois rosna de frustração.

"Benoit."

Imagino o rosto cheio de rugas de sua avó.

Bonne fête à toi, Bonne fête à-

Minha visão fica vermelha e, em vez da senhora idosa, vejo a jovem novamente. Ela está chorando enquanto Benoit a empurra.

Jesus, mude a porra do canal já.

Merzoth gargalha.

Eu o poupei dos detalhes do que aconteceu depois, padre. Como eu disse, Benoit era um homem ruim.

Minha visão volta ao normal, mas agora me sinto mal. Mesmo que eu quisesse assumir o controle, duvido que tivesse forças para fazê-lo de fato.

Merzoth verifica mais dois armários, e minha náusea diminui um pouco.

"Você ainda não respondeu à minha pergunta."

Merzoth faz uma pausa e, naquele momento, vejo apenas um pequeno lampejo de minha jornada ao Inferno. Da mamãe demônio gigante dando à luz.

Será que eu conjurei isso? Ou, como no caso do passado perverso de Benoit, Merzoth colocou isso em minha mente?

Merzoth puxa meu maço de cigarros. Ele acende um e sinto a fumaça quente encher meus pulmões.

Não fiquei com toda a alma dele - parte dela já tinha ido para o inferno.

Sério?

Não sei dizer se isso é um eufemismo demoníaco ou se Merzoth está sendo literal.

A fera do parto retorna em minha mente e ouço aquele grito horrível de cortar os ouvidos. Vejo o primeiro de muitos animais alados emergir da cloaca de mamãe em um bolo de ichor preto.

Demoro alguns segundos para perceber por que Merzoth está me mostrando isso.

Você está... está brincando, certo?

Mesmo dentro de minha própria cabeça, minha voz está cheia de desespero.

Merzoth dá uma tragada forte no cigarro, e eu tenho um pensamento insano: *A formalina não é inflamável, não é?*

Isso é imediatamente seguido por: *É permitido fumar aqui?*

A maior parte da alma de Benoit foi para o inferno, onde pertence. Lá,

ela será usada da maneira que Ele achar melhor. Provavelmente, se tornará um daqueles morcegos fodidos.

Morcegos... os demônios com asas com veias e membranas que mais parecem um prepúcio esticado do que qualquer coisa que possa ser usada para sustentar o voo.

Sim, "bat fuckers" é um nome tão bom para eles quanto qualquer outro.

Algo me ocorre enquanto Merzoth mais uma vez enche meus pulmões de fumaça.

Espere, isso significa que você estava...

Merzoth rosna e meus molares vibram.

Ah, então você não gosta de falar sobre si mesmo, não é? Só estou dizendo que, se Benoit estava indo para o Inferno para encarnar como um morcego fodido, o que você fez na Terra para renascer como um gigante chifrudo?

Silêncio!

O grito de Merzoth é tão alto que não são apenas os meus dentes que se chocam, mas parece que há um diapasão dentro do meu crânio.

E funciona - eu me calo rapidamente.

Mas quando Merzoth se afasta do cadáver de uma jovem negra, percebo que o demônio não está apenas evitando perguntas sobre seu passado, mas que ele ouviu algo.

E agora também estou ouvindo. Está vindo do corredor, um ruído baixo como se alguém tivesse colocado um subwoofer pesado em um piso de madeira compensada. Isso é seguido por uma série de sons de batidas.

Que diabos é isso?

Isso, Merzoth responde sem hesitar, é outro demônio.

Ele dá uma última tragada na fumaça e depois a joga no chão.

E ele está aqui para nós.

O padre Cole Bannen não é um padre comum. Trinta e dois anos de idade, nascido e criado em Albuquerque, Novo México. Órfão, abandonado pelos pais que o deixaram com três anos de idade em uma igreja, Cole foi criado no sistema que o policial Frank Radar tanto despreza.

Faz sentido que o antigo coroinha tenha entrado no seminário e se tornado padre. E, é claro, também faz sentido que aquele velho safado do Padre Old McDonald, ou seja lá qual for o nome dele, minta por ele.

Afinal de contas, o padre de couro havia sido o mentor de Cole.

Em algum momento, o padre Cole Bannen deve ter perdido sua fé porque não ocupa um cargo regular na igreja.

Na verdade, o policial Frank Radar nem tem mais certeza de que é um padre de verdade. Em algum momento, Cole se envolveu em exorcismos falsos, ganhando dinheiro com os ingênuos que acreditam nesse lixo.

É bem feito para eles.

Mas depois vieram Amy, Mandy e Yadier Garcia.

De acordo com os documentos do tribunal, Cole estava realizando um de seus exorcismos de merda quando decidiu que o dinheiro de Garcia não seria suficiente.

Ele queria mais.

O tarado queria a filha deles.

Então, ele a levou - aquele maldito padre safado sequestrou Amy. Mas Yadier, que Frank estranhamente não conhece, apesar de ambos serem policiais, não estava querendo nada com isso.

Yadier prendeu Cole na *casa de Denise*.

Círculo completo.

Pelo menos, é isso que a prostituta que trabalha na recepção da polícia de Albuquerque - que, aliás, Frank já tocou o dedo duas vezes, uma no banheiro e outra em sua mesa - diz a ele quando ele pede um favor.

A secretária também o informou que, novamente de acordo com os documentos do tribunal, outra pessoa era de interesse no caso do sequestro, mas não foi acusada. Essa outra pessoa se chama Diego Cervante, que por acaso dirige um Crown Victoria amarelo de merda.

História de fundo completa.

Frank não dormiu. Nem por um minuto.

E ele não tem mais cocaína.

Mas isso não importa, porque ele os encontrou. Graças a outro favor, desta vez de um técnico que Frank dispensou depois de pegá-lo com um grama de metanfetamina de primeira, o Crown Vic foi visto em uma câmera de semáforo vermelho na Filadélfia.

Frank corta os faróis e coloca o carro em ponto morto para deixá-lo entrar no estacionamento.

Que diabos eles estão fazendo aqui? pergunta-se Frank. *Por que esses doentes estão em um maldito necrotério?*

Ele só consegue pensar em um motivo, e isso lhe dá um nó no estômago. Ele gosta de algumas coisas excêntricas, mas essa é de outro nível.

Frank lambe os lábios, mas sua boca está tão seca que a língua gruda e ele tem de apertá-la entre o polegar e o indicador para retirá-la.

A sensação é de uma lesma desidratada.

Frank estaciona e destrava o coldre.

Em sua mente, ele já viu esse cenário acontecer uma dúzia de

vezes. Ele o ensaiou e isso é importante.

Um antigo mentor disse-lhe certa vez que quem não planeja, planeja fracassar.

E Frank planeja fazer o padre e seu filho da puta pagarem. Quebrar o braço de uma mulher era uma coisa - Frank faz isso regularmente.

Fodê-la tanto que seus cérebros ficaram embaralhados?

Isso é outra coisa.

Ah, e o sequestro. Oito anos por pegar uma jovem e provavelmente se masturbar com ela em um clube de striptease?

Imperdoável.

Frank abre silenciosamente a porta do carro e, ao mesmo tempo, tira a arma do coldre.

O estacionamento está quase todo escuro. A única iluminação real vem de uma de duas fontes: uma luz cirrótica acima de uma porta de metal grossa e a luz da cúpula, igualmente amarela, de dentro do carro de Diego.

Frank se move lentamente, mantendo os olhos fixos no interior do carro. Ele vê uma figura, pequena, curvada, quase certamente Diego, atrás do volante.

À medida que se aproxima, fazendo o possível para ficar no ponto cego do carro, ele vê que Diego - é Diego, ele pode dizer pelo cabelo preto da meia-noite - está olhando para a porta do necrotério. Em sua mão, há algo que brilha na luz da cúpula.

Algo metálico.

Uma arma? Não, é muito pequena para ser uma arma.

Frank ajusta a empunhadura de sua pistola por precaução e se abaixa ainda mais, agora mais agachado do que andando.

Seu coração está vibrando como o traseiro de um beija-flor depois de um banquete do Taco Bell, e Frank adora cada segundo disso.

Ele está prestes a apontar a arma para Diego através da janela fechada do lado do motorista quando outra ideia lhe ocorre. E quando isso acontece, um sorriso se forma em seus lábios.

Ainda no ponto cego de Diego, Frank usa sua mão livre para levantar a maçaneta da porta. Ele não se surpreende com o fato de ela estar destrancada.

Esses filhos da puta acham que estão acima de todos, que ninguém ousará mexer com eles.

Bem, eles estão sofrendo um choque cultural, pois nunca conheceram alguém como eu.

Em um único movimento, Frank abre a porta e entra no carro atrás de Diego. O homem solta um grito abreviado, mas quando começa a se virar, levando o que Frank agora vê que é apenas um molho de chaves, ele é recebido por uma arma apontada para sua nuca.

"Continue virando, gatinha, e eu vou espalhar seus miolos por toda

a sua licença de táxi da cidade de Nova York."

Episódio 16: Brothers at Arms

Como assim, ele está aqui para nós? Eu grito em minha cabeça.

Merzoth não responde quando sai do necrotério e entra no corredor.

Merzoth? I-

Paro de falar, pensar ou como queira chamar a maneira como me comunico com o demônio chifrudo que atualmente controla minhas faculdades.

Eu paro porque *estou* vendo.

Mas que porra é essa?

"Não é sagrado", Merzoth rosna com minha boca. "Muito *profano*, de fato."

A fera cambaleante no final do corredor escuro é algo saído diretamente de um sonho molhado de H.P. Lovecraft.

Ele tem tentáculos, coisas horríveis e pretas tão grossas quanto tubos internos. Há pelo menos oito deles, provavelmente mais - deixe-me em paz, não estou com vontade de contar - e eles estão se debatendo contra os armários que revestem as paredes e raspando o teto. É assim que a coisa se impulsiona em um movimento estranhamente coordenado. Os tentáculos usam as paredes e o teto para avançar, deixando para trás rastros de caracóis pretos e pegajosos.

Ah, caso eu tenha me esquecido de mencionar, no centro da coisa há uma figura humanoide. Morta, certamente, mas humanoide. Um cadáver, cinza pálido, com os braços estendidos. Um homem enorme com dobras ondulantes de gordura subcutânea que pendem para baixo, felizmente escondendo seus órgãos genitais. Uma trilha de pelos encaracolados no peito, que vai da garganta até onde o pênis está enterrado, está coberta por mais daquela gosma espessa e preta. A maioria dos tentáculos parece estar saindo de suas costas e laterais, como se tivessem saído de seu próprio núcleo. Eles são tão grandes que o homem no centro da massa está pairando a um metro e meio do chão.

Apesar de estar morto, seus olhos - duas piscinas vermelhas rodopiantes - estão abertos.

Merzoth casualmente enfia a mão no meu bolso e tira as contas anais e eu vejo, com uma estranha e completamente inapropriada pontada de orgulho, que o demônio que eu havia capturado ainda gira dentro de uma das bolas de borracha preta.

Merzoth não parece interessado em capturar essa fera com tentáculos. Pelo menos, acho que ele não está, a julgar pela maneira como começa a balançar as contas.

Ele parece ter a intenção de golpeá-la.

Que diabos está fazendo?

"Não se preocupe, isso não pode nos machucar."

"O que você quer dizer com isso?"

Merzoth gira as contas ainda mais rápido. Elas são um borrão de dor iminente e fissuras anais.

"Quero dizer, os demônios não podem nos tocar. Eles podem nos possuir, mas não podem nos prejudicar fisicamente."

Isso não diminui meu medo quando a fera aumenta repentinamente sua velocidade - sim, há muito mais do que oito tentáculos. Com o cadáver equilibrado em uma pose semelhante à de Cristo - oh, a ironia -, os tentáculos batem nos armários, esmagando-os, e dão um tapa no piso de linóleo, enviando rachaduras em forma de teia de aranha em todas as direções.

Sinto-me como uma criança, querendo fechar os olhos e desejar que esse pesadelo desapareça.

Não pode me machucar... não pode me machucar... não pode...

Espere só um segundo, eu grito mentalmente. *Merzoth! Espere um maldito segundo!*

Os grânulos anais giratórios vacilam.

"O quê?"

A porra da stripper!

Merzoth se lembra da mulher, e ela aparece em minha mente, com seus seios firmes, aquela bunda, o...

Não, isso não! Ela me arranhou. Ela arranhou meu rosto!

Merzoth leva minha mão à minha bochecha e sente a marca que o demônio stripper fez.

"Oh, merda."

O que você quer dizer com "Oh, merda"?

É tarde demais. O demônio está sobre nós, atacando com um de seus tentáculos, cuja parte inferior, agora vejo, é adornada com dezenas de farpas amarelas como dentes de drogados.

Merzoth golpeia o tentáculo com força suficiente para tirá-lo do curso.

Em seguida, outro voa em nossa direção.

Depois, outro.

E outra.

Oh, merda, está certo.

"Quem diabos são eles?" pergunta Frank Radar.

Dois homens, um vestindo jeans e um longo sobretudo, o outro vestindo um terno justo, estão em frente à porta do necrotério.

O que está de terno tenta a maçaneta, mas ela está trancada.

"E-EU-EU-EU-EU-"

"Hoje, Junior!"

"Eu não faço ideia", Diego finalmente consegue.

Frank faz uma careta e então seus olhos se arregalam quando o homem vestido de forma simples tira uma espingarda de dentro do casaco.

E então, sem hesitar, ele simplesmente explode toda a fechadura e a maçaneta. O som da explosão é alto até mesmo no carro e Frank estremece. Diego também, e Frank enfia o cano de sua arma na parte de trás da cabeça do homem.

Apenas um pequeno lembrete para ficar quieto.

"Bem, então acho que é hora de descobrir. Abra a porta, *devagar*, e saia."

Achei que você sabia o que estava fazendo!

Eu também! Merzoth grita de volta.

Para referência futura, as contas anais sagradas são um receptáculo maravilhoso para capturar demônios. Elas não são - repito, elas *não* são uma arma formidável para afastar um homem gordo com tentáculos e olhos vermelhos ardentes.

No entanto, Merzoth faz a boa e velha tentativa universitária, golpeando vários tentáculos farpados quando eles estão prestes a nos espetar. No entanto, há tantas coisas pretas e grossas que somos rapidamente dominados como um participante magro em um vídeo de bukkake.

Um dos tentáculos agarra nosso ombro e nos levanta antes de bater nossas costas contra um armário. As farpas se retraem apenas o suficiente para não causar danos e aumentar a tração.

Práticos esses dentinhos de drogado.

Diga a porra do nome dele! grito dentro da minha cabeça, lembrando-me de como o demônio stripper foi domado. *Merzoth, diga a porra do nome dele!*

Não sei seu nome!

O que você quer dizer com isso?

Não sei seu nome, repete Merzoth. *Nunca conheci esse maldito demônio antes. Você acha que todos nós usamos crachás em uma festa semanal de boas-vindas ao inferno?*

Outro tentáculo agarra nosso ombro oposto e o empurra para trás, prendendo-o e forçando nosso peito para fora.

O homem gordo cheira a uma combinação maravilhosa de Cheetos e spray corporal Axe.

Roger! Millhouse! Morton! Seymour! Eu grito mentalmente.

Não acho que ele seja um contador judeu.

Oh, que grande ajuda você é.

Mesmo com o aumento da força de Merzoth, quando o demônio prende nossas pernas, sei que tudo está perdido.

O homem gordo se inclina para a frente, e eu viro a cabeça, tentando não olhar em seus olhos.

Eu o ouço cheirar.

Que diabos está fazendo?

"Cheirando sua alma."

Merzoth está estranhamente calmo.

Muito bom.

O rosto do homem gordo se retrai e mais dois tentáculos aparecem.

Estou prestes a perguntar a Merzoth o que essa coisa está fazendo agora, mas, no fundo, eu sei.

Ele está se preparando para abrir meu peito e se banquetear.

Por exemplo, você pode tentar alguns nomes? Não estou com vontade de me tornar um maldito lanche.

Eu não o conheço.

Merzoth, que ainda está no controle, se curva, mas nosso corpo mal se move.

Apenas... tentar?

Para seu crédito, Merzoth pronuncia algumas sílabas demoníacas, que eu tenho certeza que são Klingon falado ao contrário, mas elas não têm efeito sobre a fera.

As garras amarelas dos dois tentáculos próximos ao nosso peito se estendem para fora.

Tenho vergonha de admitir que meu último pensamento antes de ser despedaçado e minha alma ser devorada não é algo profundo.

É: *"Nossa, quando será que tomei minha última vacina antitetânica?"*

Em seguida, os tentáculos dispararam para a frente e - ah, que se dane, você já leu esse roteiro antes. Você sabe que eu não vou morrer aqui.

Serei salvo no último minuto.

Eu tenho que ser.

Afinal de contas, todo mundo sabe que não se pode morrer em seus próprios sonhos... ou mesmo pesadelos.

Há uma explosão repentina e o demônio com tentáculos grita e se contorce. Um jato de líquido quente e negro que cheira a enxofre espirra em meu rosto e queima meus olhos.

O demônio se vira e solta o aperto em meus ombros.

"Aqui, seu feio de merda".

Eu não digo isso e nem o Merzoth. É outra pessoa que está se juntando à festa.

Merzoth usa essa distração para se torcer e se contorcer. O demônio H.P. está meio virado agora, tentando ver melhor *quem* foi que o atingiu, e conseguimos nos libertar dos tentáculos.

Quero cair no chão e parecer um super-herói - você conhece a pose, aterrissando com um joelho, punho na terra - e depois jogar meu cabelo para trás e olhar com um ar sexy.

Mas, em vez disso, caí de bunda no chão e, quando olhei para cima, não vi nada porque estava com aquela porra preta de demônio nos olhos.

Eu passo o dedo no líquido quente e ouço o demônio gritar novamente.

"Não está tão duro agora, não é, garotão?" Uma voz diferente, desta vez.

Que diabos está acontecendo? Afinal, existe um mixer Welcome to Hell?

O demônio tem um buraco enorme nas costas, uma ruína de sangue negro, mas ainda tem pelo menos meia dúzia de tentáculos viáveis para atacar. Ele os usa para ir em direção ao que agora vejo que são dois homens de aparência muito diferente.

Um deles está de terno e tem longos cabelos prateados, enquanto o outro tem cabelos curtos e escuros e está usando jeans. O de jeans está segurando uma espingarda de cano serrado fumegante. E o outro, vamos chamá-lo de Fancy Man por enquanto, está segurando uma espada.

Tiro mais gosma do meu rosto. Quero me concentrar em Jekyll e Hyde ali, mas sou obrigado a olhar para a substância. É como depois de assoar o nariz em um lenço de papel... você tem que olhar.

Você *precisa* fazer isso.

Uma pequena quantidade de vapor está saindo dele e acho que deve ser veneno de sapo ou ayahuasca, porque estou muito alto agora.

O demônio guincha novamente quando outro tiro de espingarda o atinge. Mas ele continua avançando, usando seus tentáculos para se contorcer e girar pelo corredor.

"Eu cuido disso", diz Fancy Man.

Ele ataca a fera com a espada, e um tentáculo é lançado. O tentáculo está prestes a agarrá-lo quando ele pula e coloca um pé em um armário e, em seguida, empurra. Ele evita o tentáculo e, em seguida, abaixa a espada reluzente em um arco robusto.

A lâmina não está mais brilhando. Agora, ela está coberta de sangue negro.

O tentáculo cortado aterrissa a menos de um metro de mim, onde fica, tremendo.

Eu o chuto e as garras se retraem.

"Apenas um...", o homem balança a espada novamente, cortando outro tentáculo, "... alguns...", outro golpe, outro tentáculo, "... mais".

"Ei, não é justo. Deixe-me me divertir um pouco."

O demônio está desequilibrado, pendurado em seus dois últimos

membros, ambos localizados no mesmo lado do corpo.

Outro tiro de espingarda elimina rapidamente os dois.

Sem mais tentáculos, o homem gordo cai no chão. O homem elegante se apressa e levanta a espada bem acima da cabeça, com a clara intenção de arrancar a cabeça do demônio pelo pescoço, com marcas de pele e tudo.

"Espere!" Merzoth ruge.

Usando sua incrível velocidade, ele corre para o corpo e desliza entre o homem e o demônio.

Vejo minhas mãos, ainda cobertas de mecônio, agarrarem seu rosto. Os olhos do homem gordo estão vermelhos, mas estão se apagando rapidamente.

"Qual é o seu nome?"

"Desculpe-me, amigo?" diz Fancy Man.

Nós o ignoramos.

"Qual é o seu nome?"

Começo a apertar o rosto do homem. Ele não tem olhos, pelo menos não olhos humanos, mas a pressão faz com que as órbitas se alarguem à medida que suas bochechas são puxadas para trás.

"Qual é a porra do seu nome, *demônio*?"

E ele diz isso - claro, ele diz isso, eles sempre dizem isso - mas não vou nem tentar repetir.

Merzoth, no entanto, faz isso. Ele diz o nome do demônio enquanto saca as contas anais. Não tenho ideia de onde ele as escondeu quando estávamos presos contra o armário e não sei se quero saber.

Uma mão pousa em meu ombro, mas eu a retiro.

"Espere! Espere só um segundo!" É a voz de Shotgun Kid, mas não me importo.

Merzoth diz o nome novamente e segura as contas na nossa frente.

Assim como no caso da stripper, há um vento que gira e, em seguida, os olhos vermelhos se transformam em dois rastros gêmeos de névoa que são sugados para dentro do segundo cordão anal.

Pop!

"Que droga! Essa foi a nossa morte!" Eu me levantei e me virei para encarar os dois homens. "Vocês roubaram a nossa caça!"

Quando o Fancy Man inclina um pouco a cabeça como se estivesse tentando nos ler, descobrir quem ou o que somos, sinto o Merzoth se retrair. Em segundos, estou no controle total novamente.

E não tenho a menor ideia do que fazer.

"Olá, amigo." O homem com a espingarda, que felizmente está apontada para o chão agora, diz enquanto caminha em minha direção. "Você nos deve..."

Eu grito quando o homem puxa o gatilho. A explosão destrói o rosto do homem gordo.

"Que porra é essa, Max?" O Fancy Man disse. "Achei que você ia consertar isso!"

"Eu pensei que tinha!" Max olha para a arma, que está fumegando. Ele também percebe que um pouco daquela merda preta respingou em seu jeans. "Porra, eu simplesmente..."

"Desculpe interromper a festa, mas vou precisar do padre."

Olho para além dos dois homens, que agora vejo, apesar de seus trajes e penteados muito diferentes, que provavelmente são irmãos e talvez até gêmeos, e meu coração para.

Diego está ali, pálido, com os olhos arregalados. Um homem, um policial, eu acho, embora seja difícil dizer porque está escuro e esfumaçado por causa do sangue fumegante de demônio e dos tiros de espingarda, está segurando uma pistola ao lado de sua cabeça.

"Vamos, entregue o padre ou vou estourar a cabeça desse cara".

Episódio 17: New Friends, Same Ol' Problems (Novos amigos, os mesmos problemas de sempre)

"Vocês três não podem ser surdos. Kurt Cobain, largue a espingarda. E você, anime John Wick, largue a porra da espada."

Não tenho ideia de quem é esse policial suado com olhos vermelhos ou por que ele está apontando uma arma para a cabeça de Diego. Tudo o que sei é que um dos dois cagou nas calças - o odor é pungente mesmo a quinze metros de distância.

Dou um passo à frente com as palmas das mãos para cima, mostrando a ele que não estou armado. Pelo menos não com uma arma ou espada. Quanto a algum tipo de praga demoníaca, isso é outra história.

Estou coberto de sujeira preta até os cotovelos.

Um pensamento me ocorre: talvez seja eu que esteja fedendo a merda.

"Ouça, policial, houve um erro aqui. I-"

"Cale a boca, *padre*", rosnou o homem. Seus olhos, com as pupilas tão dilatadas que é impossível dizer qual é a cor de suas íris, se voltam para Fancy Man e Max. "Abaixem suas armas ou eu o mato."

Max dá de ombros.

"O que você acha, Cody? Você se importa com esse cara?" Ele indica um Diego choramingando com o polegar.

O homem de terno - felizmente, agora sei seu nome e posso parar de me referir mentalmente a ele como *Fancy Man* - *olha* para Diego. Em seguida, Max olha para o demônio morto a seus pés. Por engano, sigo seu olhar.

Não sobrou muito do rosto do homem gordo; o tiro da espingarda o reduziu a uma concha vazia de sangue.

"Não, eu não dou a mínima. Ele é humano."

"O quê?" Eu gaguejo. "Espere um segundo." Viro-me para encarar meus companheiros de batalha. "Esperem só um segundo, porra. Estamos juntos nisso, certo?"

Dizem que é possível formar laços intensos com alguém em um período muito curto de tempo se você compartilhar uma experiência traumática.

"Não", diz Cody sem rodeios.

Outra mentira.

"Vamos lá, pessoal, este é meu amigo. Vocês não podem..."

"Vou atirar nele, depois vou atirar em você. Mas você, *padre*, vou atirar no seu pau e depois vou arrastar seu traseiro de volta para

Albuquerque. Você não vai morrer aqui", interrompe o policial.

"Jesus Cristo, cara, qual é a porra do seu problema?" Pelo canto do olho, vejo Cody embainhar sua espada e Max começar a colocar sua espingarda de volta em seu sobretudo. E então os dois parecem prontos para ir embora. "Não, espere! *Porra!*"

Minha mente está acelerada e sinto o desejo de invocar Merzoth novamente. Mas mesmo que eu consiga imaginar uma maneira de o demônio ajudar, o que não consigo, há claramente um período refratário significativo entre cada tomada de controle.

Estou sozinho.

Pense, Cole. Pense, porra!

Abaixo minhas mãos e uma delas esbarra em algo que está no meu bolso.

As miçangas!

"Espere! Cody! Max!" Um último e desesperado apelo. "Eu vou... eu vou lhe dar isso!"

Tiro as contas anais. Se fosse outra coisa, suspeito que o policial maluco teria seguido com seu plano de matar Diego e depois atirar no meu pênis.

Mas... *contas anais?*

Ele está muito confuso para agir, como deveria estar.

Cody olha fixamente para as bolas pretas, concentrando-se nas duas últimas que contêm fumaça em redemoinho.

"Ambos?"

Dentro de minha cabeça, ouço um rosnado baixo e ressonante.

Merzoth está de volta.

Ah, aí está você. Um pouco atrasado, idiota.

"Sim, claro. Ambos. Tanto faz."

Cody alisa a frente de seu terno.

"Você sabe quanto elas valem, padre?"

"Vale a pena? Para quem?"

"As senhoras idosas na lavanderia".

"O quê?"

Olho para um dos tentáculos que Cody cortou do demônio que tentou comer meu rosto.

Comeu? Comer meu rosto, quero dizer?

Será que um desses espinhos entrou em meu cérebro e mexeu com minha massa cinzenta?

As senhoras idosas na *lavanderia*? De que diabos esses lunáticos estão falando?

"Eu não tenho certeza do que..."

"Combinado", diz Max.

E então um tiro é disparado.

Diego está morto.

Ele sabe disso. Ele sabe que está morto porque o policial insano que cheira como uma fralda de bebê que foi deixada ao sol por muito tempo o matou.

O motivo pelo qual o policial tem um enorme tesão por Cole é outra questão.

Mas, embora o *porquê* permaneça um mistério, o *como*, Diego sempre soube.

Desde que se juntou ao Padre Bannen, há tantos anos, ele sabia que sua vida terminaria de forma espetacularmente violenta.

Ele pensou que isso aconteceria quando eles salvaram Amy pela primeira vez - seu crânio foi esmagado pelas mãos maciças de Yadier Garcia.

Quando ambos conseguiram sair vivos daquela situação, Diego achou que seria morto durante o exorcismo do Merzoth. Ou quando Cole o amarrou em uma cama e o deixou para ferver em um calor de cento e dez graus.

Mas, de alguma forma, ele sobreviveu a tudo isso... apenas para ser assassinado por um policial enquanto estava em um necrotério da Filadélfia cercado por tripas de lula, um homem gordo e nu sem rosto e duas pessoas estranhas que ele nunca tinha visto antes.

E como sua vida passa diante de seus olhos quando você está à beira da morte, e também porque este capítulo precisa de um número maior de palavras, Diego rumina sobre sua existência insignificante.

Ele se lembra de quando conheceu Cole Bannen.

Diego estava em uma situação ruim e um encontro casual com o padre salvou sua vida. Ele não costumava ficar pensando em coisas hipotéticas, mas essa foi uma dessas vezes.

Como minha vida teria sido diferente se eu nunca tivesse conhecido Cole?

Era impossível saber.

Mas... *melhor?*

Talvez...?

Provavelmente não.

Apesar da insanidade que sofreram nos últimos nove ou dez anos, oito dos quais Cole esteve preso, o lugar onde Diego cresceu não era exatamente uma comunidade hippie.

Orfanato Sagrado Coração.

Era um lugar terrível. Um ímã para coisas estranhas acontecerem e crianças desaparecerem. Mas, na maior parte do tempo, Diego conseguia ficar longe de problemas.

Até o dia em que o padre Cole Bannen veio visitá-la.

Espere... o que é isso? Um flashback dentro de um flashback?

Ora, é exatamente disso que se trata...

De acordo com as poucas pessoas que Diego conheceu que estiveram em ambos, viver em um orfanato é muito parecido com viver em uma prisão.

E as regras são as mesmas: mantenha a cabeça baixa, não mude o canal de TV sem pedir permissão primeiro e, se alguém mexer com você, mexa com ele de volta.

Felizmente, essas regras têm pouco impacto na vida de Diego, pois ele é praticamente deixado em paz.

"Ei, você sabe dirigir?"

Diego continua caminhando, de cabeça baixa, como tem feito desde que chegou ao Orfanato Sagrado Coração, aos quatorze anos de idade.

"Ei, Danny, você sabe dirigir?"

Diego para quando alguém agarra seu ombro. O garoto é pelo menos um metro mais alto do que ele e tem o rosto cheio de acne.

Diego sabe quem ele é: Ethan Pinker, um garoto dois anos mais novo que ele. Ethan é apenas um dos mencionados acima que viveu tanto em uma prisão quanto em um orfanato. De fato, Diego está bastante confiante de que ele divide seu tempo entre o reformatório e o Sacred Heart.

"Meu nome não é Danny, é Diego."

"Certo, tanto faz." Atrás de Ethan estão dois outros rapazes, seus capangas. Seus nomes não são importantes - confie em mim, eles são apenas recortes de papelão. "Bem, você sabe dirigir?"

Diego *sabe* dirigir - ele acabou de tirar a carteira de motorista. Não há muitas coisas das quais ele se orgulha na vida, mas tirar a carteira de motorista é uma delas. Não é um feito histórico de forma alguma, mas exige esforço e perseverança... especialmente para alguém sem carro e sem dinheiro.

Ele deveria ter dito *não*, mas o orgulho tem um jeito de mascarar o bom senso.

"Sim, eu sei."

Um sorriso lascivo se forma no rosto cheio de espinhas de Ethan.

"Ótimo, então venha conosco."

Diego olha para Ethan e para o corredor, tentando descobrir uma maneira de sair desse cenário em que ele se meteu.

"Sinto muito, preciso ir. Eu preciso..."

Ethan ainda está segurando seu braço e o aperta com força.

"O que você *precisa* fazer é vir conosco." Seu sorriso ganha proporções de Cheshire. "Ei, não fique preocupado. Só estamos indo fazer um lanche. *Não é verdade, rapazes?*"

Tecnicamente, Ethan não havia mentido. Eles estavam fazendo um lanche.

Um lanche na hamburgueria local, nada menos que isso.

O que Ethan deixou de mencionar, no entanto, é que ele não tem intenção de pagar por esse lanche. E que esse lanche deve ser acompanhado de tudo o que estiver na caixa registradora.

Mas Diego não sabe disso até vários minutos depois.

"Fique aqui, mantenha o motor ligado", diz Ethan. Um dos outros garotos ri e os três saem do carro.

"Quero um cheeseburger".

Ethan já se foi.

Diego observa os três pela janela de vidro. A princípio, tudo parece normal. Os três brincando, rindo, provocando a garota bonita atrás do balcão. Pedindo comida, provavelmente.

Mas a jovialidade termina assim que a caixa vira as costas para gritar o pedido.

Ethan tira uma faca do bolso e se inclina sobre o balcão.

Não é como se Diego estivesse se aproximando deles. Afinal de contas, o carro, que Ethan afirma pertencer a ele, apesar de ser jovem demais para ter carteira de motorista e claramente não ter a menor ideia de como dirigi-lo, range alto se você sequer deslocar seu peso em um dos assentos.

Sair e fechar a porta é como usar um megafone para anunciar sua presença.

Diego não está pensando, ele está apenas agindo por instinto. E os meninos não percebem até que seja tarde demais.

O roubo provocou algo nele, um desejo irresistível de vingança.

O motivo pelo qual Diego está morando no Sacred Heart é o resultado de um roubo semelhante.

Seus pais eram donos de uma pequena loja de artigos de luxo nos arredores de Albuquerque. Um dia, dois homens de paletó entram e começam a assediar a mãe de Diego. Seu pai se ofende e começa uma briga.

Uma arma dispara duas vezes, cada bala encontrando seu lugar no peito de seus pais. Pelo menos é isso que a polícia diz a ele quando o busca na escola.

"Eu disse para você esperar no carro, Danny", repete Ethan, finalmente percebendo a presença de Diego.

"Espere na porra do carro!", diz um dos outros rapazes.

Em todos os outros dias, Diego é um garoto pequeno, tímido e não violento.

Hoje não.

Ele ataca.

Ele também desmaia.

A próxima coisa que Diego percebe conscientemente é que está sentado no carro amarelo roubado, com as mãos cobertas de sangue. Ele só descobre mais tarde que, embora a maior parte da substância vermelha pegajosa pertença a Ethan e seus amigos, parte é sua: durante a briga, seu antebraço foi cortado com uma faca.

Diego volta direto para o orfanato e, exausto de sua experiência de fuga, vai para a cama sem sequer se limpar.

Não há fechaduras nas portas do Orfanato Sacred Heart. Alguns dos meninos montaram um mecanismo que dificulta a abertura da porta, mas Diego nunca sentiu essa necessidade.

A força das batidas em sua porta agora o faz suspeitar que, mesmo que ela tivesse uma fechadura, não teria muita chance.

É o Ethan, vindo para se vingar.

"Diego Cervante?"

Não é o Ethan.

Diego se levanta e vê seus braços, ainda cobertos de sangue.

Merda.

Ele quer fugir, mas não tem para onde ir.

As batidas na porta se intensificam e a madeira barata se curva para dentro.

"Diego, abra a porta."

Então, ele o faz.

É um policial, um policial grande e gordo com bigode. Atrás dele está Ethan.

O rosto do garoto é uma bagunça roxa e inchada. Ambas as narinas estão cobertas de sangue em crosta.

"Diego Cervante?"

Diego noids.

"Você agrediu esse garoto?"

Agredi-lo? Não, eu impedi um roubo. Impedi que o Ethan roubasse uma lanchonete familiar de hambúrgueres e batatas fritas, foi o que eu fiz.

Diego não diz nada.

Embora Ethan tenha um histórico de problemas com a lei, ele é branco.

Diego não é.

"Tudo bem, você vem comigo."

O policial entra no quarto de Diego e o vira de um lado para o outro. Uma algema é colocada em seu pulso quando uma terceira voz entra na briga.

"Ei, o que está acontecendo aqui?"

No corredor, está um jovem padre com barba curta e cabelo repartido para um lado. Diego nunca o viu antes, mas se lembra vagamente do diretor mencionando algo sobre a visita de um padre.

Eles devem se comportar da melhor maneira possível.

Ops.

"Pai?" O policial disse.

"O que está acontecendo aqui?"

Apesar de ser muito menor do que o policial, o padre exala um grau excessivo de autoridade.

O oficial é obrigado a responder.

"Esse garoto, Diego, agrediu Ethan hoje cedo".

O padre fica olhando atentamente para Diego por uns três segundos.

Em seguida, ele balança a cabeça.

"Isso é impossível."

"Desculpe-me?"

O padre se aproxima de Diego e aponta para a algema. O policial a retira sem questionar.

"É impossível que esse homem tenha agredido alguém hoje cedo."

"E por que isso acontece?"

"Porque ele estava comigo."

"O quê?" Ethan reclama. "Olhe para a porra das mãos dele!"

O padre casualmente leva os braços de Diego para trás das costas, escondendo as manchas.

"É do vinho da comunhão. Tivemos um pequeno derramamento".

Ethan quer se intrometer novamente, mas sabe que está sendo encurralado.

O que ele deve dizer? Admitir a tentativa de roubo? O que a moça atrás do balcão dirá aos policiais se for entrevistada?

Certamente, ela apoiará o lado de Diego na história.

"É isso mesmo, Diego? Você estava com o padre Bannen?"

Bastava um aceno de cabeça e pronto.

"Ele está mentindo!" Ethan sibila.

"O padre está mentindo?", pergunta o policial.

"Não, o Danny é! Quero dizer, o padre é... eu... eu..."

O policial agarra o bíceps de Ethan e o puxa à força para fora do quarto de Diego.

"Vamos lá, vamos conversar, você e eu".

Enquanto é arrastado para longe, Ethan atira em Diego.

"Obrigado", diz Diego ao padre quando finalmente estão sozinhos.

"Não mencione isso."

O jovem padre começa a se dirigir à porta e depois para.

"Você vem?"

"Vindo... para onde?"

"Bem, ouvi dizer que você é motorista", disse o padre com um sorriso malicioso. "O que você sabe? Estou procurando alguém para me levar. A menos, é claro, que você queira ficar por aqui."

O rosto de Ethan, cheio de raiva, aparece na mente de Diego.

Ele pode ter batido no garoto uma vez, mas é altamente improvável que o faça novamente.

"Eu... você sabe o quê?" Diego agarra a cruz que está pendurada em seu pescoço. Foi um presente de sua mãe - ela o deu de aniversário cerca de seis meses antes de ela ser morta. "Eu posso dirigir." Diego tira as chaves do carro de "Ethan" do bolso. "Meu carro ou o seu?"

O padre dá uma risadinha.

"Não tenho um - então, é seu."

"Mas que porra é essa?"

O grito é quase inaudível por causa do eco do tiro.

Infelizmente, o grito de pura agonia que se segue é ouvido em alto e bom som.

Episódio 18: Todos os becos da cidade de Nova York têm cheiro de xixi

Diego cai no mesmo momento em que o tiro é disparado e, por um segundo agonizante, acho que Max cometeu um erro.

Acho que ele atirou em Diego em vez do policial.

Mas então o policial grita e cai ao lado de Diego. Sua arma cai de sua mão e ele agarra seu pé enquanto continua a se lamentar.

O sangue escorre entre seus dedos.

Corro para Diego enquanto Max se abaixa e pega a arma do policial. Ele inspeciona a pistola com um mínimo de interesse e a coloca em seu cinto.

"Você está bem?" Pergunto a Diego. Ele não responde, então dou tapinhas em seu corpo, procurando por ferimentos.

Não consigo encontrar nenhum.

"Eu vou matar você, *padre*", sibila o policial. O cuspe espumoso cobre seus lábios pálidos.

"Que diabos eu fiz? Quem é você, afinal?"

Sinto uma mão em meu ombro e me arrepio.

É o Cody.

O homem me solta e coloca uma mecha de cabelo grisalho atrás da orelha. Em seguida, ele acena com um movimento universal de "*dê-me isso*".

Demoro alguns segundos para descobrir o que ele quer. E quando percebo, não hesito. Estendo as contas anais e Cody as pega. No último segundo, porém, eu me recuso a soltá-las. Os olhos escuros de Cody olham para baixo e ele vê algo que prende seu olhar: as três linhas, as marcas de possessão, o tridente do demônio, em meu pulso.

Eu o soltei, mas não rápido o suficiente.

"Só os dois do final", digo depois de limpar a garganta e esconder o braço atrás das costas. "Você pode ficar com os dois com os demônios dentro, mas eu preciso do resto."

Mais uma vez, fico impressionado com o quão bizarras são as palavras que saem de minha boca.

Por favor, homem de cabelos grisalhos vestindo um terno e empunhando uma espada de samurai, preciso manter pelo menos algumas de minhas contas anais. Para salvar minha reputação - você entende, é claro.

Cody levanta uma sobranceira, mas obedece, usando sua espada para cortar habilmente as duas últimas bolas, as que contêm as almas demoníacas em redemoinho. Ele faz isso com a lâmina longa ainda coberta de sangue negro, como se estivesse cortando uma maçã com

uma faca.

Ele joga as bolas não utilizadas de volta para mim e eu me certifico de pegá-las com a mão presa ao braço que não tem a cicatriz do tridente do demônio.

"Vejo você em breve, padre."

Cody mantém meu olhar fixo por mais tempo do que seria confortável.

Oh, ele viu essas marcas, sem dúvida. Se ele sabe ou não o que elas significam é outra história.

"Pai?"

Diego está olhando para mim agora, com os olhos arregalados e molhados.

"Sim", respondo suavemente.

"Achei que estava morto."

"Você está bem." Estou surpreso com o alívio que ouço em minha voz. "Você está bem, Diego."

"Vá se foder!"

O policial... Eu me esqueci do maldito policial.

Ele está segurando o pé com as duas mãos e o sangue está escorrendo para o chão.

Inicialmente, fiquei curioso para saber por que ele não pegou o rádio em seu ombro para fazer a ligação, mas então vi que ele estava usando um uniforme da polícia de Albuquerque.

Ele está fora de sua jurisdição.

Ele também está fora de si.

"O que vamos fazer com o policial?" Diego pergunta enquanto eu o ajudo a se levantar.

Não tenho certeza. Deixá-lo aqui, sangrando de um ferimento que provavelmente não é fatal, parece cruel. Mas lembro a mim mesmo que momentos atrás esse homem tinha uma arma apontada para a cabeça de Diego e estava ameaçando atirar no meu pipi.

Acredite ou não, eu gosto muito do meu xixi. Assim como vários outros que estão atualmente atrás das grades.

Mas essa é uma história para outro dia.

Deixe-me pegá-lo. Deixe-me testá-lo.

Por falar em mijões, Merzoth está de volta.

Deixe-me comer sua alma, padre. Ele é como Benoit; não é um bom homem.

Sei que isso é verdade, mas já vi derramamento de sangue suficiente para durar... bem, mais uma hora, pelo menos.

Um dos tentáculos negros e tenebrosos que Cody separou do homem morto reanimado treme e eu o chuto. As farpas se retraem e ele fica imóvel.

"Nada", digo a Diego. "Vamos deixá-lo aqui. Venha, vamos sair

deste lugar. Está fedendo."

"Eu vou encontrá-lo, padre. Eu vou vir atrás de você, porra!" A boca do policial está tão apertada quanto um idiota, tornando suas palavras difíceis de entender.

Ainda assim, entendi a essência.

Eu não olho para trás.

"Entre na fila, amigo. Entre na fila."

Diego diz que não tem problemas para dirigir, então eu deixo. Afinal de contas, ele está fazendo isso há tanto tempo que é uma segunda natureza para ele. Quanto maior a distância que nos separa do policial psicótico, mais percebo que não sou eu quem cheira mal, apesar da merda que ainda cobre meus braços e meu rosto - consigo tirar um pouco do sangue de demônio com lenços umedecidos que encontro no porta-luvas, mas uma cheirada cautelosa de um deles surpreendentemente não induz ao vômito.

Era o policial.

Você deveria ter me deixado comê-lo.

"Cale a boca, Merzoth. Você foi muito bom. Você quase deixou aquela coisa com tentáculos nos matar."

Diego deve estar se acostumando a ouvir conversas unilaterais, porque ele não pisca um olho. Ou talvez ele esteja reconsiderando sua decisão de ficar comigo.

Eu não o culpo.

Eu poderia tê-lo levado. Você apenas me impediu.

"Mentiroso."

Merzoth não discute.

Nós dois sabemos que, se Max e Cody não tivessem aparecido, seríamos alimento para demônios.

Que porra aconteceu lá atrás, afinal? Você disse que eles não podiam nos machucar. Você disse que os demônios não podem nos tocar fisicamente.

Imagino a stripper que arranhou meu rosto, o qual espero que não tenha sido infectado pelo sangue de demônio que definitivamente entrou no corte.

Merzoth?

O demônio ronrona.

Acho que... acho que eles estão ficando mais fortes.

Eles? Não nós?

Como assim, está ficando mais forte? Aquela coisa gorda era forte como o inferno. E você pegou Davey Scump pela garganta. Não é pouca coisa.

Imagino Davey e como ele estava irritado com nosso último

encontro. Será que ele poderia ter colocado o policial atrás de mim?

Hmm... Eu nunca consegui tocar em ninguém antes. Só consigo fazer com que o hospedeiro faça coisas... às vezes com um pouco mais de... entusiasmo... do que ele está acostumado. Sem um hospedeiro, só posso possuir outro. Não posso - ou não poderia - machucar fisicamente ninguém.

As palavras de Merzoth me fazem estremecer.

Anfitrião. É só isso que sou para você?

Merzoth me ignora.

Acho que as coisas estão mudando. Acho que as paredes entre o seu mundo e o nosso estão ficando mais finas.

Eu ri alto. Sei que não deveria, sei que rir agora vai deixar Diego ainda mais chateado, mas não consigo evitar.

Você tem lido muito Harry Potter, meu rapaz. As paredes entre nossos mundos...

Eu ri de novo.

Então, sinto aquela pressão familiar atrás dos olhos e minha visão fica vermelha.

Caramba, odeio quando Merzoth faz isso - me envia visões ou memórias ou o que quer que seja.

Estou de volta ao Inferno, testemunhando o nascimento daquelas coisas voadoras da buceta escancarada do demônio.

Não tenho mais vontade de rir.

Embora minha experiência com o Inferno seja reconhecidamente limitada, parecia que eles estavam se preparando para algo.

E não estamos falando do quinquagésimo aniversário de alguém aqui. Isso não é uma celebração da vida.

Há alguns dias, eu não acreditava em demônios. Agora, tenho um preso dentro da minha cabeça. E, aparentemente, os demônios que costumavam **somente** influenciar nossas almas, agora podem criar tentáculos a partir de cadáveres, andar nus por um corredor e **quase** nos eviscerar.

"Bem, o que quer que esteja acontecendo, vamos deixar isso para os profissionais, certo?"

Eu vejo uma imagem dos irmãos caçadores de demônios em minha mente.

Aqueles que pegam almas e as vendem para senhoras idosas em uma lavanderia.

Mas que porra é essa?

"Cole?" Diego pergunta.

Tiro esses pensamentos aleatórios da minha cabeça.

"Sim?"

"Para onde estamos indo?"

Eu me surpreendo ao responder sem hesitar.

"Precisamos terminar o que viemos fazer aqui. Continuamos em Nova York e salvamos a Amy."

O apartamento que corresponde ao endereço que Merzoth havia arrancado de Davey Scump era, de certa forma, ainda mais nojento do que a casa em que eu havia encontrado Amy pela primeira vez.

Em Albuquerque, a casa de Yadier Garcia estava em ruínas, mas pelo lado de fora, parecia normal. O quarto em que eu havia encontrado Amy, com o balde de merda e o colchão manchado, era uma história diferente, mas a parte externa era boa. Não era assim aqui, em Nova York.

Para ser justo, a maioria dos lugares na cidade de Nova York que não valem dezenas de milhões de dólares parecem buracos. E esse não é exceção.

A passarela de cimento em ruínas que leva ao prédio cinza está repleta de garrafas quebradas e seringas usadas.

Só de olhar para essa bagunça, fico com medo de contrair uma DST.

Instruo Diego a estacionar do outro lado da rua e a permanecer no carro. Ele atende à minha primeira solicitação, mas educadamente recusa a segunda.

Faz sentido.

As experiências de Diego quando lhe foi dito para "ficar no carro" não funcionaram muito bem para ele no passado.

Ele me segue até a rua, e eu levanto o pescoço para contar até o quarto andar. Apartamento 409, é onde Davey disse que Yadier mora. É impossível saber se o apartamento de frente para a rua é o deles - o vidro está muito manchado para que se possa vislumbrar o que há lá dentro -, mas imagino que seja.

Também imagino Amy deitada em sua própria sujeira e quero correr o risco de contrair HIV simplesmente subindo os degraus da frente e chutando a porta.

Eu me detenho.

Apesar de minha última briga com Yadier Garcia ter ocorrido há oito longos anos, ela ainda está fresca em minha mente.

O homem tem mãos como blocos de concreto. Ah, e eu vi o tridente em seu pulso. Na época, eu não sabia o que significava, mas agora sei.

As paredes entre nossos mundos estão se diluindo.

Há também a reivindicação de Merzoth a ser considerada.

Portanto, o combate corpo a corpo não me parece uma boa ideia desta vez.

Outro estremecimento sacode meu corpo.

"O senhor está bem, pai?"

"Estou bem", digo um pouco na defensiva. "E você poderia, por favor, parar de me chamar assim?"

Minha voz é áspera, mas estou cansado e frustrado.

Enfio a mão no bolso enquanto me esgueiro lentamente pela lateral do prédio e acaricio nervosamente as pérolas anais.

Merzoth é forte, não há dúvida disso. Ele lidou com o musculoso Davey Scump com pouco esforço. Ele também despachou o demônio stripper gostoso.

Mas aquele filho da puta com tentáculos klingon?

Merzoth não fez nada contra aquela coisa.

E eu tenho uma suspeita de que Yadier é ainda mais poderoso do que o homem gordo nu. Tipo, dez vezes mais...

Como se meus pensamentos tivessem, de alguma forma, convocado uma dessas criaturas - himen - paredes finas entre mundos e tudo o mais - um demônio salta das sombras e suas mãos, longas e enrugadas, agarram a frente da minha camisa.

A coisa é fina e resistente, mas fui pego completamente de surpresa. Caio para trás e ela cai em cima de mim.

"Ele vai pegar você. Ele está abrindo a porta, e eles estão entrando. Todos eles estão entrando."

Estou tão apavorado que não consigo nem pensar em chamar o Merzoth. Sinto a parte da frente da calça molhada quando minha bexiga decide que este é o melhor momento para se esvaziar.

É isso, estou morto. Estou morto, porra.

O demônio se aproxima. Seu hálito é pútrido e seus dentes, apenas um punhado de pontas marrons, rangem enquanto ele fala.

"Eles vão comer você primeiro, *padre*".

Meu estômago se revira e eu engasgo.

"Pai!"

Diego chuta o demônio nas costelas, e ele rola para fora de mim, ofegando por ar.

A raiva substitui o desgosto.

Eu me levanto, tirando as contas anais do meu bolso ao mesmo tempo. Em seguida, dou uma joelhada na espinha do demônio.

Ele rosna quando enrolo o brinquedo sexual em sua garganta e seguro uma bola de cada extremidade em minhas mãos.

Com um grunhido meu, recuo. A coluna vertebral do demônio se arqueia.

Merzoth está dentro de minha cabeça - eu o sinto, mas ele não assume o controle.

Ele sabe o que está acontecendo, no entanto, e está adorando essa merda - o maldito demônio está se aproximando da minha mente.

Estou puxando com tanta força agora que meus antebraços começam a doer. O demônio desiste de tentar abrir espaço entre as

contas e sua garganta e recorre apenas a arranhá-las com unhas irregulares.

Mas esse é um brinquedo de alta qualidade para fins sexuais.

Assim como o usuário, eles foram projetados para resistir a abusos.

"Qual é a palavra segura, demônio?" Eu me ouço dizer, embora a voz que uso seja uma estranha mistura da minha com a de Merzoth.

Algo bate em meu ombro, mas estou tão concentrado que mal percebo. O demônio para de coçar e suas mãos caem frouxas ao lado do corpo, com as palmas para cima.

"Cole!"

Ouçõ meu nome, mas continuo sem reagir.

"*Cole!*" Mais alto dessa vez e acompanhado de outro golpe em meu ombro.

É o Diego e ele não parece mais ter medo.

Ele parece chocado.

"Não é um demônio!"

Eu pisco os olhos.

"O quê?"

"Olhe para os pulsos dele! Não é um demônio, é apenas um vagabundo!"

Deixo meus olhos caírem para os braços do homem. Ambos estão cheios de feridas e cicatrizes causadas pelo uso de drogas intravenosas, mas não consigo ver um tridente.

"Que porra é essa?"

Solto um lado das contas e o rosto do homem se choca contra a calçada. Em seguida, procuro desesperadamente em seus braços e mãos a marca da possessão.

"Que merda!"

Não está aqui.

Eu me arrasto para fora do homem e me afasto para trás.

Diego imediatamente rola o vagabundo para as costas e pressiona dois dedos na lateral de sua garganta vermelha e crua.

Quero que ele suspire e diga: "Ele está respirando, vai ficar bem".

Mas ele não o faz.

Em vez disso, Diego abaixa seu ouvido até a boca ensanguentada do homem e escuta.

Por favor... por favor...

Conto meus batimentos cardíacos. Aos sete, Diego levanta a cabeça para trás.

Seus olhos estão cheios de lágrimas.

"Ele está vivo. Cole, ele está vivo - mal, mas está vivo."

Eu dou um grande suspiro de alívio. Se eu ainda tiver uma alma, se Merzoth não a tiver amaldiçoado ou usado toda ou qualquer outra coisa, tenho certeza de que acabei de exalá-la.

Mas, então, penso em como acabei de perder total e absolutamente o controle.

Dessa vez, Merzoth não teve nada a ver com isso.

Recuo um pouco mais, sentindo o assento da minha calça raspar em pedaços de vidro quebrado.

"Está me ouvindo, Cole? Ele está vivo."

Cheirei uma vez e depois enruguei o nariz.

Não há tempo para isso.

Não há tempo para piedade.

"Vamos dar o fora daqui. Está fedendo a mijo."

Estou apenas tangencialmente ciente do fato de que contribuí pessoalmente para esse odor enquanto corro de volta para o carro.

No banco do passageiro, pego imediatamente a garrafa de uísque e bebo. Não sobrou muito, mas isso acalma meus nervos.

Mas então eu me lembro do que o homem - não o demônio, mas o *maldito* homem - disse e eu perco o controle novamente.

Ele vai pegar você. Ele está abrindo a porta, e eles estão entrando. Todos eles estão entrando. Eles vão comer você primeiro, padre.

Alguma coisa está acontecendo. Paredes finas, membranas derretendo, hímens estourando, o que quer que seja, algo *ruim* está acontecendo.

O inferno e a terra estão se fundindo.

Não no sentido metafórico, não no sentido de "Ah, você ainda queima combustíveis fósseis". Não no sentido de "Oh, você gosta de comprar camisetas de um dólar no Walmart sabendo que as crianças que as fizeram estão sendo exploradas"? E definitivamente não no sentido de "Oh, como assim você não vai usar meus pronomes preferidos? Sim, eles são 'zim, zimminy, zey, them, us', mas você se *recusa* a usá-los?

Você é *Satanás*.

Estou falando de um verdadeiro inferno aqui - estou falando de ver Lizzo nua fazendo calistenia com aqueles calibradores de olho que tinham em *Laranja Mecânica*.

Esvazio o que resta da garrafa e a jogo no chão enquanto Diego desliza para trás do volante.

O que quer que esteja acontecendo, está ocorrendo aqui mesmo, no quarto andar, acima de um beco que cheira a mijo, merda e gonorreia.

Não é a atmosfera mais ideal para o marco zero do apocalipse, mas também é, de certa forma, adequada.

Anteriormente, eu havia dito a Merzoth que deveríamos deixar o trabalho pesado para os profissionais.

Mas isso foi só da boca para fora.

Isso depende de mim.

E não tenho a menor ideia do que fazer.

Tipo, *nenhum*.

Tiro um cigarro do bolso e o acendo.

Exceto pela bebida.

"Diego, leve-me a uma loja de bebidas."

Todas as minhas melhores ideias surgem quando estou bêbado.

Lembra-se daquela vez em que bebi dois litros de tequila e tentei dizer a um membro da máfia sérvia que ele precisava começar a fazer jejum intermitente?

Uma ideia fantástica. Uma ideia que levou a quase três mil dólares de trabalho odontológico de emergência.

Ah, uma história para outro dia.

Vamos torcer para que a Terra ainda tenha um giro preguiçoso para eu contar.

Episódio 19: Episódio de preenchimento. Give Me a Break, Every Show Has One

Eu já sei o que você vai dizer, então não diga.

Não diga isso.

Mas se o fizerem, se disserem: *"Por que diabos o senhor, padre Cole Bannen, vai a um bar para ficar com cara de bosta quando Amy provavelmente está sendo abusada e o Céu e o Inferno e a Terra e blá, blá, blá"*, então eu, bom senhor ou senhora, respondo com duas palavras. Agora, você pode pegar essas duas palavras e reorganizá-las na ordem que quiser.

Não me importo.

As duas palavras que seleciono de um total de cerca de 1 milhão de opções que tenho à minha disposição são: *fuck* e *you*.

Não gosta de minha bebida? Bem, que tal o meio maço de cigarros que acabei de fumar? Aposto que isso faz com que seu idiota vegano, paleo e bebedor de kombuchá se enrugue, não é mesmo?

Sua única graça salvadora é que Diego compartilha de seu sentimento. Percebo isso pelo modo como ele está me olhando. Ele também está bebendo, mais do que estou acostumado a vê-lo beber, mas não está ficando tão bêbado como eu.

Nem todo mundo pode ser um cão alfa.

"O que você quer que eu faça, Diego? Se qualquer outra pessoa estivesse em meu lugar, ou perderia a cabeça ou faria isso o dia todo, todos os dias." Levanto meu drinque, uma dose pesada de bourbon com quatro dedos. Sacudo o copo e um pouco do líquido marrom respinga nas costas da minha mão.

Eu a sorvo sem pensar em onde essa mão esteve e com o que ela entrou em contato nos últimos dias.

"Não sei o que fazer, Cole. Mas temos que fazer alguma coisa."

Franzo a testa e acendo outro cigarro.

"Pai, como já lhe disse uma dúzia de vezes, você não pode fumar aqui."

Finjo não ouvir o barman e dou uma tragada forte. Uma fumaça espessa envolve todas as nossas cabeças como uma auréola cancerígena.

Isso não é bem visto.

O barman estende a mão e agarra a minha mão, segurando a bebida.

"Vou ter que lhe pedir que saia, pai. Sinto muito, mas..."

Eu o encaro. Agora, não sou muito de olhar fixo, se é que isso

existe. Normalmente, sou mais do tipo pensativo.

Mas eu mudei. Não tenho certeza se é o álcool ou o fato de estar possuído por um demônio que está me dando essa força recém-descoberta. Não, força não é a palavra certa.

Atitude - é mais como uma atitude.

E funciona. O barman solta meu braço como se ele estivesse escaldando.

"Sinto muito, é que...", ele gagueja.

Minha mente se volta para o vagabundo no beco, para o modo como ele se inclinou para perto de mim e sua halitose absolutamente fétida se espalhou pelo meu nariz e pela minha boca. A atitude pode ser útil para brigas de vagabundos e ataques de demônios, mas não é a jogada certa aqui.

"A culpa é minha, me desculpe." Bebo o resto da minha bebida, olho para Diego, e meu braço direito acena com a cabeça e termina sua cerveja. Joguei uma nota de vinte no balcão, reconsiderarei e acrescentarei outra nota, totalizando quarenta.

Do lado de fora, aproveito o resto do meu cigarro enquanto mexo no meu isqueiro *Fuck Theocracy*.

O que isso significa?

Um governo dirigido por padres e freiras?

Não consigo fazer nada. Minha vida está uma bagunça total. Tenho 99% de certeza de que sou louco e o último 1% tem cromossomos demais, ou de menos, para me fazer bem.

Atiro o isqueiro para Diego e ele o pega desajeitadamente contra o peito. Sabe aquelas vezes em que você está super bêbado e simplesmente se pendura no seu amigo e diz o quanto o ama?

Esse é um desses momentos. Acho que estou sendo atencioso e cuidadoso. Generoso, até.

Eu não sou, mas o Diego me faz a vontade.

Que porra ele quer com um isqueiro? O homem nem sequer fuma.

"Obrigado... eu acho."

Diego me leva até o carro e me coloca no banco de trás. Deito-me e inspeciono o teto desgastado enquanto continuo fumando.

"Você pode ir, sabe. Não precisa ficar aqui."

Diego não diz nada enquanto eu continuo olhando para o teto.

Isso é perigoso - eu sei que é perigoso. Sei que ficar bêbado é exatamente o que Merzoth quer que eu faça para que ele possa assumir o controle. Mas uma parte de mim não se importa. Porque uma parte de mim sabe que tudo isso acabará em breve. Para mim, para o Diego, para o Merzoth, para todo mundo.

E se o demônio decidir enfiar a mão na minha bunda e me fazer de ventríloquo pela cidade, pelo menos estarei fazendo *alguma coisa*.

Neste momento, estou apenas... estou apenas...

O cigarro cai da minha mão e cai na minha camisa.
Eu nem percebo porque estou morto.
Morto de sono.

Palavreado.

Um absurdo absoluto.

Diego já tinha visto seu amigo bêbado antes - muitas vezes -, mas isso é um nível superior.

Cole não está fazendo o menor sentido. E me dando o isqueiro dele? Por quê?

Diego não fuma - ele nunca fumou. Ele não usa isqueiro.

Cole acha que passar esse item de grande valor pessoal para ele é um gesto grandioso, mas Diego não entende isso.

Cole está passando por muita coisa, não há como negar. Ele tem um demônio na cabeça - por mais absurdo que isso pareça, Diego não duvida disso nem por um momento.

Cole sempre teve demônios em sua cabeça.

Diego estende a mão para trás e pega a ponta do cigarro que está começando a queimar um buraco na camisa do padre.

Ele a joga pela janela e liga o carro, com a intenção de voltar para o apartamento.

Diego nunca chega tão longe.

Ele está talvez no meio do caminho entre o bar e o apartamento quando a vê. Mesmo que ela não seja mais uma pré-adolescente e tenha crescido consideravelmente desde aquele dia na *casa de Denise*, que mudou a vida de todos eles, Diego sabe que é ela.

Amy Garcia tem o mesmo rosto redondo, os mesmos olhos assustados, as mesmas feições pálidas. Ela está fumando seu próprio cigarro e caminha rapidamente pela rua vazia. Atrás dela está outra garota, mais ou menos da idade de Amy, usando uma saia preta justa e um top branco. Ela também está fumando.

Diego corta as luzes e os segue a uma distância segura para evitar ser visto.

"Cole", ele diz com o canto da boca. Não há necessidade de sussurrar - Amy e sua amiga estão a um bom quarteirão, quarteirão e meio de distância e, mesmo com a janela aberta, é improvável que qualquer uma delas consiga ouvir alguma coisa.

Ainda assim, Diego não está se arriscando.

"Cole, acorde."

O padre gagueja, resfolega e rola para o lado, mas seus olhos permanecem fechados.

Diego observa as garotas rindo enquanto caminham, Amy dando um empurrãozinho brincalhão em sua amiga. Ele começa a pensar que

talvez Davey Scump tenha cometido um erro.

Talvez o endereço que Cole forçou o segurança a dizer não seja o de Yadier Garcia, mas o de sua filha.

As duas garotas chegam ao apartamento e sobem as escadas.

Ali, elas param. Amy empurra a amiga contra a porta e a beija com paixão na boca.

A garota está empenhada nisso, apertando a cintura de Amy e puxando-a para mais perto.

Diego desvia o olhar, sentindo vibrações assustadoras. Quando ele olha para trás, o abraço sensual já terminou e Amy está conduzindo a amiga para dentro do prédio, olhando furtivamente ao redor antes de fechar a porta atrás delas. Por um breve momento, o coração de Diego para quando ele pensa que seus olhos se encontram.

É claro que não, mas essa aparência...

Amy ainda é a mesma garotinha assustada de oito anos atrás.

Ele esperava silenciosamente que, apesar da vizinhança difícil, Amy tivesse conseguido, de alguma forma, organizar sua vida.

Esse claramente não é o caso.

"Cole!"

O padre grunhe.

Diego pega uma Redbull aberta no assoalho do lado do passageiro. Ela está noventa por cento vazia e o que sobrou está vazio e quente.

Ele bebe mesmo assim.

Por uns bons dez minutos, nada acontece.

E então ele vê as janelas voltadas para a rua no quarto andar se curvarem para fora e ouve um estrondo.

Está muito escuro para entender exatamente o que está acontecendo, mas Diego tem uma ideia.

Uma ideia que é fortalecida pela visão do sangue.

Ele vê uma silhueta pressionada contra o vidro, uma forma feminina, que depois é obscurecida por um jato de sangue.

Diego suspira.

Há muito disso. *Tanto* sangue.

A figura está agora completamente bloqueada pelo líquido escuro que obscurece toda a visão do interior do apartamento.

Isso é seguido por um uivo de arrepiar os ossos, humano ou demoníaco - ele não sabe dizer.

Diego congela enquanto a noite fica silenciosa.

Por uns bons dez minutos, ele não ouve nada.

Em seguida, a porta da frente do apartamento se abre e Amy sai a passos largos.

No início, Diego fica aliviado ao vê-la, ao ver que ela está bem. Então, as implicações do que acabou de acontecer começam a se aninhar em seu cérebro.

E quando um isqueiro ilumina o rosto da jovem enquanto ela acende um cigarro novo, Diego percebe que há sangue em seu queixo e pescoço.

O que diabos está acontecendo? Em nome de Deus, o que está acontecendo?

Mas Deus não tem nada a ver com isso.

Esse é o trabalho de Satanás.

Amy termina de fumar e volta para dentro.

Só então o Diego se torna consciente.

Ele se inclina sobre o banco traseiro e sacode Cole.

Como quando ele chamou o padre, o homem reagiu apenas com funções corporais rudimentares.

Um arrote, talvez um peido.

"Cole!" Diego grita, não mais preocupado em ser ouvido. Ele agarra Cole pelos dois ombros e o sacode com tanta força que a cabeça dele balança em seu pescoço.

Finalmente, os olhos vermelhos de Cole se abriram.

Demora mais cinco segundos para que suas pupilas se concentrem em Diego.

"Mãe? Que diabos está acontecendo? Estou atrasado para a escola?"

Diego o sacode novamente, com mais força ainda.

"Diego?"

"Nós..." Diego engole com dificuldade. Sua garganta está tão seca que falar se tornou difícil. Ele pega outro Redbull. Essa está completamente seca, então ele pega uma terceira lata. Ainda há uma boa quantidade nessa lata, então ele a engole. Com a garganta suficientemente hidratada, Diego finalmente consegue dizer as palavras.

"Eu a vi, Cole."

"Vi quem?" Todas as palavras do padre se misturam.

"Amy. Eu vi *a Amy*."

Isso faz com que o homem fique sóbrio. Ele tenta se sentar, mas cambaleia e bate com a cabeça no encosto de um dos assentos.

"Porra! Como assim, você viu *a Amy*?" Cole pergunta novamente.

"Eu a vi", repete Diego.

"Diego, de que diabos você está falando? Por que você não me acordou?"

"Eu tentei! Eu tentei, Cole!"

Os olhos de Cole se estreitam.

"O que você quer dizer com isso? Amy esteve *aqui*?" Ele parece incrédulo e com razão.

Diego balança a cabeça nervosamente.

"Não, não *era*", ele corrige. "Amy *está* aqui. E acho... acho que temos um pequeno problema."

Episódio 20: Esse plano é terrível. Simplesmente *brutal*. Será que esses idiotas vão aprender?

"De que diabos você está falando?" Eu grito. Deve ser a bebida, porque não estou entendendo nada disso.

Amy? Sangue? Lésbicas?

Parece um vídeo do OnlyFans que deu terrivelmente errado.

Os olhos de Diego estão arregalados e ele está divagando agora.

"Eu a vi! Ela trouxe a amiga para dentro e então... e então... havia sangue! Algo aconteceu com ela! Acho que..."

Está claro que Diego não tem certeza do que pensa.

Mas não me importo. Já estou abrindo a porta e começando a sair.

Felizmente, Amy já terminou de fumar e voltou para dentro de casa.

Ou talvez não, felizmente, se o que meu parceiro me disse for verdade.

O que, só para constar, acho que pode ser resultado de uma overdose de sucralose e cafeína.

"O que você está fazendo?" Diego exige, agarrando meu braço.

Eu me libertei e fui para o porta-malas.

"Abra", eu exijo. "Diego, abra o porta-malas."

Ele sai do veículo, mas o porta-malas permanece trancado.

"Diego..."

"Não podemos entrar lá!", ele grita para mim. Posso contar em uma mão quantas vezes o homem realmente levantou a voz.

E para *mim*?

Zero.

"Temos que fazer isso." Eu contraponho seu tom agressivo com uma abordagem muito mais suave. "Diego, nós viemos até aqui... foi para isso que viemos: salvar a Amy. Agora é a nossa chance."

Diego balança a cabeça enquanto eu tento o porta-malas mais uma vez.

"Você não me ouviu? Não acho que é a Amy que precisa ser salva... Acho que temos que salvar os outros *dela*".

Olho fixamente nos olhos de Diego e me lembro de todos aqueles anos atrás.

Eu a salvei.

Salvei Amy e passei oito anos na prisão por causa disso.

Algo não está certo aqui.

Agora, estou balançando a cabeça mais do que o Diego, e ele parece uma daquelas garotas de hula do painel, só que, em vez de acenar com a cabeça, elas discordam de tudo o que você diz.

Como uma mulher de verdade.

"Não, você deve estar enganado. Amy é a *vítima* aqui".

"Estou lhe dizendo, Cole, ela é..."

Diego é interrompido por um flash repentino de luz. Meu primeiro instinto é que se trata de um raio, mas o céu está completamente limpo e sem nuvens.

A luz não está vindo do céu, não é o poder de Deus ou o martelo de Thor ou o pênis poderoso de Zeus ou o que quer que seja, mas o flash se originou de um dos apartamentos do prédio de Amy.

Quer tentar adivinhar de qual apartamento ele veio?

"Diego, preciso que você abra o porta-malas, agora mesmo. Se você..."

Não preciso terminar, porque Diego já está entrando em seu táxi de merda. Ele puxa a alavanca e o porta-malas se abre.

Imediatamente, peguei meu kit: minha Bíblia, minha cruz, a água "benta".

Em seguida, verifico meu bolso para ter certeza de que minhas contas ainda estão lá - as que Cody e Max não pegaram.

Coloco meu roupão e enfio todos os itens nos bolsos. Quando fecho o porta-malas, vejo que Diego não se mexeu.

"Diego?"

"Sinto muito, Cole", diz o homem, baixando os olhos.

"Desculpa pelo quê?"

"Eu não vou entrar lá."

Inclino minha cabeça e respiro fundo. Tudo o que consigo sentir é o gosto de bourbon. Pela primeira vez desde que saí da cadeia, isso não me conforta.

Estendo a mão e coloco uma mão no ombro do meu amigo. Percebo que ele está chorando.

"Está tudo bem, Diego. Eu entendo."

E eu sabia há algum tempo que teria que fazer isso sozinho, eu acho.

Diego acena com a cabeça.

"Obrigado. Obrigado por tudo."

Não consigo abraçá-lo enquanto meus olhos se desviam lentamente para a janela do quarto andar.

Sozinha? Você não está sozinha, gatinha.

Eu grunho.

Vá se danar, Merzoth, agora não é a hora.

O corredor está escuro e a única coisa que consigo ouvir ao me

aproximar do apartamento que Davey Scump me deu é o sangue rugindo em meus ouvidos.

Talvez... talvez essa não seja uma boa ideia.

Mas que merda - eu já lhe disse que nunca tive uma boa ideia na vida. Por que começar agora?

Vou até a porta e pressiono meu ouvido contra ela.

No início, como no corredor, não ouvi nada.

Em seguida, recuo, igualmente assustado com um som e preocupado com a possibilidade de contrair uma infecção grave no ouvido.

Sim, também nunca fui bom em relações de risco/recompensa.

O som que ouço do outro lado da porta é um estranho som de rasgo. A princípio, ele me faz lembrar de alguém rasgando um lençol ao meio.

Em seguida, lembro-me do som de Merzoth tomando conta de meu corpo enquanto consumia a carne daquele pobre viciado no beco.

Devemos voltar.

A voz é familiar, mas as palavras são tão estranhas quando saem com aquele ceceio de língua bifurcada que não consigo acreditar que Merzoth esteja falando - ou melhor, *pensando* - nelas.

Que porra é essa? Você também não.

Merzoth rosna.

Ele é muito forte. Precisamos de um plano melhor.

Faço uma pausa e penso sobre isso.

Que plano?

Discuto tentar a maçaneta da porta primeiro, mas depois decido que a surpresa é a melhor opção - talvez a única.

Eu arrombo a porta.

Não é tão dramático quanto parece ou quanto os filmes fazem parecer.

A porta se estilhaça e cai para dentro, mas as dobradiças estão em um estado tão ruim que a parte superior não se sustenta. Isso faz com que a porta caia de tal forma que não consigo entrar e, em vez disso, tenho que pisar com cuidado sobre a madeira podre.

E então eu a ouço.

Como quando Diego disse que viu Amy andando pela rua e a reconheceu imediatamente, eu me sinto da mesma forma depois de ouvir sua voz.

"Padre Bannen?"

Ela é mais velha, adulta. Cresceu além de sua idade, eu acho.

Mas é ela.

Amy Garcia.

E a maneira como ela está olhando para mim...

O golpe surge do nada, colidindo com a lateral da minha cabeça. É

tão forte que sou lançado para o outro lado do apartamento de merda e bato na parede oposta.

Vejo estrelas e minha mente se entorpece, mas ainda estou com ela o suficiente para tentar me levantar. E eu também teria conseguido, mas então escorrego. O chão aqui está molhado, encharcado de alguma coisa. Minhas palmas deslizam para fora e batem em algo grosso e emborrachado. Pensando que posso usar isso para me levantar, agarro-me a ele.

Uhh, má ideia.

Não é um pedaço de vergalhão perdido. É mole e úmido.

É a porra de um intestino.

Eu grito. Isso tudo é demais.

Atiro o intestino para o lado, mas, de alguma forma, ele gira e me dá um tapa na nuca.

Pelo amor de Deus.

Yadier Garcia sai das sombras e avança. Ao contrário de sua filha, o homem passou por uma mudança quase irreconhecível.

Ele é maior - enorme.

As mãos do homem agora mais parecem marretas e seu peito sem camisa está repleto de veias. Ele é musculoso, sem dúvida, mas sua vascularização é fora de série. Uma série de veias grossas, ousado dizer, do tamanho de um intestino, se espalham entre seus peitorais. Não tenho certeza se é a iluminação ou não, mas essas veias, especialmente onde elas se conectam em um ninho de cobra no centro, parecem estar pulsando em azul.

Yadier está sorrindo.

"Eu sabia que o veria novamente, *padre*." Sua voz é grossa, como molho de carne. Não o bom tipo de molho, não o molho do Samuel L. Jackson, mas um molho cremoso e grumoso que as pessoas com obesidade mórbida gostam de molhar, bem, praticamente toda a sua comida.

Acho que isso faz com que tudo deslize mais facilmente.

Que se dane isso. Merzoth? Lembra quando eu disse, agora não? Bem, agora é a hora. Tipo, agora mesmo.

Silêncio.

Excelente. Muito bom mesmo.

Yadier avança e vejo Amy se encolher atrás dele.

Diego estava certo? Amy é uma alma sombria e perversa como seu pai?

Sacudo a cabeça, o que faz com que uma onda de dor se espalhe por minhas têmporas.

Não, não pode ser.

Mais uma vez, tento me levantar, sabendo que, se ficar no chão, estou frito.

Mas eu escorrego em algo, algo que não posso nem considerar suas

origens sem a ameaça de vômito.

"Amy?" Eu falo baixo.

Ela me vê por cima de um dos ombros maciços de Yadier e se afasta.

Mas que diabos?

"Eu estava esperando por você, padre!" grita Yadier. Para um homem tão grande, ele se move surpreendentemente rápido, cobrindo o terreno entre nós em poucos instantes.

Mesmo que eu não estivesse escorregando sobre as vísceras de um pobre coitado, duvido que conseguisse sair do caminho do ataque de Yadier.

No entanto, consigo fechar os olhos porque, mesmo depois de tudo o que vi hoje, no fundo sou apenas uma criança assustada.

Fico esperando o golpe mortal que nunca vem. Em vez disso, sinto dedos grossos envolverem minha garganta.

Yadier não tem problemas em me levantar com apenas uma mão, o que lembra exatamente a mesma coisa que fiz com Davey Scump na *casa de Denise*. Faz sentido - nós dois estamos possuídos por demônios, afinal de contas.

Só que a minha decidiu que agora é hora de tirar uma pequena sesta.

Meus olhos se abrem e me vejo olhando para o rosto distorcido do homem.

É desumano. A membrana leitosa, ou o que quer que seja que mantém demônios e humanos separados, está se diluindo, não há dúvida disso. As feições de Yadier oscilam, dando-me um vislumbre de algo terrível por baixo.

Algo com olhos amarelos com pupilas verticais. Um crânio de símio coberto por uma pele dura, não exatamente escamosa, mas de couro. E tem uma boca tão cheia de dentes que não é apenas o sonho molhado de um ortodontista, mas também a promessa de pagar os três divórcios do homem e ainda sobrar o suficiente para compensar a ladyboy tailandesa que o está extorquindo de uma vez por todas.

Em seguida, ele volta para o bom e velho Yadier Garcia, que é, sem dúvida, ainda mais feio do que o demônio que o possui.

Arranho sua mão, mas é inútil. Não consigo nem mesmo romper a pele grossa.

A espuma escorre dos cantos da boca de Yadier e sinto meu coração bater dentro da minha cabeça latejante.

"Amy..." Acho que digo, mas a palavra provavelmente soa como: "*Ahhhmmehhh*."

Ainda assim, quando a garota desvia seus olhos escuros, ela provavelmente entende.

E, ainda assim, ela não faz nada.

"Senti sua falta, padre..." Yadier sibila.

Ele aperta ainda mais forte e minha visão começa a girar. Minhas mãos caem para o lado do corpo e, pouco antes de perder a consciência, meus braços ficam frouxos e os olhos reptilianos de Yadier deslizam para meus antebraços moles.

Ele vê a marca do tridente em meu pulso e hesita.

É o momento pelo qual Merzoth estava esperando e, finalmente, meros segundos antes de meu mundo ficar preto e, como Sting no final de uma sessão de sexo massivo, o demônio dentro de mim finalmente aparece.

Sou eu, oi, eu sou o problema, sou eu...

"Estamos lotados", eu digo. "Não posso deixar mais ninguém entrar."

O homem com o uniforme de segurança olha para mim. Um desses olhares.

"Ela quer mais pessoas aqui", o guarda me informou.

"Entendo isso, mas já estamos acima da capacidade. Isso pode se tornar perigoso."

O homem grande com o rosto rechonchudo faz beicinho.

"Qual é o seu nome, garoto?", ele pergunta de forma paternalista.

"Ian. Ian Kennedy."

"Risque isso, eu não me importo com seu nome. Sabe quem mais não se importa com seu nome?"

"Minha..." Estou prestes a dizer *minha namorada*, porque já a vi rindo e massageando os seios de uma das seguranças à minha direita, mas o cara não me deixa falar.

"Taylor. A Taylor não se importa. Ela quer mais pessoas. Portanto, deixe-os entrar ou eu o demitirei e contratarei alguém que faça o que eu digo."

Suspiro e pego o rádio em meu ombro.

"Brent deixa mais dez..." o guarda me olha com um olhar penetrante. "- Deixou mais vinte pessoas entrarem."

O rádio está tocando.

"Tem certeza, Ian? Há pelo menos..."

"Faça isso."

As portas da pequena boate se abrem e vejo um grupo de pessoas entrar. Cinquenta delas, talvez mais.

"Putá que pariu", murmuro baixinho. Aperto o botão do meu rádio e grito: "São muitos, Brent! São muitos!"

O homem tenta responder, mas não consigo ouvi-lo, pois Taylor Swift entra no palco de repente. Ela começa a cantar a letra de uma de suas canções de sucesso enquanto a música toca nos alto-falantes.

A multidão explode e se empurra para frente.

"Para trás!" Eu grito. "Para trás, porra!"

Ninguém me ouve e eles empurram com mais força ainda. Em segundos, as pessoas que estavam esperando há horas para ouvir Taylor nesse show pop-up em uma boate pequena e de merda de Minneapolis - existe algum outro tipo? Seus olhos se arregalam e elas tentam aliviar a pressão pulando para cima, mas a equipe de Taylor as empurra de volta para baixo.

"Deixe-os subir!" Eu grito.

O homem de saco de batatas que me instruiu a deixar mais pessoas entrarem balança a cabeça.

"Que se dane isso."

Eu pulo do palco e tento fazer algum controle de solo.

Isso é um erro.

Em poucos instantes, eu me tornei um com a multidão que gritava, não empolgada por ver Taylor, mas implorando para poder subir de volta.

O mar de pessoas me empurra por trás e sinto minhas costelas se quebrarem ao serem comprimidas contra o palco.

Estendo minha mão, mas o segurança gordo apenas sorri para mim.

E então tudo fica preto.

Estou morto.

Eu sei disso e, por algum motivo, isso não me entristece.

Quando eu encontrar Deus, vou lhe dizer...

"Olá, Ian."

A natureza de barítono da voz me assusta. É tão profunda e ressonante que meus molares tremem. É uma sensação terrivelmente desagradável.

"Onde estou?" Eu não digo essas palavras, pelo menos, acho que não digo. Elas simplesmente aparecem na minha frente como aquela cena bizarra de flashback de *Kill Bill*.

Estou morto.

Os mortos têm olhos? Talvez. Provavelmente. Se tivermos, eu pisco e minha visão fica clara.

Estou em um prédio preto e escuro com tetos tão altos que só o fato de olhar para cima já é suficiente para inspirar um tremendo ataque de vertigem. Fico olhando para frente e então o vejo.

Estou vendo.

Uma besta enorme, vermelha e com chifres está sentada em um trono.

Eu deveria estar prestando atenção na mandíbula retorcida da fera, quase como a de um cavalo, ou até mesmo em seus olhos vermelhos

rodopiantes. Ou talvez nas mãos em forma de clava, terminando em garras vermelho-sangue, que batem ritmicamente nos pomos da cadeira construída com o que só podem ser crânios humanos.

Mas não estou.

Meu olhar é atraído para o enorme pênis pendurado entre as pernas nuas da coisa.

É enorme, terminando em uma cabeça que faria o Sino da Liberdade se encolher de vergonha.

A coisa ri e sinto o vômito subir em minha garganta etérea.

"Ilan, sua decisão de permitir que mais pessoas entrassem no show causou a morte de dezesseis pessoas."

Minha decisão? *Minha* decisão?

"I-"

"Você se tornará um dos meus servos", grita Satanás. "Você renascerá e, quando chegar a hora, voltará para a Terra e cumprirá minhas ordens." De repente, um líquido vermelho espesso escorre ao redor de meus pés, alcançando rapidamente meus tornozelos. "E quando isso acontecer, você terá um novo nome. Eu o chamarei de... *Merzoth*."

Episódio 21: Hot as Hell

Você... você acabou de recitar uma música da Taylor Swift?

Tenho certeza de que esse é o caso, e agora que vi o verdadeiro Merzoth - Ian Kennedy, que chato - também sei por quê.

Mesmo assim... que porra é essa?

Estou de volta à minha cabeça, compartilhando o espaço com Merzoth.

Não é uma visão bonita.

Eu esperava que a situação se invertesse, que Merzoth agora tivesse Yadier pela garganta, talvez usando minha mão livre para arrancar aquelas veias repugnantemente torcidas no peito do homem.

Não.

Merzoth conseguiu rasgar uma dessas veias e o sangue negro e espesso cobre a parte superior do tronco do homem. Mas isso não parece incomodar Yadier nem um pouco; em vez disso, a risada horrível da fera sugere que ela está realmente aproveitando esse momento.

E por que não seria?

Afinal de contas, oito anos atrás, eu havia frustrado o plano de Yadier... qualquer que fosse esse plano.

Eu lhe disse que ele era muito forte. Eu lhe disse, Merzoth sibila.

Ótimo momento para uma lição, Merzoth. Agora, faça alguma coisa, porra.

Mas a força de Merzoth, assim como a minha, foi completamente minada.

O que piora as coisas é que não só não consegui respirar completamente por quase dois minutos - talvez mais... quem sabe quanto tempo se passou enquanto eu estava nas memórias de Merzoth - como também não vejo mais a Amy. No lugar em que ela estava, agora há o que só pode ser descrito como uma ruptura no continuum espaço-tempo.

Sim, eu sei que isso parece ridículo. Mas de que outra forma você quer que eu o chame?

Vejo lágrimas verticais azuladas pairando no ar, como a vagina gigante da *Smurfette*. E do outro lado dessa anomalia, não vejo a porta que arrombei - vejo aquela torre negra gigante e aqueles demônios parecidos com morcegos girando em torno dela.

Vejo rios de sangue.

A coisa da grávida que grita.

Você já entendeu.

Então, sim, talvez portal seja uma descrição melhor para a coisa que está espumando e fervendo diante dos meus olhos.

De qualquer forma, isso não é bom.

"Você pensou que poderia me derrotar?" O demônio que possui Yadier rosna.

Não estou disposto a responder, mas a pergunta não é dirigida a mim.

Ele está falando com Merzoth.

"Um maldito demônio humilde como você?" Mais risadas.

Os lábios de Yadier se afastam lentamente, e vejo dentes demais dentro daquela boca. Enquanto observo, os lábios se esticam em proporções cômicas, e toda a estrutura do rosto do homem começa a mudar, tornando-se quase semelhante a um lobo.

Quando o focinho se estende para a frente, a saliva espirra em meu rosto.

Pisco rapidamente, tentando manter minha visão livre da substância pegajosa.

Yadier percebe meu desconforto e sua risada se intensifica. O som é tão ressonante que faz meus olhos lacrimejarem.

Isso é muito importante para manter minha visão em condições de funcionamento.

E então ele aperta.

Ouçó algo em minha garganta ranger. Provavelmente o som daqueles estranhos músculos ou veias ou o que quer que seja, coisas que você só consegue ver quando se encolhe, estalando.

Mas, acredite ou não, isso rapidamente se torna uma reflexão tardia, porque o apartamento de merda é repentinamente preenchido por um som de rasgo muito familiar.

Percebo que não é apenas a minha alma que está sendo separada do meu corpo, mas a de Merzoth também. Nós dois estamos sendo puxados como caramelos espirituais e o ar ao nosso redor parece estar sobrecarregado de eletricidade.

Não, eu tento gemer, mas não há como minhas cordas vocais fodidas criarem qualquer som.

Inadvertidamente, eu me concentro nos olhos de Yadier. As pupilas verticais já não existem mais.

Em seu lugar, há duas piscinas de sangue e sangue.

Vamos lá, isso de novo não...

Estou cansado de ficar indo e voltando para o inferno. Não posso nem morrer como uma pessoa normal?

Mas desta vez é diferente. Quando olhei nos olhos de Merzoth, fui transportado para um lago de sangue e olhei para a flora e fauna monocromáticas do Inferno.

Agora, estou bem no centro do matadouro.

Reconheço onde estou pela memória de Ian Kennedy.

Falando em Ian Kennedy... ele provavelmente merecia ser mandado para o inferno. Não por deixar aquelas pessoas entrarem quando o local já estava lotado, mas porque ele teve a audácia de trabalhar em um show da Taylor Swift.

Se isso não for uma indicação de pura maldade e merecimento de sua alma, então o que é? Desculpe, Travis Kelce, não me importa quantas bolas você pegue no Super Bowl, você está fodido.

Estou divagando.

À minha frente, aparece a entidade com chifres que confrontou Ian. Eu tento - eu *realmente* tento não olhar para o pênis dele. Mas é impossível - é como a foto do pênis de Drake que apareceu na Internet. Todo mundo e sua mãe viram isso, querendo ou não.

Mas, diferentemente dessa imagem, esta não é gerada por IA.

"Padre Cole Bannen", diz a fera.

Não tenho certeza absoluta, mas as palavras poderiam ter vindo da uretra escancarada de Satanás. É como uma versão menos listrada e mais venenosa do Sandworm de Beetlejuice.

"Estou esperando há muito tempo para vê-lo."

Muitas pessoas imaginam o momento em que finalmente encontrarão seu Criador e expiarão seus pecados. E quando Satanás começa a listar uma ladainha de meus próprios crimes, desde alcoolismo, uso de drogas, tentativa de suicídio, sequestro de um menor e todos os tipos de coisas desprezíveis que fiz na prisão e que prefiro não repetir aqui, começo a ficar zozinho.

O que é a vida de um homem? Eu me pergunto. *O que é a vida de um homem se não um resumo de suas deficiências?*

Yech, não posso acreditar que estou usando essa palavra - *virando* - enquanto olho para o membro de Satanás.

"Você, pai, renascerá como um demônio alado e se juntará ao meu exército para a guerra que está por vir."

Ignoro a última parte porque é um clichê e tanto... bem, que inferno. Mas e a outra?

Um demônio alado? De verdade? Um morcego fodido?

Satanás está tentando fazer com que isso pareça impressionante, mas não consegue.

Eu zombo disso porque o que mais eu poderia fazer?

"É isso? Um daqueles morcegos fodidos? Vamos lá, você pode fazer melhor. Afinal de contas, sou um padre, pelo amor de Deus. Não posso ser algo mais... sei lá... assustador do que um rato alado?"

O vapor irrompe das narinas de Satanás, assim como de seu pênis.

"Você é um lixo, pai. E você não é digno..."

E... estou de volta.

A princípio, não faço ideia do motivo. Mas, então, vejo que os olhos de Yadier mudaram novamente, deixando de ser uma poça vermelha turva e voltando a ser uma coisa amarela de jacaré.

Atrás da fera, com o peito coberto de sangue preto que lembra a merda que saiu dos tentáculos do homem gordo no necrotério, está Diego.

Não posso deixar de sorrir.

Você veio me ajudar! Você veio para...

Sim, lá se foi meu sorriso.

Diego está segurando o cabo do que parece ser um facão de 30 centímetros de comprimento, que ele enfiou nas costas de Yadier.

O homem-fera grita e suas mãos imediatamente tentam puxar a lâmina para fora. Sem mais estar preso pelo pescoço, caio no chão.

Respiro fundo, sentindo lâminas de barbear no interior de minha garganta.

Tonto, sinto-me tentado a me enrolar em uma bola e dormir, e acordar quando esse pesadelo induzido pelo álcool finalmente acabar.

Mas então Yadier balança seus braços robustos e um deles dá um tapa nos ombros de Diego, fazendo-o voar.

"Diego!" Eu grito enquanto a fera uiva de dor novamente e tenta, de forma ineficaz, agarrar a lâmina. É como ver um homem tentando estourar uma espinha entre as omoplatas. Só que se trata de um demônio, não de um homem, e a espinha é um facão.

De onde diabos ele tirou um facão?

Agora! Merzoth rosna. As contas! Agora!

Ele/ela/eles/eles/qualquer coisa soa diferente agora. Examino o ar ainda espumante e vejo o demônio.

Merzoth se separou completamente de mim e agora está se escondendo, como um fantasma, à minha esquerda.

Meu primeiro pensamento não foi de grande gratidão por finalmente ter me livrado do demônio, mas de *"Que porra é essa, Satanás? Eu sou um padre descrente, sacrílego até a medula, e você queria me transformar em um morcego de merda? Mas o Ian Kennedy é transformado em uma besta gigante com chifres e um pênis de 18 centímetros? Ainda está muito longe de seu membro impressionante, mas... não parece justo.*

Por outro lado, Taylor Swift...

Fico olhando para Merzoth por mais um momento e, então, a fera faz um gesto em direção ao meu bolso.

Com Yadier ainda fazendo sua dança estranha, retiro as contas anais do meu roupão.

Elas são pretas e duras, como as bolas devem ser.

Em seguida, pego minha cruz e começo a pronunciar essas palavras, que agora parecem blasfêmia na minha língua.

"O poder de Cristo o compele! O poder..."

Não, não é isso.

Limpo minha garganta irritada e tento novamente.

"Aquele que crer e for batizado será salvo; mas aquele que não crer será condenado!" Sinto como se tivesse passado os últimos três dias mastigando vidro. "E eles se recuperarão. E eles se recuperarão!"

Diego, apenas meio consciente, começa a repetir as palavras comigo.

Os gritos de Yadier se tornam ainda mais frenéticos, atingindo um tom que faz com que meus olhos lacrimejantes vibrem dentro do meu crânio.

A cisma por trás do homem-demônio começa a se fechar, mas esse fenômeno surreal é rapidamente igualado por outro.

As almas estão saindo de cada um dos orifícios de Yadier, do nariz ao ânus. Não são almas de demônios, mas almas *humanas*.

Vejo uma garota, não mais velha do que Amy era naquela época, rodopiar e depois ir para o céu antes de desaparecer nas telhas rachadas do teto.

Vejo um homem idoso e uma mulher de meia-idade. Dois meninos, gêmeos, acho que no final da adolescência.

Lembra-se do turbilhão que aconteceu quando o Merzoth entrou em mim pela primeira vez, vindo daquele pobre viciado em Albuquerque?

Isso é assim, só que, como todos os gurus de negócios na Internet gostam de dizer, 10x *maior*.

É tão caótico o ambiente, o turbilhão de vento, trovões, chuva e todos os outros desastres naturais que culminam neste pequeno apartamento, que tenho dificuldade para me concentrar em algo específico.

Centenas de almas, talvez até mil delas, sobem em espiral. Elas estão tingidas de azul como se fossem apenas fagulhas de fumaça de um dos muitos cigarros que consumi durante minha vida.

E então, tão abruptamente quanto isso começa, tudo termina.

Tudo fica em silêncio.

Não pode ser assim, eu acho. Tudo isso não pode terminar em um "queef". Não nesta história, não na minha história.

Mas, de fato, parece que isso finalmente acabou.

Restam apenas duas almas. Merzoth é uma delas, agachado a um lado, com sua forma mais tênue do que momentos antes.

A outra pertence ao demônio que habitava Yadier Garcia.

"Qual é o seu nome, demônio?" Ouço Merzoth perguntar em seu sussurro rouco.

A besta pesada não é tão grande quanto Merzoth, e ele claramente não se comprometeu totalmente com a rotina de cuidados com a pele

do meu companheiro. A carne do demônio de Yadier está coberta de pústulas e infinitamente mais daquelas veias retorcidas.

Seria de se esperar que essas fossem as características mais proeminentes do demônio.

Você estaria errado, mas suponho que já esteja acostumado com isso - ah, como as coisas mudaram, não é mesmo?

O demônio de Yadier é algo parecido com um centauro, mas sem o aspecto humano.

Eu sei o que você está pensando.

Ei, idiota, um centauro sem a parte humana... isso não é apenas um cavalo?

Mas chamar isso de cavalo é como dizer que Lady Gaga tem um nariz mediano, embora um pouco proeminente, ou que Woody Allen tem uma leve queda por um de seus familiares mais próximos.

É mais como um cavalo demoníaco esticado com cabeça de lagarto.

Então, espertinho? Como você chama isso?

Uma lizatrice? Um horsazard?

Agora, estamos definitivamente infringindo algum direito autoral obscuro do *Pokémon*.

Vá se foder, quem se importa. Essa merda é simplesmente assustadora.

Merzoth avança - apenas um demônio, uma coisa com chifres comum - e enfia a mão no estômago do cavalo. É estranha a maneira como suas duas formas parecem se fundir e, quando estou tentando pensar em um nome para essa abominação, a coisa-cavalo joga sua cabeça reptiliana para trás e uiva.

"Qual é o seu nome?" Merzoth exige novamente.

E, dessa vez, a besta abre a boca e, através de todos aqueles dentes mutilados, diz uma palavra.

Não é Merzoth, não é Cerugleang, mas *Zarthanox*.

Eu não sei - você não pode inventar essa merda. Parece uma nova droga para TDAH que as crianças estão destinadas a usar e abusar para aumentar seu GPA de 2,1 para 2,4 em troca de anos de dependência e casamentos fracassados.

O demônio Zarthanox grita e começa a girar, sua cabeça se esticando de forma não natural - mais não natural, suponho - em direção ao cordão anal que repousa um pouco confortavelmente demais na minha palma. Sinto-me inclinado a deixá-la cair, mas sei que, se o fizer, o feitiço será quebrado. Ou acho que sei, porque, francamente, não sei de nada.

"E eles se recuperarão!"

Eu me seguro com força enquanto o demônio é sugado para dentro da noz. Ele quase desapareceu completamente, mas, no último segundo, um de seus membros ficou para trás.

A princípio, é como se eu estivesse testemunhando um dos apertos de mão fantasmas de Joe Biden, literalmente alcançando alguém ou algo que somente o POTUS pode ver.

Mas então, com horror, eu o vejo agarrar-se à mão de Diego.

"Diego!" Eu grito, mas os olhos do homem apenas se arregalam e reviram.

O último pedaço de Zarthanox que restou neste plano desaparece na carne de Diego. Seus dedos se esticam e ficam tensos, e vejo a pele do meu amigo se manchar com aquelas estranhas veias negras.

Elas ficam mais grossas a cada segundo e começam a subir pelo antebraço.

"Uhh, Diego?"

Meus olhos se voltam para Merzoth, que ainda está agarrado a essa realidade por um único fio de cabelo.

Ele dá de ombros, sem saber o que fazer.

Que bom.

De repente, Diego emite um grito agudo e agarra o cotovelo de sua mão infectada. As veias se contorcem como sanguessugas grossas logo abaixo da superfície.

Preciso agir rapidamente, mas não tenho mais nada em mim.

Felizmente, um de nós tem.

Nem eu, nem Merzoth e muito menos Diego.

Amy aparece, com o rosto pálido coberto de suor. Ela caminha até o cadáver do pai e coloca os pés de cada lado dos ombros largos dele. Em seguida, ela agarra o facão, cuja origem continua a me deixar perplexo, e o solta.

"Amy?"

Amy nem sequer olha em minha direção. Ela apenas brandiu a lâmina coberta de sangue sobre a cabeça e a balançou para baixo em um arco suave.

Diego grita quando seu braço esquerdo, do cotovelo à mão, é cortado de seu corpo.

Capítulo 22: Ainda não acabou

"Eu tive que fazer", sussurra Amy. "Eu não tinha escolha."

E, a julgar pela forma como a mão no braço decepado de Diego está torcida em uma garra e ainda se contorcendo como algo saído de *The Evil Dead*, estou inclinado a concordar.

Mas isso não muda o fato de que há sangue jorrando do coto de Diego.

Então, corro até ele, ajoelho-me e libero o cinto em volta da minha cintura. Enrolo-o rapidamente em torno de seu cotovelo e o aperto o máximo possível.

No início, acho que não está apertado o suficiente - o sangue continua a vazar.

"Fique comigo, Diego. Fique *comigo*."

O fluxo sanguíneo diminui, e eu dou um leve tapa no rosto do meu amigo.

"Fique comigo, seu filho da puta".

Os olhos de Diego se voltam para frente e se concentram em mim.

"Nós terminamos?"

Eu sorrio e lágrimas salgadas escorrem por meus lábios.

Com as pérolas anais ainda em minha mão, eu as empurro para perto do braço decepado de Diego. Há um som de sorvo como o de alguém lutando para tirar o último boba de um copo de chá de bolhas usando um daqueles canudos de papel idiotas.

Em seguida, a mão fica parada e a conta se agita com uma nova atividade.

O Zarthanox finalmente acabou.

Eu suspiro.

Que diabos acabou de acontecer?

Meus olhos caem sobre Amy, que deixa cair a lâmina encharcada de sangue. Ela se espatifa no chão.

"Obrigada", ela sussurra. "Obrigada."

Amy corre e me abraça pelo pescoço. Eu quase a abraço de volta, mas então me lembro do que Diego me disse que tinha visto do lado de fora do apartamento.

Eu a empurro para longe.

Ela olha para mim, com dor em seus olhos úmidos.

A garota sabe o que estou pensando e sente a necessidade de explicar.

"Ele me obrigou a fazer isso. Ele tinha minha mãe e disse que a mataria se eu não trouxesse as meninas." Amy está chorando completamente agora.

Tento entender o que ela está dizendo.

"Sua... mãe?"

Lembro-me de quando sequestrei Amy e acabamos voltando para a *casa de classe da Denise*. Na época, estávamos procurando a mãe dela, pensando que Amy estaria segura com ela.

Qual era o nome de sua mãe?

Margo? Maçãs doces? Scissor Sammy?

E então me vem à mente: Mandy.

Digo o nome em voz alta, porque, como Merzoth me ensinou, Merzoth que, de alguma forma, ainda está por perto como um cheiro ruim, os nomes têm poder.

Amy se afasta rapidamente de mim e desaparece de vista. Ela retorna segundos depois, arrastando uma mulher abatida com ela. Mandy está imunda, com o rosto coberto de merda.

Mas, apesar da sujeira, ela tem uma leve semelhança com Amy.

Eu fiz isso, acho que com um sorriso. Eu a salvei. Salvei os dois.

Sei que o orgulho é um pecado mortal, mas, que diabos, eu mereço meu momento.

Enfrentei uma horda de demônios, fui para o inferno várias vezes, olhei diretamente para o pênis de Satanás e vivi para contar a história.

Ninguém acreditará em mim, é claro, e se eu contar a alguém, provavelmente serei jogado no manicômio, mas mesmo assim.

Eu consegui.

"Sacerdote..."

A voz de Merzoth me faz voltar de minha ejaculação comemorativa. Ele está olhando para Mandy, cuja cabeça continua enterrada no ombro da filha.

Ela deve ter percebido meus olhos porque a mulher olhou para mim.

Ah, droga.

"Amy?" Eu digo.

Amy não faz nada além de abraçar a mãe com mais força. Ao fazer isso, vejo de relance o pulso de Mandy.

As três cicatrizes vermelhas são inconfundíveis. Mandy tem a marca da possessão, o tridente do demônio.

Meu coração, antes repleto de orgulho e alegria, se esvazia sem cerimônia como um penico.

"Amy!"

Um sorriso se insinua no rosto de Mandy. E então a mulher-fera mostra os dentes e levanta a cabeça, preparando-se para cravar suas presas na garganta desavisada de Amy.

Eu me levanto, deixando Diego deitado no chão e dando um soco direto nos olhos de Mandy.

Agora, apesar de todos os meus defeitos que você vivenciou durante essa jornada, que são muitos, bater em uma mulher não foi um deles.

Até agora.

O golpe é forte e direto, e a cabeça de Mandy se volta para trás. Amy, chocada, dá um pulo e grita.

E então Merzoth está sobre Mandy.

"Qual é o seu nome, demônio?"

Como qualquer boa mulher demônio, Mandy era subserviente ao marido e, sem ele, ela rapidamente renuncia a qualquer domínio que tenha sobre este mundo.

"Megan", diz ela.

Só posso levantar minhas mãos.

Todos os outros demônios têm um nome estranho, mas esse se chama... *Megan*?

Me dê um tempo.

Mas funciona - Megan gira, há uma tempestade menos intensa e, então, *plop*, ela está de volta ao lado do marido, presa dentro de um cordão anal.

Há uma simetria romântica nisso.

"O que você fez?" Amy ofega. Ela me dá um tapa no peito com as duas mãos ensanguentadas. "Pai, o que você fez?"

"Sinto muito, mas aquela não era sua mãe".

Amy me bate repetidamente, e percebo que ela não está brava comigo. Em vez disso, Amy está brava consigo mesma.

De todas as almas que vi saírem de seu pai, Amy foi responsável pela grande maioria delas. Ela as atraiu para essa espelunca, convencida de que, se não obedecesse, seu pai sacrificaria sua mãe e, provavelmente, ela também.

Um ardil.

Um demônio em... *uhh...* roupa de cavalo/lagarto...?

No entanto, não a culpo.

Não a culpo por nada.

Afinal de contas, não estou em posição de julgar ninguém. Na próxima vez que Amy me atacar, agarro suas mãos e a aperto com força.

"O que *eu fiz*?", diz ela, virando o roteiro.

"Vai ficar tudo bem", minto. Definitivamente não vai ficar tudo bem. Mas no fundo de minha mente, um pensamento estranho me ocorre: se Amy quer expiar seus pecados, então pode haver uma maneira de ela alcançar a salvação.

É claro que fechei a cisma neste apartamento, mas não parei a guerra. Quantos filhos da puta de morcego eu vi no Inferno? Centenas?

Satanás está *chegando* - de novo - e tentará novamente.

Essa guerra ainda não acabou.

"Pai?"

Desta vez, não é o Diego ou a Amy, mas o Merzoth.

Eu o vejo, sua forma tão transitória que a luz que vaza pela janela encharcada de sangue é visível através de sua massa central.

Eu também vejo *dentro* dele; vejo Ian Kennedy, um garoto estúpido que permitiu que muitas pessoas entrassem em um show de Taylor Swift.

Ele fica olhando para mim, implorando, sem querer voltar para o inferno.

Meu olhar se volta para as contas anais em minha mão.

Ainda há alguns vazios e sei que tudo o que preciso fazer é pronunciar seu nome e, assim como Cerugleang, Zarthanox e... a maldita Megan, ele também será sugado para lá.

E finalmente me livrarei dessa voz dentro de minha cabeça, de uma vez por todas.

Mas ele me ajudou. Merzoth me salvou, ele me salvou em muitas ocasiões e, apesar de seus atos horríveis, apesar de Taylor Swift, eu lhe devo uma.

E, não vou mentir, às vezes era bom ter alguém dentro da minha cabeça fodida compartilhando meus pensamentos fódidos.

Lembro-me de todos os bons momentos que passamos juntos, de mãos dadas como crianças em um balanço. Festas de aniversário, rindo quando Merzoth tenta apagar as velas, mas o fogo que ele respira continua acendendo-as.

Na primeira vez que experimentamos álcool, vomitei em cima dos cascos fendidos de Merzoth.

A primeira vez que fiz sexo, com Merzoth escondido atrás das cortinas, acariciando sua carne masculina como o maldito pervertido que ele é.

Ok, tudo bem - nada disso aconteceu, mas você entendeu a ideia.

Com um suspiro, pronuncio palavras que, honestamente, nunca pensei que sairiam de meus lábios, mesmo durante aquelas primeiras semanas difíceis na prisão, quando eu estava tentando me certificar de que não acabaria com uma bunda como a de um ketchup.

"Entre em mim", eu digo.

Merzoth não hesita.

Pelo menos ele é um amante gentil. E por que não? Ian Kennedy era definitivamente virgem quando morreu.

Maldita Taylor Swift.

Ficamos em silêncio no carro por um longo tempo. Até mesmo Diego, que consegui consertar com um pouco de gaze que encontramos na espelunca que Amy chamava de lar e que ainda está usando o torniquete do meu cinto, consegue evitar choramingar.

Ok, talvez "consertar" seja um pouco exagerado. O que quero dizer com isso é que Diego não está morto.

Mas estamos todos exaustos, até mesmo Merzoth. Tenho quase certeza de que ele está de volta à minha cabeça, mas não disse nada desde que o convidei para entrar.

Por fim, é Amy quem fala. Amy, que ainda está coberta de sangue de só Deus sabe quem ou o quê, diz: "O que vamos fazer com todo esse dinheiro?"

Desvio os olhos da estrada - sou eu quem está dirigindo, pois Diego não está em condições de pegar no volante - e olho para o banco do passageiro. Amy descobriu pelo menos US\$ 10.000 em notas pequenas que ela e sua família haviam tirado das infelizes vítimas que sucumbiram ao plano demoníaco de Yadier e Mandy.

Há muitas coisas que posso fazer com essa quantia de dinheiro. A menor de todas é comprar uma prótese para o Diego.

Há também o fascínio do bourbon ilimitado.

Mas, na realidade, há apenas uma resposta certa para essa pergunta.

Talvez tenha sido o meu encontro com Satanás e seu pênis gigantesco cuspidor meus pecados que deixou a resposta clara em minha mente.

Talvez seja uma tradição.

Quem sabe?

Dirigimos todo o caminho de volta a Albuquerque sem parar. Por duas vezes, tenho certeza de que adormeci ao volante e, em ambas, acordei com o som dos pneus do carro vibrando nas faixas de rolamento.

Com o sol se pondo atrás de nós, finalmente chegamos à igreja do Padre McCutchen.

Quando pego a mochila, olho por cima do ombro e para o banco de trás.

"Diego?" Eu digo suavemente.

O homem estava dormindo profundamente, mas quando eu disse seu nome, ele abriu os olhos.

"Você está bem por mais alguns minutos? Depois que eu deixar isso aqui, vou levá-la ao hospital, está bem?"

Diego acena solenemente com a cabeça e então eu olho para Amy. Não preciso fazer a mesma pergunta a ela.

Ela já está balançando a cabeça.

Acho que é uma *garota difícil*.

Há uma estranha dicotomia entre o que passamos hoje e o que passamos há oito anos. Nós três em um carro naquela época - mais jovem, com mais braços, e Diego estava ao volante - mas ainda assim... a vida tem um jeito de fechar o círculo, não é?

É quase como se nada do que fazemos fosse realmente importante, como se nosso destino fosse predeterminado.

Saio do táxi reformado e caminho até a igreja. A cada passo, minha coluna se endireita um pouco mais. Dentro de minha cabeça, ouço Merzoth borbulhando e espumando como da última vez que estivemos aqui.

É bom saber que ele ainda está presente, mesmo que não fale.

Abro a porta e encontro o padre McCutchen no saguão, como se estivesse esperando por mim.

"Padre Bannen", diz ele. Espero que ele pergunte se estou bem, e me preparo para responder com *"Foda-se, não, não estou nem perto de estar bem, você não vai acreditar no dia que tive"*, mas ele não o faz.

Ele simplesmente se aproxima e os olhos do padre se voltam para a bolsa em minha mão.

Estendo meu braço e ele pega a bolsa de mim.

"É seu", eu digo.

O padre McCutchen dá uma olhada na bolsa, observa as notas salpicadas de sangue e franze a testa.

"Padre Cole, você gostaria de se confessar?"

Isso me surpreende e, a princípio, fico tentado.

Mas sinto que já me confessei hoje - ou, mais precisamente, Satanás confessou meus pecados por mim.

Vivi uma vida infernal e fodida.

E eu mal tenho trinta anos de idade.

Mas algo me diz que a verdadeira foda está apenas começando.

"Não, estou bem."

Com isso, giro sobre meus calcanhares e, com a cabeça erguida, começo a sair da igreja. Sou atraído de volta pelo som de outra voz. É rouca, quase irreconhecível, mas ainda sei quem está falando.

"Ei, padre."

A palavra "padre" não tem um sussurro bifurcado, mas os Ss são mais arrastados. E o desdém...

Quando me viro, vejo ninguém menos que o policial Frank Radar.

O homem parece pior do que eu, Amy e Diego maneta juntos.

Seu rosto não está apenas pálido, mas translúcido. Se eu não soubesse, pensaria que ele estava possuído por um demônio.

E talvez ele seja - a espécie *humana*.

Depois, há o pé dele. Está feio, tão inchado em sua bota policial que os cadarços se romperam. E enquanto ele avança, arrastando o pé, não consigo fazer nada além de ficar olhando.

"Achei que você voltaria para cá", disse o homem.

Ele não consegue correr - isso eu sei com certeza. Ele mal consegue andar.

Então, decidi que essa é provavelmente minha melhor opção.

Mas quando me viro, com a intenção de sair desse lugar sagrado, sou recebido por mais quatro policiais.

E todos esses homens parecem não apenas que me pegariam em um piscar de olhos, mas que realmente estariam dispostos a uma pequena perseguição. Seguida da costureira surra, é claro.

Percebo então que realmente reconheço o Frank Radar de antes.

Ele era o policial do beco, com quem falei quando ele estava investigando o drogado no chão com o peito aberto.

Você se lembra dele, certo? Aquele cujo coração eu consumi como um pudim de Yorkshire cheio de molho?

E eu realmente deixei Merzoth entrar em mim?

Eu estremeço.

Entrar em mim?

"Foda-se."

"Pegamos você", sibila Frank Radar, com um prazer sublime em seu tom agora. "Pegamos você por ter matado aquele cara no beco."

"Não exatamente", responde o policial gordo.

Os olhos de Frank se voltam para esse homem, estreitos, e ele sibila.

Aparentemente, não sou o único que acha que o policial Radar é um pedaço de merda.

"Encontramos algumas imagens de um fornecedor local. Esse viciado não foi morto - ele morreu de overdose. No entanto, nós o prendemos, padre Cole Bannen, por vários crimes, incluindo a profanação de um cadáver e canibalismo..." Os lábios do homem se transformam em uma carranca severa, e eu o vejo fungar como se estivesse lutando contra uma mordaca. "E nós o temos em vídeo fazendo -" ele não consegue nem mesmo nomear os atos. "- coisas que violam sua liberdade condicional. Você virá conosco."

O drogado já estava morto?

Se estou aliviado? Talvez.

Mas aprendi minha lição de comemorar antes do fim do jogo.

No entanto, desta vez, realmente parece que este é o fim.

Estou muito cansado para correr, estou muito cansado para fazer qualquer coisa.

Relutantemente, coloquei minhas mãos atrás das costas e o policial colocou as algemas.

Quando estou sendo conduzido para fora da igreja, dou uma última olhada no padre McCutchen.

Ele levanta uma mão e eu juro - juro por tudo o que é sagrado e tudo o que não é - que vejo três linhas em seu pulso.

A marca da posse.

Merzoth fala.

Eu lhe disse que não gostava do velho bastardo.

Então saímos da igreja, com meu queixo encostado no peito, mas meus olhos estão levantados o suficiente para ver que Amy está agora atrás do volante do carro e o moveu para um lado.

Diego está no banco do passageiro olhando para mim, com uma expressão de puro choque.

Balanço a cabeça, esperando que eles entendam o que quero dizer e não tentem fazer nada. A última coisa que quero acrescentar à minha lista de pecados é o homicídio veicular de um punhado de policiais.

Amy acena com a cabeça.

Ela entende.

Quando me colocam no banco de trás de um carro de polícia, tenho um pensamento.

Bem, um dos meus.

Vou voltar para a prisão. Pelo amor de Deus, vou voltar para trás das grades.

É uma frase perfeita para encerrar este dia, esta aventura, mas o idiota do Merzoth está inclinado a estragar minha despedida.

Vou lhe fazer companhia, pai. E comigo, você pode largar o sabonete sempre que quiser.

Epílogo: NGL, a maioria dos epílogos é apenas uma preparação para uma sequência. Esse não é diferente

O policial Frank Radar observa os outros policiais levarem o padre. Ele sabe que deveria sentir alguma satisfação, afinal de contas, ele colocou outro pedófilo atrás das grades. Mas não sente.

Tudo o que ele sente é raiva.

Claro, o homem violou sua liberdade condicional, mas o que isso realmente significa? O Padre Bannen voltará para a prisão por mais seis meses? Talvez um ano?

Se dependesse dele, Bannen iria para a cadeira elétrica.

"Posso ajudá-lo em alguma coisa, policial?" O velho padre pergunta em seu sotaque estúpido.

Você pode me ajudar? Sim, você pode me ajudar pendurando-se nessas vigas.

Mas Frank morde a língua. Há algo diferente nesse padre. Algo *estranho*. O que quer dizer alguma coisa, porque, na mente de Frank, todos esses padres são *estranhos*. São todos predadores, todos eles se juntaram ao clero por uma razão e apenas uma razão: estar perto de suas presas.

Mas esse homem geriátrico...

Frank se arrasta para a frente, estremecendo a cada passo.

Além de o pé ter inchado quase três vezes o seu tamanho, ele tem um cheiro horrível.

O padre o observa com curiosidade enquanto Frank estende a mão. O padre McCutchen, um homem de tradição, sente-se compelido a apertar o membro estendido.

Quando suas mãos se tocam, Frank não consegue soltá-las de jeito nenhum. Ele aperta com força os dedos artríticos do padre, sentindo os ossos se contorcere e girarem em sua palma.

Em seguida, ele vira a mão. Ao fazer isso, o manto preto do homem escorrega, revelando três cicatrizes verticais logo acima do pulso.

E depois do que aconteceu no necrotério, Frank acha que sabe exatamente o que isso significa.

Algo estranho começa a acontecer com o rosto de Frank.

Os cantos de seus lábios se contraem, tremem e depois se inclinam para cima.

É um sorriso?

Sim, ele acha que é.

E ele odeia cada segundo disso. Mas sua aversão não ajuda em nada a eliminar a expressão. Ou o sentimento que está brotando em seu íntimo.

"O que você está - o que está fazendo?" pergunta dolorosamente o padre McCutchen. Ele tenta puxar sua mão para trás, mas Frank a segura.

"Dê para mim", ele sibila. "Me dê *agora*."

"Eu não sei..."

Os olhos do padre McCutchen mudam no meio da frase. Passam de um avelã profundo para um marrom sangrento.

E então, quando Frank sente algo começar a rastejar da mão do padre para a sua, ele vê o Inferno inteiro passar em sua mente. Naquele momento, ele sabe que tem um propósito maior do que apenas lidar com padres doentes.

Ele deve trazer o inferno para a Terra.

E então Frank ouve um nome ecoar por toda a igreja.

Com os lábios ainda retorcidos em um sorriso lascivo, Frank Radar diz: "*Belzafyre*, entre em mim. Entre em mim *agora*".

Frank usou o poder do nome do demônio, e a entidade não tem escolha a não ser obedecer.

Ele estremece e sua cabeça se inclina para trás com tanta violência que seu cabelo oleoso bate na parte de trás do pescoço.

Por fim, ele solta a mão do padre McCutchen.

Olá, Frank, uma voz profunda e estrondosa diz dentro de seu cérebro. *Vamos fazer grandes coisas juntos. Grandes e maravilhosas coisas. Uma guerra está chegando, e nós vamos liderar o exército de Satanás.*

Nota rápida

Isso marca o fim de *Bad Priest*, que estou triste por ter concluído. Escrever um romance em série, juntamente com a criação do podcast, foi uma experiência nova para mim.

Grande parte deste livro é irônico, e eu zombo de tropos comuns do gênero, assim como de mim mesmo (e de alguns presidentes - mas não se preocupe, eu equilibrei as coisas no final).

Dito isso, este não é apenas um livro de piadas.

E, como o epílogo faz alusão, há muito mais nessa história. Na verdade, já comecei a escrever um livro com Max e Cody, que se encaixará perfeitamente no mundo de *Bad Priest*. Eu também adoraria explorar mais a história do Padre Bannen.

Se eles serão concluídos, depende de vocês. Eu sei, eu sei - muita pressão, certo?

Deixe uma avaliação para os capítulos individuais ou para o livro completo. Conte a um amigo.

Apenas avise-os, primeiro; eles *ficarão* ofendidos. Eles têm que ficar. Se não, bem... então eu errei o alvo em algum ponto do caminho.

Obrigado por seu apoio, por me ajudar a fazer a única coisa que sempre quis fazer em minha vida. Contar histórias, fazer com que você, o leitor, sinta *algo*... mesmo que esse algo seja uma maldita dor de cabeça por ouvir Merzoth reclamar.

Que puta.

Como sempre, continue lendo e eu continuarei escrevendo.

Melhor,
Pat

Montreal, 2024

Outros livros de Patrick Logan

Detetive Verônica Shade

A cor do assassinato

O cheiro do assassinato

O som do assassinato

O Toque do Assassinato

O sabor do assassinato

Detetive Damien Drake

Beijos de borboleta

Causa da morte

Download Murder

Rei Esqueleto

Tráfego humano

Senhor das Drogas: Parte I

Senhor das Drogas: Parte II

Luta premiada

Quase Infame

Homem de palha

Empresa perigosa

Rosto feliz

Thrillers do FBI de Chase Adams

Frozen Stiff

Suspeito das sombras

Desenho de um morto

Alerta Amber

A história de Georgina

Dinheiro sujo

Cova do Diabo

Mulheres pintadas

Efeitos adversos

Já morto

Evidência direta

Sangue contaminado

Carga mortal

Atirador ativo

Dr. Beckett Campbell, médico legista

Bitter End

Doador de órgãos

Injetando fé

Precisão cirúrgica

Não ressuscitar
Extraíndo o mal
Residência do Mal

Thrillers de Tommy Wilde

Uma noite selvagem
Duas Semanas Wilde
Três meses de Wilde
Quatro famílias Wilde

Não se esqueça de dar uma passada no meu grupo do Facebook e dizer
oi! <https://www.facebook.com/groups/LogansInsatiableReaders/>

Este livro é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e incidentes deste livro são totalmente imaginários ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou com lugares, eventos ou localidades é inteiramente coincidência.

Direitos autorais © Patrick Logan 2024

Design de interiores: © Patrick Logan 2024

Todos os direitos reservados.

Este livro, ou partes dele, não pode ser reproduzido, digitalizado ou disseminado em qualquer formato impresso ou eletrônico.

Primeira edição: Março de 2024